

4 MAPEANDO OS USOS DO ESTÁDIO E SUAS MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES

Quando da reabertura do Maracanã, em 2013, uma das maiores preocupações dos antigos frequentadores, dos atletas e de parte da crônica esportiva relacionava-se a de que forma a mudança de perfil socioeconômico desejada para o público e a imposição de uma série de restrições a modos de torcer historicamente construídos e consolidados afetaria o ambiente produzido no interior de suas instalações. Para grande parte dos torcedores avulsos tradicionais, a impossibilidade de arcar com os crescentes custos relacionados à ida ao estádio como programa individual ou familiar, aliada ao confinamento em assentos marcados e numerados inviabilizando, por exemplo, a junção de grupos de amigos, reforçava esse temor. Aos componentes dos MOTs, havia a restrição inicial à entrada no renovado recinto portando bandeiras, instrumentos musicais, além da criminalização de comportamentos tradicionais (cantos ofensivos ao rival, permanecer sem camisa ou mesmo o hábito de assistir em pé à disputa), passíveis agora de punição para o clube ou mesmo de exclusão do indivíduo daquele ambiente. Em menor grau, tal processo de substituição da plateia causava um temor por parte dos grupos de comunicação responsáveis pelas transmissões das competições. Havia um receio de que a ausência de um cenário condizente com o que se espera para a realização do espetáculo tornasse a partida de futebol um produto menos atraente para o público telespectador.

A tentativa de imposição de um novo perfil de torcedor-consumidor seguia uma lógica que procurava transformar a paixão pelo clube do coração em *commodity*. Não seria primordial se manifestar de forma efusiva ou, simplesmente, torcer. O verdadeiro “apaixonado” passou a ser compreendido como o indivíduo que adquire produtos oficiais, filia-se ao programa de Sócio-Torcedor e está disposto a desembolsar valores significativos para acompanhar a equipe e respeitar as regras de convivência estabelecidas para o novo ambiente.

Todavia, a tensão produzida entre verticalidades e horizontalidades alterou o planejamento proposto para parte do complexo poliesportivo e impediu, até o momento, a concretização do projeto original que previa o arrasamento do Estádio de Atletismo Célio de Barros, do Parque Aquático Júlio Delamare e da Escola Municipal Friedenreich. No plano interno, mesmo antes da reinauguração, o Maracanã era objeto de um embate constante entre a imposição de um *nomoespaço*, compreendido como a concordância e obediência às normas

que transformam os espaços de uso coletivo em espaços disciplinares, conduzindo a uma atomização do torcedor, transformando-o em espectador/consumidor; e o *genoespaço*, representado pela tentativa de sobrevivência das tradicionais expressões coletivas de torcer (muitas vezes criminalizadas nesse modo modelo proposto/imposto) às quais denominamos Movimentos Organizados de Torcedores (MOTs).

A imposição do torcedor-consumidor em substituição ao torcedor clássico enfrentou uma série de resistências que afetaram o novo Maracanã na qualidade de espaço vivido. Sendo assim, partindo do princípio de que o “velho” estádio não retornará à sua forma original e a transformação da nova arena como espaço de consumo enfrenta dificuldades em se consolidar como tal, o presente capítulo tem como objetivo principal analisar de que maneiras o público frequentador tem se apropriado de um tradicional equipamento esportivo que ressurgiu completamente renovado. Procuramos observar a pertinência de duas questões associadas ao conflito estádio x arena: é possível chegar a um equilíbrio capaz de combinar os aspectos percebidos como positivos das arenas sem deixar de lado a intensidade e a paixão características do espetáculo promovido pelos coletivos torcedores nas antigas arquibancadas dos estádios tradicionais? Como incluir nas arenas grupos cuja presença era compreendida como “desaconselhável” nos antigos ambientes, tais como famílias, mulheres e homossexuais, sem criar novas exclusões via expulsão dos torcedores pertencentes às classes sociais menos favorecidas, agravada por uma associação equivocada da presença desses grupos a comportamentos socialmente passíveis de punição pelo código penal? Em outras palavras, buscamos investigar se é possível traçar estratégias que impeçam a troca da exclusão sociocultural pela socioeconômica.

Partimos da ideia de Bromberger (1996) de que o estádio, na sociedade atual, pelo seu tamanho e forma, é um dos poucos espaços capazes de fornecer uma imagem sensível de sua unidade, mas também de suas diferenciações, com o público frequentador composto por um conjunto altamente estruturado e não uma massa amorfa, que vibra em uníssono, sujeito a movimentos descontrolados. No caso específico do Maracanã, concluído o processo de *retrofit*, o remodelado estádio parecia destinado a abandonar definitivamente sua vocação como espaço de uso público, dotado de uma centralidade popular, passando a ser gerenciado como uma arena entregue à administração privada, concebida para receber uma plateia de maior poder aquisitivo, disposta a aceitar os novos padrões de comportamento e consumo desejados. Sua nova configuração interna passaria a reproduzir, portanto, práticas excludentes e de invisibilização da população menos favorecida, presentes em sucessivas intervenções realizadas no tecido urbano carioca nos últimos anos.

Para melhor compreender o processo em curso, tentamos empreender uma análise minuciosa de seus diferentes usos e das múltiplas territorialidades torcedoras existentes na arena hipersetorizada com a intenção de identificar e classificar os diferentes modos de viver o estádio/arena e como eles se encontram estruturados. Ao esforço empreendido, no capítulo anterior, de estabelecer uma taxonomia torcedora própria para o Maracanã, acrescentaremos de que forma a distribuição desses diferentes tipos confere aos múltiplos setores existentes elementos distintivos responsáveis pela construção e reconstrução de perfis peculiares, resultantes da aceitação ou não por parte do público das normas impostas pelos atores hegemônicos. Nossa pesquisa não se restringiu à análise do comportamento do torcedor ao longo das contendidas futebolísticas ou na parte interna do Maracanã. Ao redor do complexo, pudemos encontrar “pistas” que nos auxiliaram a identificar as tensões e contradições encontradas no interior do estádio.

Para que obtivéssemos um resultado fiel à complexa realidade encontrada, comparecemos ao estádio em cinquenta e uma ocasiões durante as partidas realizadas nos anos de 2015 e 2016 pelas seguintes competições: Campeonato Carioca, Copa do Brasil, Campeonato Brasileiro Série A e Campeonato Brasileiro Série B²²³. Visitamos oito setores oficiais: Norte (superior e inferior), Sul (superior e inferior), Leste (superior e inferior), Oeste inferior e Maracanã Mais, além das subdivisões Norte e Sul destinadas à torcida visitante. Paralelamente, efetuamos mais de nove mil registros fotográficos e selecionamos os instantâneos mais representativos como forma de corroborar a parte escrita. As impressões colhidas desde o momento em que nos dirigimos ao estádio (ou da compra do ingresso, caso essa etapa seja cumprida de forma antecipada) até o retorno ao lar, ou seja: o pré-jogo, o jogo em si e o pós-jogo, foram transcritas e condensadas em relatos, disponibilizados no Apêndice A.

Para a elaboração do capítulo final, o maior destaque caberá à segunda etapa: *o jogo*. Consideramos esse momento não somente como os tradicionais noventa minutos, mas sim tudo aquilo que pude observar ao longo do meu período de permanência do portão para dentro do estádio. Trataremos também do *pré-jogo*, compreendido como o período entre a compra do ingresso (quando de forma antecipada) ou a saída da minha residência (em razão da opção por adquirir as entradas nas bilheterias) até a passagem pelas catracas de acesso. A princípio, estava inclinado a destacar o *pós-jogo* (percurso realizado da área externa do Maracanã até a

²²³ Em relação a essa última competição, somente em 2016, por ocasião do encontro opondo as equipes de Vasco da Gama e Ceará.

chegada ao lar). Contudo, um equívoco providencial implicou uma mudança no planejamento inicial.

Encerrada a partida Fluminense 1x4 Palmeiras²²⁴, por volta das 21h45, em razão de ter ultrapassado um dos torniquetes localizados à esquerda de quem entra na estação do metrô Maracanã (utilizada para usuários do bilhete único), ao contrário do que fizera nas demais ocasiões²²⁵, desci distraído e apressado a escadaria à minha esquerda e corri em direção à composição que se encontrava parada na plataforma de embarque. De início, estranhei somente o quantitativo acima do esperado e o semblante cansado dos passageiros. Iniciada a viagem, constatei uma realidade completamente diferente daquela à qual me acostumara e tecia repetidos elogios nos relatos anteriores. Ao longe, era possível ouvir a aproximação de um grupo com cerca de dez torcedores tricolores, que batia no teto enquanto abria caminho em meio às pessoas (elas, apenas se deslocavam lateralmente, como se tratasse de um fato banal) até chegarem ao vagão onde me encontrava²²⁶, aos gritos de “– Nós é tudo bandido mesmo!” e “– Acabou o amor, isso aqui vai virar um inferno!”. Felizmente, não passaram das ameaças (ignoradas pelos usuários da composição). Intrigado com a cena, apenas ao ler parte do letreiro da estação Maria da Graça, percebi que seguira o sentido Pavuna, e não, Botafogo, como pretendia. Ao saltar na estação Nova América/Del Castilho, enquanto rumava à plataforma correta, minha sensação era a de vergonha, pois, como geógrafo crítico, não percebi que essa importante etapa do pós-jogo não privilegiava o todo, mas sim uma realidade vivenciada pelos moradores da zona sul, porção da cidade dotada de uma série de facilidades quando comparadas a outras áreas do tecido urbano carioca e da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Sendo assim, tornou-se necessário redimensionar e justificar a (quase) ausência das análises voltadas ao pós-jogo no texto final.

4.1 O complexo do Maracanã e arredores

Ao caminhar pelo entorno do Complexo, o torcedor, geralmente em ritmo acelerado e preocupado com a proximidade do início da partida, o melhor local para a compra de

²²⁴ Jogo 33, realizado em 16 de setembro de 2016.

²²⁵ Como costumava ir ao estádio com o bilhete de uso exclusivo no metrô, seguia em direção às roletas localizadas à direita da entrada dos usuários da estação. Aqueles que carregavam consigo o Bilhete Único deveriam procurar os torniquetes localizados à esquerda.

²²⁶ Nas novas composições utilizadas pela concessionária Metrô-Rio S/A, não há uma porta que separe um vagão do outro, o que permite o livre trânsito em seu interior.

ingressos ou em traçar a melhor estratégia a fim de evitar adentrar em território hostil, não percebe a existência de inúmeras pistas relacionadas às diferentes formas de apropriação do Maracanã e arredores. Mascarenhas (2014b) compreende que “a espacialidade de um estádio transcende sua materialidade e se expande pelas vias de acesso e por todo o anel periférico que comporta a ação dos diversos atores que se movem, sobretudo em dias de grandes jogos” (p. 31). O olhar crítico do geógrafo acerca das transformações do espaço urbano permite identificar questões relacionadas à constituição de diferentes territorialidades via apropriações temporárias ou (pretensamente) permanentes de alguns fixos dotados de uma localização privilegiada.

4.1.1 O muro da discórdia

Em uma das primeiras partidas observadas²²⁷, enquanto me deslocava da estação Maracanã do metrô em direção ao acesso Sul B, um muro cinza localizado em frente ao estádio, na Rua Professor Eurico Rabello, chamou a atenção. Nele, em letras grandes e na cor preta, os dizeres FÚRIA JOVEM, um escudo do Botafogo desenhado e o complemento NOVA ERA. A princípio, parecia mais um entre tantos “rabiscos” feitos por componentes de torcidas organizadas.

Quatro meses e meio depois²²⁸, enquanto subia a rampa de acesso ao setor Sul superior, constatei, ao olhar para a parte externa, que a parede de concreto recebera uma nova apropriação. Pintada com um fundo nas cores vermelha e verde, era possível ler em letras brancas a frase SN 1902 NÓS SOMOS A HISTÓRIA É O DESTINO. Além do maior capricho relacionado à programação visual, o complemento É O DESTINO mostrava que a verdadeira intenção não era apenas identificar aquele local com uma determinada torcida, mas sim, marcar território, pois a frase fora utilizada, em 2013, no mosaico exibido pela torcida do Fluminense momentos antes do início da primeira partida contra o Vasco da Gama com a nova distribuição do público pelo estádio (tricolores no setor Sul e cruzmaltinos na porção Norte). Além disso, o muro encontra-se voltado para a parte há décadas reservada às torcidas do Vasco da Gama e do Botafogo²²⁹.

²²⁷ Jogo 03. Fluminense 1x1 Tigres do Brasil, realizado em 1 de março de 2015.

²²⁸ Jogo 21. Flamengo 2x2 Santos, realizado em 2 de agosto de 2015.

²²⁹ Exceto nos encontros contra a equipe do Vasco da Gama, detentora da primazia relacionada ao uso daquele local.

Desde a assinatura do acordo do Fluminense com o Consórcio Maracanã S.A., em 2013, caberia à torcida do Fluminense ocupar aquela porção do estádio popularmente conhecida como “lado direito” (atrás de um dos gols, à direita das antigas cabines de rádio e televisão), correspondente à totalidade do atual setor Sul. Tal atitude, apesar de não causar reações negativas junto ao Botafogo (a equipe realiza a maior parte de suas partidas no Estádio Nilton Santos), provocou a ira da diretoria e de grupos de torcedores do Vasco da Gama, que, mesmo sendo proprietários do Estádio Vasco da Gama (São Januário), alegam o direito àquele ponto desde o decênio de 1950 (ver seção *O direito ao lado direito*). Desde então, para os torcedores das duas equipes, a “posse” do muro passou a representar a extensão, para a parte externa do Maracanã, da disputa territorial que envolve as diretorias dos dois clubes e a empresa que administra o complexo.

No final de setembro de 2015²³⁰, o muro sofrera uma terceira intervenção. Dessa vez, por parte de um grupo de oposição ao presidente do Vasco da Gama, Eurico Miranda. Sobre o fundo novamente cinza era possível ler: REAGE, VASCO! FORA, EURICO! SEJA SÓCIO. Desta feita, a disputa política e institucional se sobrepôs à rivalidade clubística, mas a escolha do local para o protesto certamente não se deu ao acaso, pois aquela via de circulação é utilizada pela grande maioria dos torcedores do clube que, atualmente, se veem desterritorializados apenas durante as partidas disputadas contra o Fluminense.

Em maio de 2016, retornei ao estádio para acompanhar a realização das duas partidas finais do Campeonato Estadual. Antes do primeiro confronto²³¹, enquanto caminhava ao redor do complexo para identificar o que mudara de um ano para o outro, constatei que, novamente, o muro não passara incólume, tendo agora, em razão do tempo que estive ausente, sofrido uma dupla apropriação. Nesse ínterim, o mesmo grupo de adeptos do Fluminense cobriu com tinta branca a mensagem da oposição cruzmaltina e inseriu mais uma vez a frase É O DESTINO. A resposta vascaína veio em forma de protesto bem-humorado e de expressão de resistência ao adicionarem a frase SER FREGUÊS em letras brancas, uma alusão à conquista, uma semana antes, da Taça Guanabara exatamente sobre o rival das Laranjeiras (Foto 26). Era possível identificar também algumas tímidas inscrições da Torcida Jovem do Botafogo (TJB) que, aparentemente, revelavam muito mais um caráter de expressão individual do que protesto coletivo. No final de 2016, uma sucessão de grafites coloridos parecia estabelecer uma pausa na disputa territorial travada entre os dois grupos.

²³⁰ Jogo 36. Flamengo 1x2 Vasco da Gama, realizado em 27 de setembro de 2015.

²³¹ Jogo 43. Botafogo 0x1 Vasco da Gama, realizado em 1 de maio de 2016.

Foto 26 – Um clássico fora das quatro linhas



Legenda: O Muro da Discórdia e duas entre tantas apropriações feitas por torcedores do Fluminense (acima e abaixo) e do Vasco da Gama (abaixo).

Fonte: O autor (setembro de 2015 e maio de 2016).

Como é possível perceber, a “posse” do muro constitui uma das arenas de confronto envolvendo as torcidas dos dois clubes e um transbordamento, para os arredores do estádio, da “guerra fria” travada, na escala institucional, entre as duas diretorias e o consórcio. O alegado direito à propriedade de um território formalmente delimitado, localizado no interior das instalações do Maracanã, alcançou, na parte externa, a dimensão do simbólico, grafado no concreto do muro a partir de ações carregadas de intencionalidades, expressando, por sua vez, territorialidades simbólicas que transcendem à forma-função original atribuída àquele fixo.

4.1.2 O Bar e Lanchonete dos Esportes

Não muito distante, na mesma Rua Professor Eurico Rabello, esquina com Isidro de Figueiredo (praticamente em frente ao acesso Sul C) temos o Bar e Lanchonete dos Esportes, cuja denominação deixa clara uma predisposição em sofrer apropriações efêmeras de coletivos torcedores que se dirigem ao estádio, sem, contudo, consolidar vínculos identitários

duradouros com uma determinada agremiação. Coberto por um toldo vermelho²³², sua fachada, assim como a decoração interna, é marcada pela simplicidade. Uma mureta vazada, de madeira, com altura aproximada de um metro, serve como limite para a ampla varanda que circunda o encontro entre as duas vias. Seu aspecto rústico indica que o estabelecimento não foi capturado pelo sedutor conceito de arena, permanecendo fiel ao padrão da freguesia, que apropria o seu espaço nos momentos que antecedem as contendas futebolísticas, vindo a constituir uma espécie de microrrepresentação do antigo Maracanã.

Fora do período de realização de partidas, o estabelecimento comercial apresenta uma clientela similar à encontrada em qualquer um dos seus congêneres, abrindo um pouco antes do almoço e cerrando as portas ao final do período noturno. A proximidade com o estádio e o seu porte considerável contribuem para que exerça uma forte centralidade torcedora, principalmente entre os frequentadores do setor Sul. Como é possível perceber na Foto 27, nas horas que antecedem à disputa dos jogos de futebol, o bar, o público e o estádio parecem formar um único conjunto. Essa centralidade torcedora relacionada ao pré-jogo dos frequentadores do setor Sul favorece a construção de territorialidades efêmeras que variam de acordo com a associação designada para ocupar aquela porção do estádio.

Foto 27 – O Bar e Lanchonete dos Esportes durante um dia comum e momentos antes do início de uma partida de futebol



Fonte: O autor (abril de 2015).

²³² Apenas em 2016 foi grafada, na cobertura de lona, a denominação do estabelecimento comercial.

Quanto ao perfil do público frequentador, como o bar localiza-se praticamente em frente ao acesso Sul C, tradicionalmente destinado às torcidas do Vasco da Gama e do Botafogo e, desde 2013, a do Fluminense, predominam indivíduos que pertencem ou simpatizam com MOTs ligados a essas agremiações. O local pode servir também como área de confraternização, quando a partida envolve duas torcidas “irmãs”, caso de Vasco da Gama e Atlético Mineiro²³³, onde adeptos das duas equipes bebiam e conversavam de maneira amistosa. No caso do Flamengo, “dono” do setor Norte, os torcedores avulsos dão o tom da clientela (Foto 28) desde que não haja um clássico local ou um encontro envolvendo equipes “inimigas”. Os componentes das organizadas, movimentos ou qualquer outra associação, concentram-se na parte oposta do estádio. Em razão dessa apropriação por grupos que vivem o dia do jogo de modo diferente, a territorialidade rubro-negra reforça a imagem do bar muito mais como ponto de encontro do que como área de celebração e/ou preparação para uma guerra.

Foto 28 – As múltiplas territorialidades do Bar e Lanchonete dos Esportes



Legenda: Em sentido horário, a agitação dos MOTs de Vasco da Gama, Fluminense e Botafogo em contraste com a tranquilidade dos avulsos rubro-negros (no alto à esquerda).

Fonte: O autor (2015).

Em certos aspectos, o Bar e Lanchonete das Torcidas e suas adjacências constituem microrrepresentações do antigo Maracanã. Apesar da presença de policiais militares, de guardas municipais e de um veículo da própria Guarda Municipal que, a exemplo do

²³³ Jogo 30, realizado em 5 de setembro de 2015.

tradicional “carro da pamonha”, emite avisos sonoros intermitentes acerca do decreto municipal 30.417/2009, que proíbe a comercialização de bebidas alcoólicas no entorno do estádio, ambulantes vendem cerveja e outros produtos livremente. São comuns gritos de guerra, cantos de exaltação ao time do coração, à própria torcida e de menosprezo aos adversários. Não raro, ouvem-se estouros de artefatos explosivos, principalmente morteiros. Em determinados momentos, a varanda do estabelecimento é utilizada como apoio para os pés, assim como o toldo, para as mãos. Há um transbordamento dessa apropriação em direção à Rua Isidro de Figueiredo (onde costumam ser penduradas bandeiras de diferentes torcidas) e à calçada da própria Rua Professor Eurico Rabello, que recebe grades móveis instaladas com o intuito de que a via destinada à passagem de veículos não sofra interdições em decorrência de invasões desse público. Torcedores ligados aos MOTs costumam se aglomerar junto às grades, transformando-as em uma espécie de “segunda varanda”. Ao que tudo indica, há um acordo tácito entre os líderes de torcidas e os agentes da lei no qual uma menor repressão policial corresponderia à inexistência de enfrentamentos físicos. Entretanto, volta e meia, cenas do “velho” Maracanã ressurgem tanto em suas virtudes quanto em seus problemas.

Noventa minutos antes do início do clássico Fla-Flu, válido pelo Campeonato Carioca de 2015²³⁴, o local encontrava-se apropriado por uma territorialidade tricolor. Sendo assim, todo indivíduo que passasse em frente àquele estabelecimento portando símbolos relacionados ao adversário era imediatamente taxado como inimigo e, quanto mais próximo do seu território (mesmo que efêmero), maior a hostilidade. Um torcedor do Flamengo, aparentemente alcoolizado, “ousou” caminhar próximo à grade vestindo o manto rubro-negro. Durante o deslocamento, o indivíduo sofreu uma série de ofensas verbais que, em pouco tempo, assumiram outra proporção. O cidadão em questão, além de ter o líquido de um copo (conteúdo não identificado) atirado contra o seu rosto, foi agredido com empurrões e obrigado a tirar a camisa por dois torcedores adversários que saltaram sobre as grades móveis utilizadas para separar a calçada da via de circulação de veículos. Momentos antes, outra situação revivera a face do velho estádio como um espaço machista, trabalhada principalmente ao longo do capítulo 3. Enquanto um casal de rubro-negros caminhava de mãos dadas, gritos isolados de “corno” e “chifrudo” eram proferidos em direção ao rapaz. Sua acompanhante, por sua vez, recebia a alcunha de “piranha”, desta feita, proferida em coro e a plenos pulmões, por um quantitativo deveras expressivo, que se aproveitava do anonimato proporcionado pelas grandes aglomerações. Indignada, uma senhora que seguia alguns passos atrás reagiu ao

²³⁴ Jogo 05, realizado em 5 de abril de 2015.

palavreado chulo, mas foi imediatamente contida pelos próprios ofendidos, que suplicavam: “deixa pra lá, não vale a pena!”.

Pouco depois, boa parte da freguesia do bar e adjacências dirigiu-se em massa para o meio da avenida (seguindo a mesma direção dos veículos automotores). Após uma breve concentração cinquenta metros à frente, o grupo (cerca de cem pessoas), no qual era possível identificar diversas camisas ligadas à torcida *Força Flu*, partiu numa espécie de “arrastão” de volta ao bar, entoando cânticos de apoio ao Fluminense e depreciativos ao Clube de Regatas do Flamengo e seus adeptos. Em meio à efusiva celebração, um fato chamava a atenção: a existência de um verdadeiro “pelotão de filmagem” à frente do coletivo, composto por torcedores avulsos inebriados e/ou assustados com aquele espetáculo e por componentes do próprio grupo. Sinal dos tempos atuais, nos quais nada escapa aos registros audiovisuais e tudo é passível de se transformar em espetáculo.

Dessa forma, compreendemos o Bar e Lanchonete dos Esportes como um dos últimos focos de resistência do antigo Maracanã, positiva e negativamente, local de celebrações coletivas, apropriado de forma seriada por diferentes territorialidades, onde o nomoespaço não consegue se impor ao genoespaço.

4.1.3 A atuação dos trabalhadores informais

Ao tratar da presença dos agentes ligados ao comércio informal, Mascarenhas classifica-os como parte do espaço vivido dos equipamentos esportivos tradicionais, responsáveis por alimentar “a experiência de ir ao estádio de cores, sabores, cheiros e sons” (2014a, p. 31). Em outro texto, o autor destaca que a centralidade periódica conferida aos estádios de futebol em razão de sua capacidade de atrair um grande fluxo de visitantes em um curto intervalo de tempo possibilita “fugazes oportunidades comerciais e de serviços ao setor informal” (2014c, p. 161). No contexto atual das “arenas”, em nome do respeito às leis e aos contratos formalmente registrados, todas as atividades que girem em torno desses trabalhadores não cadastrados tendem a sofrer uma severa repressão. Na parte externa do estádio, sua atuação encontra-se condicionada à intensidade e às estratégias de coerção

adotadas contra a permanência desses prestadores de serviços²³⁵. Em dias de jogos, além da presença dos guardadores de automóveis que atuam nas ruas um pouco mais afastadas, é possível identificar quatro grupos principais de produtos destinados aos torcedores: ingressos; bebidas e gêneros alimentícios de consumo imediato; bens duráveis associados ao consumo por impulso; produtos de ocasião, conforme procuraremos elucidar a seguir.

A oferta de entradas ao torcedor tinha início no começo da passarela que liga as estações Maracanã (trem e metrô) ao estádio aos gritos de “norte, norte, norte!” ou “sul, sul, sul!”. Nas oportunidades marcadas por um maior rigor da fiscalização, a abordagem se fazia de modo sutil, no entorno do complexo. De um modo geral, os *tickets* são negociados pelo mesmo valor inteiro do ingresso cobrado nas bilheterias. Ao acessar os borderôs das partidas, é possível identificar um item denominado “Ingresso Promocional”, onde consta o preço correspondente à meia-entrada para os setores Sul e Norte, pago pelos clubes. Ao que tudo indica, as agremiações repassam tais entradas às torcidas, que revendem uma parte da cota recebida, ou seja, as equipes patrocinam ações danosas às suas próprias finanças. Os ingressos ofertados para os setores mistos somente faziam parte do “cardápio” oferecido pelos cambistas em partidas de grande apelo de público. Conforme relato anterior, um dos principais gargalos do estádio tem relação com as longas filas formadas nas bilheterias. Aproveitando a recorrente falha dos organizadores, um dos principais chamarizes dos cambistas relaciona-se à comodidade de adquirir as entradas rapidamente sem correr o risco, inclusive, de perder o início da partida. Comprador e vendedor combinam o preço, mas a troca não costuma ser efetuada imediatamente. Nas (diversas) situações que pude presenciar, o torcedor seguia com o cambista para concluir a transação em um local mais discreto.

Se, por um lado, o maior conforto, a limpeza, o estado de conservação das instalações e a constante manutenção das dependências rendem repetidos elogios, os altos valores cobrados pelos artigos oficiais e a proibição de venda de bebidas alcoólicas dentro do estádio estão entre as principais queixas dos frequentadores do novo Maracanã. Como não é possível

²³⁵ Expressões de resistência ao novo padrão desejado para as arenas podem ser encontradas em diferentes pontos do território nacional. Em Belo Horizonte, por exemplo, os comerciantes informais, estabelecidos há décadas no entorno do Mineirão, popularmente conhecidos como “barraqueiros”, conseguiram, por meio de sua associação, pouco antes do início da Copa do Mundo de 2014, o direito a retornar ao local. O pleito dos trabalhadores, cujo processo judicial se estendeu ao longo de quatro anos, encontrou eco entre os frequentadores tradicionais que, mesmo elogiando a configuração externa e as condições sanitárias do ambiente remodelado, queixavam-se da ausência de serviços preexistentes ofertados pelo circuito informal ou das versões *gourmet* de pratos tradicionais, com destaque para o tradicional “feijão tropeiro”, cujo preço, sabor e quantidade era inversamente proporcional à da iguaria servida antes da arenização. Segundo Mascarenhas “a presença destes trabalhadores, além garantir uma via de geração de renda, propicia um cenário de muito maior riqueza sociocultural, compondo a experiência vivida de quem vai ao estádio” (2014, p. 34).

entrar consumindo qualquer tipo de produto nem mesmo portando copos, garrafas ou qualquer outro vasilhame, os ambulantes oferecem por valores bem mais acessíveis um *mix* variado de gêneros direcionados ao consumo rápido para o pré e o pós-jogo. Entre outros, podemos destacar: amendoim torrado, balas, doces, barras de cereal, cigarros a varejo, água, refrigerantes e cerveja. Em 2015, era possível adquirir uma garrafa d'água com 500 ml por um valor entre dois e três reais²³⁶. Nos bares localizados na parte interna, um copo com apenas 300 ml custava entre três e quatro reais.

Um terceiro grupo de ambulantes oferece, por valores bem abaixo dos cobrados pelos estabelecimentos licenciados, uma ampla gama de produtos associados ao time do coração (camisas, bonés, gorros, bandeiras, etc.) como estratégia para instigar o consumo por impulso. Seu público-alvo é o torcedor interessado em adquirir símbolos relacionados à equipe para a qual torce, sem vincular a comoditização da paixão torcedora ao consumo de produtos oficiais. A apresentação de determinados itens obedece a uma distribuição espacial própria, carregada de intencionalidades. Vendedores de camisas preferem as grades junto à ciclovía, existentes em alguns pontos do complexo, localizadas entre as bilheterias e as entradas/saídas. A tática de vendas adotada consiste em expor com destaque roupas e acessórios das linhas feminina e infantil como forma de alavancar as vendas para o torcedor/consumidor do sexo masculino que vai ao jogo de futebol acompanhado da família e vislumbra na aquisição desses símbolos uma forma de consolidar a paixão torcedora (especialmente entre as crianças).

Finalmente, há uma linha de artigos postos à venda somente em ocasiões específicas. É o caso das capas de chuva, bastões luminosos e faixas de campeão (Foto 29). Da mesma forma que os grandes jogadores de outrora, os trabalhadores informais utilizam o improvisado para “driblar” as restrições a eles impostas. Imediatamente após o término da partida final do Campeonato Carioca de 2016²³⁷, era possível ver um homem, em pleno setor Oeste, comercializando faixas de campeão para os torcedores do Vasco da Gama²³⁸. Outra característica desse grupo é a flexibilidade extrema, vindo a mudar de gênero ofertado em poucos minutos, podendo inclusive “trocar de grupo” e passar a vender balas, bandeiras ou bebidas se a ocasião lhe parecer propícia. Em razão das diferentes apropriações territoriais

²³⁶ Obedecendo à lei da oferta e da procura, na imensa fila formada para a compra de ingressos antes da partida Flamengo 2x1 São Paulo (jogo 27), aproveitando o forte calor que fazia na cidade, a garrafa de água (500ml) chegou a ser negociada por cinco reais.

²³⁷ Jogo 44, realizado em 8 de maio de 2016.

²³⁸ Nas duas partidas decisivas do Campeonato Carioca de 2016 (jogos 43 e 44), a organização do evento coube à Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ) em razão da devolução da administração do estádio pelo Consórcio Maracanã S.A. ao governo do estado do Rio de Janeiro.

sofridas pelo estádio, também é possível encontrá-los em outros eventos, comercializando, por exemplo, lápis nº 2, borrachas, canetas esferográficas na cor azul e pranchetas de madeira quando da realização de exames de seleção em suas dependências.

Foto 29 – A atuação do circuito informal em diferentes momentos



Fonte: O autor (2015 e 2016).

Quanto à distribuição espacial, além das grades utilizadas pelos vendedores de peças de vestuário, há uma forte concentração de prestadores de serviços informais próximo aos acessos e ao longo da extensa (e ampla) passarela que une a entrada do estádio, próximo ao acesso A, às estações Maracanã de trem e do metrô, apresentando ainda uma bifurcação em direção à UERJ. Os vendedores de bebidas optam também pelos arredores dos bares. De tempos em tempos, quando a Guarda Municipal (GM) aumentava o rigor quanto à fiscalização sobre a atuação desses grupos, era possível perceber uma maior dispersão pelo entorno do complexo, evitando fixar-se em um único local. Por fazerem parte da economia informal, todo o seu material de trabalho encontrava-se devidamente acomodado de modo a facilitar eventuais fugas à fiscalização. Foi o que aconteceu com sucesso antes do início de Fluminense 1x4 Palmeiras²³⁹ quando, devidamente avisados, saíram em disparada para fugir

²³⁹ Jogo 33, realizado em 16 de setembro de 2015.

da GM com direito a uma perseguição de viatura em plena passarela. Pior sorte teve o vendedor que, logo após o término de outra partida envolvendo as mesmas equipes²⁴⁰, mesmo sob protesto dos frequentadores, teve sua caixa de isopor apreendida.

4.1.4 A compra de ingressos

Para ter acesso aos jogos no estádio, o torcedor pode adquirir (legalmente) as entradas de forma antecipada pela internet ou em pontos de venda encontrados na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (variam de acordo com a equipe). Há ainda a opção de compra exclusivamente nas bilheterias do estádio momentos antes do início das partidas. Esses locais também funcionam para a troca do *voucher* impresso por todos que optaram por adquirir os *tickets* via *web*. Em maio de 2015, foi lançado o *Cartão Maracanã*, com a opção de ser carregado com créditos pela internet e inserido diretamente nas catracas.

O “sonho de consumo” dos administradores de eventos relacionados ao entretenimento pago é que a totalidade da lotação disponível seja vendida antes da realização do evento. Dessa forma, além da garantia de um substancial aporte financeiro, haveria uma maximização dos lucros e uma minimização dos gastos em razão da menor necessidade de contratação de pessoal para a função de bilheteiros, pessoal de apoio, orientadores e despesas com o aluguel de grades móveis. Entretanto, no futebol brasileiro, tal cenário se constitui como exceção. Tendo como base o comparecimento a quarenta e dois eventos futebolísticos realizados no estádio em 2015, é possível afirmar que a estrutura montada para a compra ou troca dos ingressos nas bilheterias constituía o principal ponto negativo da gestão comandada pelo Consórcio Maracanã S.A. em sua relação com o torcedor.

Tanto em 2015 quanto em 2016²⁴¹, seguranças da empresa SUNSET bloqueavam os acessos às bilheterias e organizavam duas grandes filas separadas por grades móveis. Ao ser chamado, o torcedor era orientado a procurar os guichês com filas menores (geralmente não ultrapassavam quatro indivíduos). Discussões entre bilheteiros e torcedores eram frequentes, principalmente em razão da falta (ou desconfiança acerca da veracidade) de documentação

²⁴⁰ Jogo 38, Fluminense 2x1 Palmeiras, realizado em 21 de outubro de 2015.

²⁴¹ Naquele ano, o Consórcio repassou a responsabilidade sobre a operacionalização das partidas (em troca de um valor a título de aluguel do estádio) para a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro e para os clubes mandantes.

que comprovasse o direito à meia-entrada ou mesmo, quando da compra de mais de um ingresso, da identificação dos demais torcedores. Nesse caso, a administração apenas cumpre a lei, pois de acordo com o Estatuto do Torcedor tais informações devem constar no ingresso.

Mesmo contando com quatro grandes conjuntos de bilheterias fixas, duas montadas em contêineres (3A e 4A²⁴²), além de outros pontos de apoio, não foram poucas as partidas que registraram longas e demoradas filas, além de discussões e flagrantes situações de desrespeito ao Estatuto do Torcedor. Em sua defesa, o Consórcio jamais admitiu qualquer culpa, procurando responsabilizar os “maus hábitos” enraizados na cultura dos torcedores cariocas, como a pequena procura por ingressos antecipados e o comparecimento aos guichês pouco antes do início dos jogos. Pelo que pude observar (e vivenciar), tais justificativas contêm uma série de inverdades. Quem opta por fazer a compra via internet e não possui o Cartão Maracanã é obrigado a comparecer às bilheterias para efetuar a troca pelo ingresso físico. Outra questão polêmica diz respeito aos constantes conflitos entre frequentadores e bilheteiros acerca da compra de ingressos com o benefício da meia-entrada.

Em conformidade com um conjunto de leis promulgadas pelas esferas de governo federal, estadual e municipal²⁴³, têm direito ao desembolso de metade do valor total dos ingressos (mediante apresentação de documentação comprobatória) os seguintes grupos²⁴⁴: estudantes²⁴⁵, idosos com 60 anos ou mais²⁴⁶, jovens pertencentes a famílias de baixa renda com idades entre 15 e 29 anos²⁴⁷, pessoas com deficiência (e acompanhantes, quando necessário²⁴⁸), professores e profissionais da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro²⁴⁹ e menores de 21 anos²⁵⁰. Nos setores Norte e Sul, portadores de necessidades especiais, menores de 12 anos (crianças de colo não pagam) e idosos a partir de 65 anos têm direito ao acesso gratuito desde que não ultrapasse o limite de 10% da capacidade do estádio. Tais benefícios são compreendidos como exagerados por parte dos administradores do complexo e por um expressivo grupo de potenciais espectadores, que enxergam nesses direitos adquiridos uma das razões para o encarecimento do valor médio das entradas. O temor de que muitos não

²⁴² Tal esquema, com essa configuração, foi utilizado apenas ao longo do ano de 2015.

²⁴³ Em 1º de dezembro de 2015, entrou em vigor o decreto nº 8.537, que altera a lei e cria um limite de meias-entradas a 40% da carga total de ingressos ofertados. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Decreto/D8537.htm Acesso em 22 de julho de 2016.

²⁴⁴ Fonte: https://www.ingressorapido.com.br/meiaentrada/pdf/rj_meia_entrada.pdf Acesso em 29 de agosto de 2016.

²⁴⁵ Lei Federal 12.933/13, Decreto Federal 8.537/15 e Medida Cautelar Provisória concedida pelo STF em 29/12/2015.

²⁴⁶ Lei Federal 10.741/03 e Decreto Federal 8.537/15.

²⁴⁷ Lei Federal 12.933/13 e Decreto Federal 8.537/15.

²⁴⁸ Lei Federal 12.933/13 e Decreto Federal 8.537/15.

²⁴⁹ Leis Municipais nº 3.424/02 e 5.844/15.

²⁵⁰ Lei Estadual nº 3.364/00.

beneficiários tentem burlar as regras em proveito próprio criou uma espécie de “criminalização antecipada do torcedor”. O desconhecimento das leis, somado à falta de uma percepção mais aguçada por parte de alguns bilheteiros, contribuiu para agravar ainda mais esse quadro.

Pouco antes da partida Fluminense 1x4 Palmeiras²⁵¹, um pequeno conflito teve início à minha frente quando um estudante acreano tentava convencer o responsável pela bilheteria acerca da validade do seu documento escolar. Ao perceber, atrás de mim, um homem bastante agitado e preocupado com a proximidade do início da partida, resolvi intervir e perguntei ao jovem se ele tinha menos de 21 anos. Após a resposta afirmativa, informei a ambos que bastaria a exibição da identidade como garantia do direito à meia-entrada. Resolvido o conflito, esse funcionário terceirizado, após conferir o meu documento de estudante emitido pela UERJ, deixou o guichê para exibi-lo ao seu superior. Faltando menos de dez minutos para o início da partida, o mesmo cidadão manifestava sua indignação. Para cumprir essa simples etapa, foram necessários quatorze minutos. Tal fato não ocorreu de modo isolado. A lentidão para o preenchimento das informações e a recorrente falta de troco também podem ser responsabilizadas pela demora na aquisição do ingresso.

Em outra ocasião, uma hora antes do início da disputa envolvendo Vasco da Gama e Joinville²⁵², programada para as 11 horas de domingo, era possível, do alto da passarela da UERJ, avistar imensas filas formadas junto à bilheteria 3 (Foto 30), destinada à troca dos ingressos adquiridos via internet para todos os setores, exceto o Maracanã Mais, que contava com um posto exclusivo.

²⁵¹ Jogo 33, realizado em 16 de setembro de 2015.

²⁵² Jogo 22, Vasco da Gama 0x0 Joinville, realizado em 9 de agosto de 2015.

Foto 30 – Longa fila formada para a troca das entradas compradas via internet para Vasco da Gama x Joinville uma hora antes do início da partida



Fonte: O autor (agosto de 2015).

Em razão da situação caótica na parte externa, ao iniciar a segunda etapa, ainda havia torcedores entrando no estádio. Houve uma lenta e constante ocupação da área do setor Norte, destinada ao transbordamento da torcida do Vasco da Gama (Foto 31), e uma superlotação do setor Sul. Como resultado, em pleno Dia dos Pais, a ida ao futebol, que deveria ser um agradável programa em família, realizado para uma manhã de domingo, acendendo a paixão torcedora em muitas crianças que, provavelmente, frequentavam um estádio pela primeira vez, se transformou em um transtorno. Desta feita, o diretor de *marketing* do Consórcio Maracanã, Marcelo Frazão, culpou a impossibilidade de utilizar o acesso E, destinado exclusivamente aos cerca de 400 torcedores do Joinville que compareceram, sobrecarregando o acesso F, por onde circularam mais de 11.000 adeptos da equipe mandante. Mantendo a tradição, alegou também que, a vinte minutos do apito inicial, apenas 18.000 dos mais de 42.000 presentes haviam entrado no estádio²⁵³. Nosso registro gráfico anterior deixa claro o erro de planejamento cometido pelos administradores do evento, pois muitos espectadores encontravam-se retidos nas enormes filas formadas ao redor das bilheterias.

²⁵³ Fonte: <http://sportv.globo.com/site/programas/selecao-sportv/noticia/2015/08/diretor-de-marketing-do-maracana-explica-problema-em-jogo-do-vasco.html#jogo-vasco-0-x-0-joinville---09/08/2015-11%3A00>
Acesso em 11 de agosto de 2015.

Foto 31 – Ocupação do setor Norte pelos torcedores do Vasco da Gama durante a partida



Legenda: Visão da parte do setor Norte destinada à torcida do Vasco da Gama com o primeiro tempo em andamento (acima) e durante a segunda etapa (abaixo). À direita, limitada entre duas faixas brancas, a torcida do Joinville.

Fonte: O autor (agosto de 2015).

Em outro encontro envolvendo o Vasco da Gama e uma equipe catarinense (desta feita, a Chapecoense²⁵⁴), um senhor, mesmo tendo adquirido o ingresso via internet e comparecido com trinta minutos de antecedência, conseguiu entrar no estádio somente aos quarenta e dois minutos da primeira etapa. Ao encontrá-lo, durante o intervalo, no setor Sul inferior, dissera que não foram poucos os torcedores que desistiram de assistir à partida (mesmo com o *voucher* em mãos). Na bilheteria, em vez de ser reembolsado em 50% do valor do bilhete (afinal, pagara por um espetáculo completo e iria assistir apenas à metade), recebeu como “presente” um Cartão Maracanã que, futuramente, após a prévia inserção de créditos via internet, permitiria o acesso direto às catracas sem ter de enfrentar tamanha provação.

Nos dois últimos relatos, quem optou pelo setor Sul inferior permaneceu o segundo tempo inteiro de pé (onde não existe esse hábito), não por gosto pessoal ou em razão de uma disputa eletrizante, mas sim devido à superlotação. Muitas outras foram as ocasiões nas quais o público presente enfrentou situações de flagrante desrespeito e descaso (sendo ainda apontados como culpados) por parte dos organizadores. Entre todas, aquela que poderia classificar como a mais surreal aconteceu na primeira partida da fase de observações.

²⁵⁴ Jogo 37, realizado em 15 de outubro de 2015.

No dia 19 de fevereiro de 2015, uma quinta-feira seguinte ao Carnaval, com a cidade recebendo um considerável contingente de turistas nacionais e estrangeiros, Flamengo e Boavista se enfrentaram pelo Campeonato Carioca. Trinta minutos antes do início da partida, entrei no fim de uma imensa fila em formato de caracol, com quatro curvas. Reinava um ambiente familiar, com a presença de muitos pais acompanhados dos filhos (geralmente adolescentes ou adultos e do sexo masculino). Cambistas agiam livremente, oferecendo ingressos a 60 reais para o setor Norte, 50% acima do valor oficial (após uma breve negociação, era possível adquiri-los por 50 reais). Com a aproximação do horário marcado para o apito inicial e a permanência das longas filas, o valor da entrada no “mercado negro” subiu para R\$ 70. Não foram poucos aqueles que, impacientes, resolveram comprar os ingressos pelo valor oferecido.

Enquanto aguardava, chamava a atenção, imediatamente atrás de mim, um casal de namorados (idade aproximada de 20 anos), residente na cidade de Vitória (ES). A princípio, a jovem pretendia seguir para o setor Oeste, pois “teria menos confusão” e também “para não ficar no meio da torcida”. Devido ao fato de o namorado não ter conseguido ingresso com os cambistas em razão dos vendedores informais não aceitarem pagamento com cartão de crédito, a jovem concordou em entrar com a partida em andamento e frequentar o setor “popular”, afinal, seria possível ao menos “tirar uma foto e postar na internet”.

Durante a longa espera, percebi que, mesmo com a partida em andamento, nenhum espectador (exceção feita ao jovem citado no parágrafo anterior que, de tempos em tempos, acessava a internet para acompanhar o placar e o tempo de jogo) parecia preocupado com o jogo em si. Às 20 horas, a fila permanecia extensa (Foto 32), e poucos foram aqueles que desistiram de esperar pela sua vez de comprar o bilhete e resolveram retornar para casa²⁵⁵.

²⁵⁵ Próximo ao momento da aquisição do ingresso, um adolescente negro, magro, com uma pequena bandeira rubro-negra (sem o suporte de madeira) sobre os ombros, vestido com uma camisa preta do clube, com o número 2 e o nome *João Vitor* estampados, veio ao meu encontro. Ele, que permanecera calado o tempo inteiro à minha frente, exibiu quatro notas de dez reais em minha direção e pediu, com certa dificuldade (misto de timidez com um claro problema relacionado à fala), para que eu adquirisse o seu ingresso uma vez que ele estava desacompanhado de um adulto e tinha apenas 15 anos. Compadecido com a situação do menino, disposto a pagar o valor total da entrada apenas para assistir a metade da partida, resolvi ajudá-lo.

Foto 32 – Fila para a compra de ingressos para a partida Flamengo x Boavista



Legenda: Espera dos torcedores em três momentos (de cima para baixo): às 19 horas; às 19h30 (horário marcado para o início do jogo); às 20 horas.

Fonte: O autor (fevereiro de 2015).

Finalmente, às 20h30, consegui adquirir o *ticket*. Seguindo em direção ao portão de acesso E, percebi que ainda havia alguns sócios-torcedores trocando suas entradas na bilheteria 4A, destinada exclusivamente para aquele grupo. Partindo do princípio de que eles não teriam se atrasado tanto para a partida, deduzo que a estratégia adotada pelo Consórcio de fazer o estádio funcionar em “modo econômico” tenha afetado a todos os públicos. Surpreendentemente, não foi registrado nenhum tumulto durante a espera, mesmo com a partida iniciada. As tentativas de “furar a fila” foram raríssimas (presenciei apenas duas). Resta a seguinte questão: seria uma prova de extrema civilidade ou, assim como a jovem capixaba, muitos dos presentes estariam mais interessados em conhecer um ponto turístico, registrar e postar fotos de um programa tipicamente carioca?

Ao entrar no setor Norte superior, com o segundo tempo em andamento, causou-me um sentimento de espanto e revolta ao avistar cerca de três quartos do outrora maior do mundo completamente vazios (Foto 33). A torcida rubro-negra fora confinada em duas parcelas do estádio. A verdade é que, após esperar por noventa minutos na fila, pude assistir

apenas à metade de uma partida cujo público total não ultrapassou a marca dos 25.000 espectadores²⁵⁶.

Foto 33 – Visão interna do estádio com diversos setores fechados



Fonte: O autor (fevereiro de 2015).

Ao que parece, para o Consórcio Maracanã, o conceito de torcedor na qualidade de cliente, assim como a oferta do estádio como um ambiente seguro, confortável e sem segredos, tem valor (relativo) apenas portão adentro. Do lado externo, o torcedor é obrigado a enfrentar uma série de provações e desconfianças para assistir ao time do coração. As situações relatadas ao longo da seção são inimagináveis nas salas de cinema (frequentemente citadas como exemplos da transformação de ambientes voltados ao entretenimento popular em espaços disciplinares). Caso o aficionado realmente pensasse (e agisse) como cliente, além de não retornar a um recinto no qual seja submetido a experiências desagradáveis, exigiria a devolução do valor desembolsado e processaria os promotores do espetáculo. Se, como vimos no capítulo 1, o Maracanã, tecnicamente não pode ser considerado como uma arena plena, também não pode receber tal denominação em relação ao modelo de gestão adotado e ao tratamento oferecido à clientela.

²⁵⁶ 24.319 espectadores, de acordo com o borderô divulgado pela Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro.

4.1.5 O acesso ao Estádio

O acesso do público ao estádio segue as recomendações elaboradas pela FIFA. Para entrar, o torcedor deve passar por duas barreiras. Na primeira, um ou mais seguranças, com o auxílio esporádico de orientadores de público, conferem o *ticket* e verificam se o espectador posicionou-se junto à fila correta. No caso da meia-entrada, mais uma vez a lisura do cliente é posta em xeque, pois é necessário apresentar novamente a documentação exigida nas bilheteiras. Vencida essa etapa, todos devem caminhar por um longo labirinto delimitado por grades móveis onde, ao final, devem aguardar a convocação para a revista pessoal. No caso do Maracanã, a existência de filas separadas para cada um dos grupos (ingressos de valor integral, meia-entrada e gratuidade) costuma confundir o público presente, especialmente nos acessos onde é possível seguir para mais de um setor, nas partidas de forte apelo e nos horários de maior movimento, quando, para o observador externo, as filas parecem se misturar. Caso haja um grupo de torcedores com tipos de entrada diferentes, todos devem seguir pela fila das meias-entradas ou das gratuidades. Nesta última, o *ticket* é distribuído por um funcionário que confere a documentação do beneficiário. No caso de crianças com idade inferior a dois anos, elas não são contabilizadas como público presente²⁵⁷, pois permanecem no colo dos pais. Passada essa fase, há uma revista efetuada por policiais militares. Agentes do sexo feminino inspecionam as mulheres e, em alguns casos, o público masculino. A abordagem costuma ocorrer de forma educada e respeitosa.

Em relação ao acesso de torcedores diretamente ligados aos MOTs responsáveis pelo “patrimônio da torcida”, ou seja, objetos utilizados nas arquibancadas, há uma área afastada das entradas convencionais onde, junto à grade, um ou mais policiais do GEPE conferem uma lista na qual devem constar a quantidade e o tipo de material (faixas, bandeiras, instrumentos musicais, etc.) que poderá ser transportado para o interior do estádio (Foto 34). Para quem imaginava o novo Maracanã como um ambiente livre das tradicionais manifestações ligadas à presença de expressões coletivas, a existência de um acordo tripartite envolvendo organizadores, policiais e coletivos de torcedores pode ser considerada um triunfo de práticas torcedoras tradicionais e a sua sobrevivência como forma de resistência.

²⁵⁷ Informação transmitida por um funcionário do Club de Regatas Vasco da Gama momentos antes da partida Vasco da Gama 0x0 Joinville (jogo 22).

Foto 34 – Policial do GEPE confere a entrada de material de torcedores do Fluminense antes do início do clássico contra o Flamengo



Fonte: O autor (abril de 2015).

Há um maior rigor quanto à entrada de símbolos relacionados a equipes rivais ou de torcidas organizadas locais que cumprem suspensão. A esse respeito, pudemos testemunhar antes da partida Fluminense 2x1 Santos²⁵⁸ um policial do GEPE impedindo o acesso às catracas de um torcedor do Fluminense (desacompanhado) que trajava um casaco branco da torcida *Young Flu*. O agente da lei, educadamente, explicou ao jovem a impossibilidade de adentrar com aquela peça de vestuário²⁵⁹. Quando a torcida adversária vem de outro estado, há uma minuciosa revista no momento da chegada dos ônibus aos portões de acesso ao Maracanã. Vencidas todas as etapas, resta ao torcedor entregar o ingresso a um orientador²⁶⁰, cuja função é posicioná-lo junto à catraca eletrônica, passar o bilhete pelo leitor óptico, devolvê-lo após a passagem pela roleta e desejar um bom jogo.

²⁵⁸ Jogo 17, realizado em 2 de julho de 2015.

²⁵⁹ Em razão do fluxo contínuo de pessoas, não pude aguardar o desfecho da situação. Como, para aquela partida, escolhi o setor sul inferior, não é possível afirmar que a sua entrada com o traje da *Young Flu* tenha sido permitida.

²⁶⁰ Também pertencente ao quadro da Top3 Eventos.

4.1.6 A equipe do consórcio e os quadros terceirizados

Durante as partidas realizadas no estádio em 2015 e 2016, havia poucos funcionários do Consórcio Maracanã S.A. diretamente envolvidos na operação. Além do policiamento realizado pelo GEPE (ligado à Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro) e pela Guarda Municipal, a quase totalidade do quadro móvel era formada por mão de obra terceirizada, contratada por diferentes empresas com destaque para: SUNSET (segurança); Top3 Eventos (bilheteiros, fiscais de acesso e orientadores de público); SUN PLUS²⁶¹ (limpeza das dependências internas); e Food Team (alimentação).

Os funcionários pertencentes aos quadros da Top 3 Eventos representam os extremos relacionados à qualidade do serviço prestado diretamente ao público que comparece ao estádio. Enquanto os bilheteiros tinham como característica a pouca habilidade para superar situações facilmente contornáveis, os orientadores de público, distribuídos pela parte externa e pelos corredores e acessos internos, trabalhavam de modo eficiente, afinados com o conceito de torcedor-cliente. Solícitos e educados, vestiam um uniforme composto por boné amarelo, blusa azul-escuro com detalhes em amarelo, calça jeans e tênis. Eram, na maioria, jovens com idade presumida entre 20 e 30 anos. Sua principal função visava transformar o estádio em um local sem segredos, reduzindo assim a esfera do tradicional genoespaço para os frequentadores menos habituais²⁶². Na área externa, costumavam recorrer ao uso de megafones ou microfones, como forma de indicar a direção a ser seguida por cada torcida e a localização das bilheterias com menor concentração de público. Pude constatar que muitos deles sabiam se expressar em inglês e, quando requisitados, costumavam responder com precisão às dúvidas dos espectadores. Dentro do estádio, além de prestarem o serviço de identificação de pequenos torcedores em todos os setores, com a colocação de pulseiras, eram seguidamente procurados pelos frequentadores pouco familiarizados com aquele ambiente na entrada dos túneis de acesso aos assentos dos setores mistos para que os auxiliassem na localização exata da cadeira adquirida.

Os seguranças contratados pertenciam à SUNSET (todos trajando calça comprida, sapato social e colete verde fosforescente com o logotipo da empresa). Esses fiscais de

²⁶¹ Ao longo da fase de observações, não identifiquei o nome da empresa nos uniformes dos funcionários. Informação conseguida junto ao sítio <http://www.sunplus.com.br/> Acesso em 27 de julho de 2016.

²⁶² A ideia do estádio de futebol como um ambiente sem segredos está presente na obra de Gilmar Mascarenhas e foi por ele abordada durante as aulas da disciplina *Esporte e Território*, ministrada ao longo do segundo semestre de 2014, no curso de doutorado em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

comportamento atuavam na parte externa (apoio à fila das bilheteiras e de acesso ao estádio), nos corredores e rampas internas e, junto ao público, dentro de cada um dos setores, onde costumavam ser denominados como *stewards*. A primeira abordagem ao torcedor que descumprisse algum requisito relacionado ao padrão de comportamento desejado acontecia de forma educada. Quando ocorriam situações que fugiam ao controle desses agentes, a Guarda Municipal (nas cercanias) e o policiamento do GEPE (nas partes interna e externa) eram acionados para intervir. A equipe terceirizada também se fazia presente dentro da área gramada, ao redor do campo de jogo. Dispostos em linha (em maior número junto à mureta que separa o palco da assistência presente aos setores Leste inferior, Oeste inferior e Maracanã Mais), permaneciam sentados em pequenos bancos dobráveis durante os noventa minutos, de costas para o campo e com os olhos voltados para a plateia. Costumavam se levantar apenas no momento dos gols, ao término das duas etapas e, se necessário, durante tentativas de invasão de campo²⁶³.

Ao contrário dos demais serviços prestados, a responsabilidade pela oferta de alimentos e bebidas encontrava-se fracionada por uma série de empresas, sendo que a *Food Team* era, aparentemente, a detentora do maior efetivo nos dias de jogos. Além dos bares tradicionais, também podiam ser encontrados estabelecimentos de redes franqueadas (caso do *Espetto Carioca*) e vendedores ambulantes cadastrados vestindo uniformes numerados, com a tabela de preços desenhada no colete. Enquanto alguns podiam ser vistos espalhados pelos corredores, posicionados ao lado de carrinhos que ofereciam produtos diversos, outros se movimentavam entre os assentos oferecendo principalmente sorvetes e bebidas (servidas em copos de plástico, sem tampa) antes e durante a realização das partidas. De acordo com um desses trabalhadores, eles eram contratados por uma das inúmeras empresas do ramo autorizadas a atuar no estádio²⁶⁴.

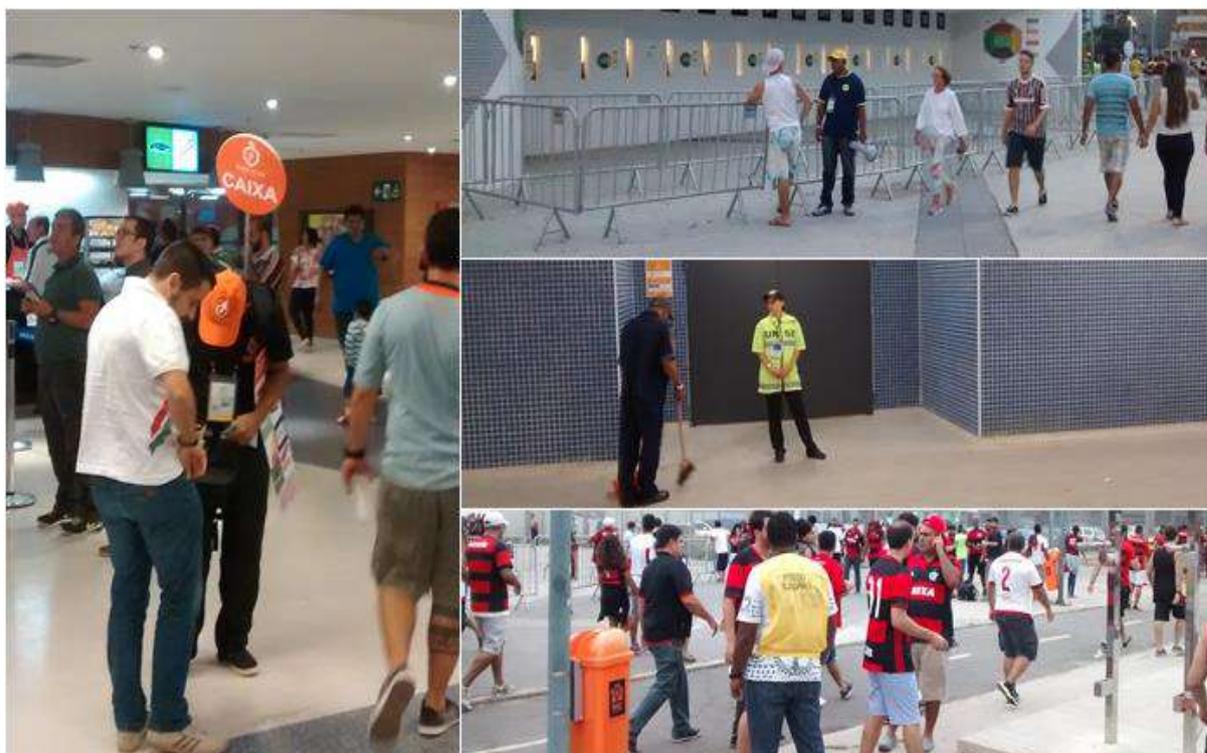
Um dos maiores desafios existentes para quem organiza a logística relacionada aos jogos de futebol diz respeito a encontrar um mecanismo que permita atender satisfatoriamente ao intenso fluxo de pessoas nos bares e banheiros durante o intervalo de quinze minutos. Em algumas partidas, presenciei a formação de longas filas nos bares, mas, em geral, o número de funcionários envolvidos na operação parecia suficiente. Uma solução adotada nos setores mistos foi a presença de um funcionário que se deslocava pelo saguão durante o intervalo

²⁶³ Durante as cinquenta e uma partidas da fase de observações, não presenciei tentativas de invasão. Somente no momento da volta olímpica em comemoração ao título estadual conquistado, em 2016, pelo Vasco da Gama (jogo 44), vi um torcedor cruzmaltino sendo retirado do setor Oeste inferior pelos seguranças. De acordo com informações transmitidas por outros espectadores, ele insistia em se apoiar sobre a mureta que separa os assentos do gramado.

²⁶⁴ Segundo relato de um vendedor ambulante durante a partida Vasco da Gama 0x0 Grêmio (jogo 39).

servindo como “caixa volante” (Foto 35). Tal preocupação não existia no Maracanã Mais, pois o serviço de *buffet* (R\$ 45 por pessoa) constava do valor desembolsado pelas entradas. Apenas a partir da segunda quinzena de outubro de 2015, com a liberação da venda de cerveja no estádio, é que os caixas desse setor passaram a funcionar, pois a cobrança era realizada à parte.

Foto 35 – Atuação de funcionários contratados por empresas de prestação de serviços



Fonte: O autor (2015 e 2016).

Se há um ponto no qual parece haver um consenso em favor do “novo” Maracanã quando comparado ao antigo estádio, ele tem relação com a limpeza e a inexistência de odores desagradáveis dentro daquele ambiente. Se, para alguns usuários tradicionais, os corredores claros implicam a perda da “magia” relacionada ao aspecto sombrio, característico da antiga estrutura, a inexistência de goteiras, responsáveis pelo acúmulo de diferentes líquidos no piso e, especialmente, o estado de conservação das instalações sanitárias, costumam ser elogiados por quem conhecia o local. O asseio desse local serve também como ponto de referência não só para os defensores da privatização da arena, mas também para explicar aos espectadores novatos como era o velho estádio. Foi o que aconteceu momentos

antes da partida Vasco da Gama 2x1 Sport²⁶⁵, quando escutei os elogios de um torcedor para um amigo acerca das condições de conservação daquele ambiente. De acordo com o narrador, no “velho” Maracanã era possível encontrar “até papel com cocô na parede”. Em sua opinião, para o estádio atingir a perfeição, “só faltava liberar a cervejinha”. Numa outra ocasião²⁶⁶, logo após a passagem pela catraca de acesso, ouvi o diálogo (em voz alta) envolvendo dois homens e uma mulher. Os rapazes procuravam estabelecer comparações entre o antigo e o novo estádio para a amiga. De acordo com um dos componentes do grupo, o Maracanã como equipamento sob a responsabilidade da administração pública tinha os banheiros imundos, com forte cheiro de urina que se espalhava pelos corredores. O guia de recomendações para os estádios padrão-FIFA procura deixar claro que a qualidade das instalações comunitárias oferecidas (incluindo os lavabos) tem relação direta com a atitude do torcedor, pois a existência de instalações limpas e bem conservadas inibe a ocorrência de comportamentos antissociais (2011, p. 113). De acordo com essa recomendação, deve haver a preocupação em assumir uma atitude preventiva com a limpeza constante do ambiente, em especial os sanitários e corredores internos²⁶⁷.

A partir de outubro de 2016, com a operação das partidas cabendo provisoriamente à *Chime Sports Marketing* (CSM) em parceria com Flamengo e Fluminense, a única mudança perceptível foi a troca da *Top3 Eventos* pela empresa *Posso Ajudar?*, uma das subsidiárias da *Golden Goal*, adquirida pela CSM. Em duas ocasiões, no momento da compra antecipada de ingressos nos guichês do estádio²⁶⁸, em razão dos bilheteiros não utilizarem qualquer identificação, ao serem questionados por mim sobre o nome da firma para a qual trabalhavam, ambos se recusaram a emitir qualquer resposta. Podemos deduzir, entretanto, que também se trate da própria firma responsável pela contratação dos orientadores de público, haja vista que,

²⁶⁵ Jogo 34, realizado em 20 de setembro de 2015.

²⁶⁶ Jogo 39. Vasco da Gama 0x0 Grêmio, realizado em 25 de outubro de 2015.

²⁶⁷ Em junho de 2014, a repórter Gabriela Moreira publicou reportagem denunciando que as empresas contratadas que atuavam no estádio possuíam vínculos diretos ou indiretos com aliados do ex-governador Sérgio Cabral. Ao pesquisar acerca das empresas terceirizadas, foi possível constatar que tanto a SUN PLUS Sistemas de Serviço Ltda. quanto a SUNSET Vigilância e Segurança Ltda. pertenciam ao mesmo grupo. No caso específico das duas empresas em questão, a direção caberia a Anderson Felipe Gonçalves, o Coronel Felipe, ex-chefe da segurança pessoal do ex-governador Sérgio Cabral. Suspeitas recaíam também sobre a escolha das demais firmas prestadoras de serviços (incluindo a despesa com o aluguel de grades móveis que não eram retiradas em razão dos sucessivos eventos) que, ainda de acordo com a matéria, praticavam preços acima da média do mercado. Naquele ano, o prejuízo estimado do Flamengo, sócio do Consórcio na operação das partidas, girou em torno dos oito milhões de reais. Em outra matéria publicada pela mesma jornalista, o Consórcio negou as insinuações afirmando que a escolha das firmas terceirizadas obedeceu a critérios técnicos sem qualquer envolvimento político.

²⁶⁸ Flamengo 2x2 Coritiba (jogo 49, realizado em 20 de novembro de 2016) e Vasco da Gama x Ceará (jogo 50, realizado em 26 de novembro de 2016).

anteriormente, a dupla missão cabia à *Top3 Eventos*. O nome da firma aparecia também na parte de trás dos coletes de cor laranja dos funcionários posicionados junto às catracas.

Concluída essa etapa, procuraremos compreender como grupos heterogêneos de frequentadores têm se apropriado dos setores “populares” Norte e Sul (subdivididos em seus níveis inferiores e superiores) e das porções Leste e Oeste, denominados inicialmente como setores mistos e, após os Jogos Olímpicos, como setores laterais. Antes, porém, vejamos como diferentes fatores relacionados às disputas futebolísticas atuam diretamente sobre o perfil, o comportamento e a distribuição espacial da plateia pelo estádio.

4.2 Os clássicos

O perfil do público que frequenta o Maracanã pode variar de acordo com uma série de situações. Há uma substancial diferença quando utilizamos como parâmetro analítico a porcentagem de beneficiários da lei das gratuidades (compreendidos como indivíduos potencialmente pouco perigosos) a partir de três variáveis: adversário; dia da semana; horário.

A Tabela 1, com os cinco percentuais mais elevados de não pagantes sobre o público total, indica o seguinte padrão ideal para o comparecimento do “torcedor-família”: adversário distante e/ou com pequena torcida – final de semana – final do horário vespertino/início do horário noturno.

Tabela 1– Maiores porcentagens de gratuidades durante o período de observações

Partida	Gratuidades (%)	Dia da semana	Horário
Fluminense 1X1 Tigres do Brasil	16,41	sábado	18h30
Fluminense 2X0 Coritiba	15,94	quinta-feira ²⁶⁹	16h
Flamengo 4X1 Goiás	15,19	domingo	17h
Vasco da Gama 0X1 Coritiba	15,01	sábado	18h30
Vasco da Gama 0X1 Figueirense	14,73	sábado	18h30

Fonte: O autor, 2017.

²⁶⁹ Feriado de Corpus Christi.

Partidas disputadas entre o final do período vespertino e o início do noturno, nos finais de semana e contra adversários de menor expressão e/ou menor percepção quanto ao potencial de periculosidade de seus torcedores, tendem a abarcar uma maior participação relativa de crianças, idosos e pessoas com deficiência. A garantia de um ambiente tranquilo, em horário e dia da semana compatíveis com a rotina do público infantojuvenil, e a “certeza” do triunfo do time do coração sobre um adversário de menor tradição parecem transformar tais ocasiões em situações ideais para apresentar o futebol *in loco*, parte de uma estratégia de cimentar a paixão torcedora.

Os clássicos locais, por sua vez, atraem um perfil de frequentador mais aguerrido, identificado com o modo de torcer tradicional em todas as suas dimensões. A Tabela 2, por sua vez, indica a repulsa do torcedor avulso de perfil familiar à seguinte combinação: clássico local – meio de semana – horário noturno.

Tabela 2 – Menores porcentagens de gratuidades durante o período de observações

Partida	Gratuidades (%)	Dia da semana	Horário
Flamengo 1x2 Vasco da Gama	6,22	domingo	16h
Flamengo 0x0 Botafogo	5,86	sábado	17h
Fluminense 0x0 Grêmio	5,28	quarta-feira	22h
Fluminense 2x1 Palmeiras	5,15	quarta-feira	22h
Flamengo 0X1 Vasco da Gama	4,01	quarta-feira	22h

Fonte: O autor, 2017.

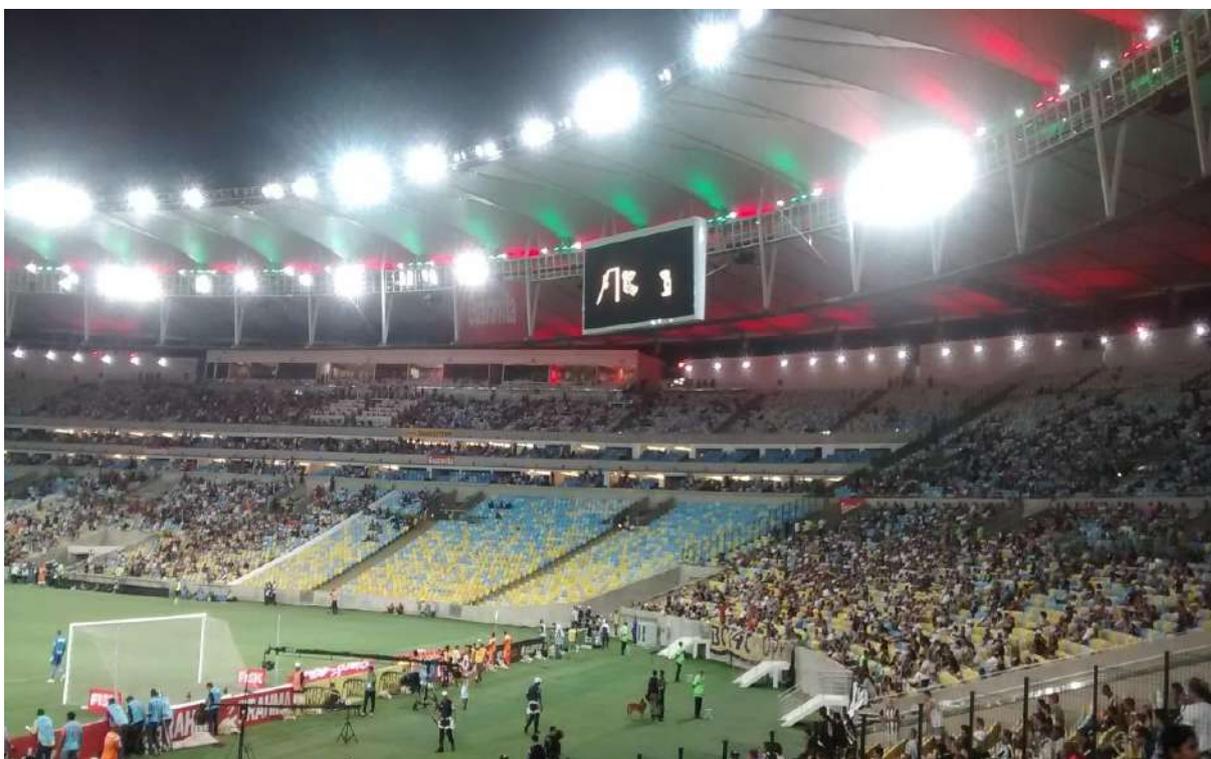
No extremo oposto, entre os cinco jogos com menor porcentagem de gratuidades, há três clássicos locais (todos envolvendo o Flamengo, dois deles contra o Vasco da Gama) e três partidas disputadas às quartas-feiras com início às 22 horas. À guisa de comparação, enquanto na disputa Fluminense 1x1 Tigres do Brasil²⁷⁰, iniciada às 18h30 de um sábado, o público não pagante correspondeu a 16,41% do total, a contenda Flamengo 0x1 Vasco da Gama²⁷¹, realizada numa quarta-feira, com início marcado para as 22 horas, apresentou uma participação relativa pouco superior a 4%. A confluência de inúmeros fatores repulsivos incidiu diretamente sobre a parca presença dos beneficiários das gratuidades. Nessas ocasiões, há um claro predomínio de jovens e adultos.

²⁷⁰ Jogo 03, realizado em 21 de março de 2015.

²⁷¹ Jogo 25, realizado em 19 de agosto de 2015.

Essas disputas, marcadas pela rivalidade, alteram a composição e o comportamento do público desde o pré-jogo. Partidas decisivas, por sua vez, acabam por potencializar comportamentos associados ao antigo estádio. Há um considerável incremento do efetivo policial destacado para a cobertura desses eventos. As laterais e o teto das composições do metrô sofrem apropriações momentâneas como instrumentos rústicos de percussão. Cânticos de exaltação às torcidas mais combativas e desdém ao adversário se sobrepõem àqueles que homenageiam o amor ao clube, às conquistas e aos ídolos do passado. No entorno do complexo, são comuns os estouros de artefatos explosivos. Há, entretanto, uma tensão controlada. Ao longo dos quinze clássicos analisados, poucos foram os conflitos registrados nas partes interna e externa do estádio, todos, como veremos, nos encontros envolvendo Flamengo e Vasco da Gama. Em 2015, somente durante essas ocasiões, a programação visual dos telões reproduzia o padrão do icônico placar eletrônico do estádio (Foto 36). A intensidade e a duração da comemoração de cada tento e a entrada das equipes alcançavam alguns segundos e decibéis a mais. Manifestações de incentivo são rebatidas imediatamente, provocando duelos que chegam a rememorar o antigo Maracanã.

Foto 36 – Telão reproduzindo a programação visual do antigo placar eletrônico do estádio



Fonte: O autor (abril de 2015).

A Tabela 3 estabelece uma comparação entre os cinco clássicos locais com maiores e menores porcentagens de gratuidades. Nos dois extremos, parece haver uma relação entre a presença de beneficiários do acesso livre com a percepção de periculosidade acerca do adversário. Dessa forma, o Botafogo é compreendido como o “melhor” rival. O elevado percentual verificado no confronto contra o Fluminense ratifica o senso comum relacionado ao perfil familiar atribuído à maior parte de seus adeptos, oriundos, em sua maioria, da classe média. Ainda que quatro dos cinco encontros contra o Vasco da Gama no período estudado fossem de caráter decisivo, a presença desse embate em três dessas ocasiões reforça a ideia de que haja uma relação amistosa entre as duas torcidas.

Tabela 3 – Maiores e menores porcentagens de gratuidades nos clássicos cariocas

Partida	Gratuidades (%)	Partida	Gratuidades (%)
Fluminense 2x1 Botafogo	13,53	Fluminense 1x2 Vasco da Gama	6,94
Botafogo 0x1 Vasco da Gama	11,51	Flamengo 0x1 Vasco da Gama	6,38
Vasco da Gama 1x1 Botafogo	10,53	Flamengo 1x2 Vasco da Gama	6,22
Vasco da Gama 1x0 Botafogo	10,2	Flamengo 0x0 Botafogo	5,86
Flamengo 0x0 Vasco da Gama	9,61	Flamengo 0x1 Vasco da Gama	4,01

Fonte: O autor, 2017.

No outro extremo, o Vasco da Gama e o Flamengo são percebidos como os rivais menos propensos ao comparecimento às partidas acompanhado de grupos compreendidos como fisicamente vulneráveis. Não por acaso, três dos cinco jogos assistidos, envolvendo diretamente as duas equipes nos anos de 2015 e 2016, figuram entre os de menor participação relativa de não pagantes.

Baseado nas observações de campo, compreendemos a torcida do Flamengo como a de maior percepção externa quanto à ocorrência de possíveis atos de violência, especialmente no acesso e na volta do estádio. Como forma de corroborar a ideia apresentada, elaborei um experimento empírico em duas ocasiões distintas, que consistia em percorrer todos os vagões da composição do metrô linha 2 no trajeto compreendido entre as estações Estácio e Maracanã. Ao longo do caminho, contava mentalmente a quantidade de passageiros portando

símbolos alusivos (camisa, boné, bandeira, etc.) ao Flamengo e às equipes rivais, Botafogo²⁷² e Vasco da Gama²⁷³, respectivamente. Nas duas ocasiões, a ampla vantagem rubro-negra, de 61x8 contra os alvinegros e de 53x9 contra os cruzmaltinos, não exprimia a proporção de torcedores encontrada no interior do estádio. A maior parte dos adeptos que utilizava artigos relacionados aos adversários estava em companhia de um ou mais rubro-negros e, provavelmente, assistiria à partida nas porções mistas. Nas demais ocasiões envolvendo o Flamengo, esse padrão se repetiu.

Outro elemento distintivo marcante em relação aos jogos “comuns” diz respeito à distribuição espacial dos adeptos nos setores Norte e Sul. Clássicos costumam atrair uma maior densidade nos níveis 2 e 5. Encontros interestaduais disputados em dias e horários favoráveis tendem a concentrar uma porcentagem mais elevada de público no nível 1. Partidas disputadas em condições adversas quanto a horário, torcida adversária, fase da equipe e dia da semana acentuam tal diferenciação. Quando em comparação com o torcedor avulso, o componente dos MOTs apresenta uma maior fidelidade torcedora que reflete numa presença assídua ao estádio. É possível notar na Foto 37 que a porção do setor Sul superior que concentrava os MOTs do Vasco da Gama, localizada mais à esquerda, permanece inalterada nas duas imagens, seja na disputa contra o Grêmio (acima), seja contra o Flamengo (abaixo). A presença de avulsos, por sua vez, é consideravelmente menor por ocasião do clássico local.

Foto 37 – Distribuição da torcida do Vasco da Gama pelos setores Sul superior e inferior

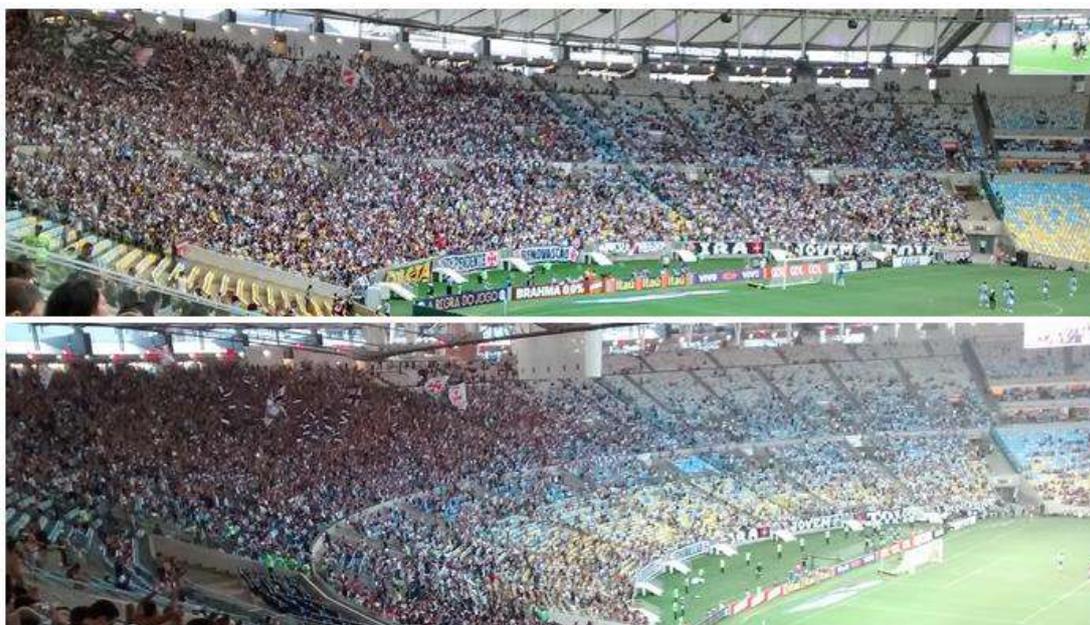


Foto: O autor (2015).

²⁷² Jogo 02, realizado em 01 de março de 2015.

²⁷³ Jogo 07, realizado em 12 de abril de 2015.

Disputas de caráter decisivo servem tanto para aflorar sentimentos de fanatismo, expressos na maior propensão ao enfrentamento (inclusive físico) com o rival (compreendido como inimigo), quanto os relacionados à adoção de atitudes extremas. Nesses casos, o amor ao time do coração suplanta qualquer preocupação relacionada à defesa da própria integridade física, o que lhe confere um capital simbólico que servirá como elemento de distinção em relação aos demais torcedores.

Dias antes da partida final do Campeonato Carioca de 2016, todos os ingressos disponíveis para o setor Sul e para as porções mistas haviam se esgotado. Restavam apenas entradas para a parte Norte, destinada exclusivamente ao Botafogo, que, passados alguns dias, também foram plenamente comercializadas. Terminada a disputa com a confirmação do bicampeonato estadual para o Vasco da Gama, em poucos minutos a torcida alvinegra deixara o local a ela destinado, que ficara praticamente vazio. No momento da “volta olímpica” da equipe vencedora, do setor Oeste inferior (onde eu estava), constatei a presença de torcedores do Vasco da Gama infiltrados no nível 1 do setor Norte (Foto 38). Ao me aproximar, identifiquei fanáticos cruzmaltinos comemorando a conquista. Um deles abriu a mochila, retirou uma camisa do clube e, quando gesticulei em sua direção solicitando um registro fotográfico, consentiu de imediato, exibindo orgulhoso o “troféu” em “território hostil”. Outro torcedor chamou a atenção não somente por carregar uma bandeira do time do coração em meio a outros invasores, mas em razão do “disfarce” adotado: uma camisa da Juventus, equipe italiana cujo uniforme é praticamente idêntico ao do Botafogo, atitude que, por se tratar de uma agremiação europeia, não configuraria uma traição ao time do coração. Há de se levar em conta a percepção desse clássico como de baixo risco e o fato de a porção Norte inferior concentrar um público com grau de fanatismo moderado. Mesmo assim, a atitude ousada desses intrépidos torcedores merece registro.

Foto 38 – Fanáticos cruzmaltinos invasores do território alvinegro



Fonte: O autor (maio de 2016).

Dois clássicos merecerão a seguir uma análise mais apurada, em razão da existência do emprego de todo um arsenal simbólico próprio que envolve tais disputas. No caso da oposição entre Vasco da Gama e Fluminense, o acirramento da rivalidade tem como mote uma disputa territorial relacionada às dimensões concreta e simbólica advindas da nova configuração e do modelo de gestão escolhidos para o estádio. Flamengo e Vasco da Gama, por sua vez, representam a sobrevivência de práticas torcedoras identificadas com o “velho” Maracanã e a permanência de uma ambiência associada ao antigo estádio, seja em seus aspectos positivos, seja nos negativos. Ao mesmo tempo em que o espetáculo das arquibancadas adquire uma dimensão única, a adoção de uma postura combativa por parte dos torcedores mostra-se inadequada à concepção do futebol como programa familiar.

4.2.1 Flamengo X Vasco da Gama: ecos do “velho” Maracanã

Em diferentes oportunidades presenciei conversas entre torcedores de diferentes equipes acerca da percepção de segurança relacionada à ida ao Maracanã. Em comum, relatos

de que a ocorrência de conflitos na parte interna praticamente inexistia. Mesmo o acesso e a saída do estádio recebiam elogios. Por sua vez, as impressões positivas costumavam ser sucedidas por uma ressalva alusiva às ocasiões nas quais se enfrentavam Flamengo e Vasco da Gama. O “Clássico dos Milhões” sobrevive no imaginário do torcedor como o confronto que guarda maiores semelhanças com a antiga imagem do Maracanã, seja como espaço perigoso, seja como espaço de festa. A acentuada rivalidade, alimentada pelo vasto repertório de cânticos bradado pelas duas torcidas, mesmo quando não estão se enfrentando diretamente, obriga a convocação de um contingente expressivo de policiais para garantir a segurança do público. Estes, por sua vez, atuam em constante estado de atenção, monitorando atentamente o comportamento dos transeuntes. Mesmo com a predisposição para torcer em paz, o torcedor apresenta em suas ações um caráter de maior combatividade.

A expressiva participação relativa e absoluta de indivíduos sem qualquer filiação a agrupamentos compreendidos como perigosos, porém sabedores do histórico de confrontos entre as duas torcidas, contribui para a formação de um ambiente marcado por uma permanente tensão. O perfil da assistência que costuma comparecer aos embates, com poucas crianças e idosos, reforça essa percepção. Parafraseando o linguajar do torcedor, trata-se de um “jogo para gente grande”. Nos arredores, o estouro de morteiros anuncia a passagem de grupos compostos por jovens do sexo masculino entoando cânticos de exaltação à torcida e depreciativos ao adversário. Torcedores avulsos, ainda que do mesmo clube, procuram manter uma distância percebida como segura.

A força da rivalidade se faz sentir também de um repertório simbólico próprio, exibido pelas duas torcidas especialmente para esses confrontos. Nas arquibancadas, a torcida *Urubuzada* exhibe um bandeirão com a inscrição PETKOVIC 27-05-2001 RECORDAR É VIVER, alusiva à data e ao autor do gol do título de tricampeão estadual conquistado sobre o rival, com o rosto do ex-jogador sérvio representado ao lado. Da parte cruzmaltina, a torcida Pequenos Vascaínos comparece com uma bandeira com mastro de bambu e a inscrição A MULAMBADA TODA CHORA, fazendo uma referência depreciativa à torcida adversária. O desenho, presente também em um dos bandeirões da Rasta, reproduz o gesto do ex-jogador Pedrinho, com o dedo indicador da mão direita cobrindo os lábios como provocação ao rival após marcar o tento derradeiro da goleada por 5x1 na Taça Guanabara do ano 2000 (Foto 39).

Foto 39 – Parte do arsenal simbólico relacionado exclusivamente ao clássico Flamengo x Vasco da Gama



Fonte: O autor (abril de 2015).

Também no interior do estádio, testemunhamos, em 2015, a única ocasião na qual a segurança privada foi obrigada a intervir diretamente (com o auxílio do policiamento) para dirimir conflitos envolvendo espectadores rubro-negros concentrados nos setores mistos e torcedores do Vasco da Gama presentes ao nível 1 da porção Sul, duas partições que, em teoria, concentrariam um público de comportamento dócil.

A festa, por sua vez, parece adquirir uma dimensão que ultrapassa a de qualquer outro confronto. A vibração não permanece restrita aos setores superiores localizados atrás dos dois gols. Mesmo com as restrições ao comportamento da assistência presente aos setores mistos, são comuns as ocasiões nas quais há um transbordamento da festa, reforçada pela participação ativa de torcedores avulsos que, em razão de toda a mística que envolve a partida, parecem dispostos a tomar parte do espetáculo. Mesmo os setores mistos costumam ser (brevemente) capturados por espírito que em nada se ajusta ao desejado “padrão arena”.

4.2.2 Vasco da Gama X Fluminense: o direito ao lado direito

Entre a chamada “Geração Maracanã²⁷⁴”, havia uma espécie de consenso acerca da localização das torcidas dos quatro grandes clubes cariocas no estádio, algo inquestionável, como se tivesse surgido de forma tão “espontânea” quanto a sua arquitetura monumental. A naturalização da existência de posições fixas destinadas às torcidas de Vasco da Gama e Flamengo poderia ser incluída no rol das tradições inventadas, compreendidas por Eric Hobsbawn como “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas” (1997, p. 9). Em seu texto *Le Maracanã, coeur du Brésil*, José Sérgio Leite Lopes apresentava a seguinte configuração para o então “maior do mundo”:

Os torcedores do *Vasco da Gama* estão sempre à direita das cabines de rádio, sempre do lado oposto do estádio ao local reservado ao *Flamengo*. Os outros grandes clubes do Rio, *Fluminense* e *Botafogo*, quando jogam contra o Flamengo, se deslocam para a direita; quando jogam contra o *Vasco*, eles se deslocam para a esquerda; quando jogam entre eles, o *Fluminense* ocupa o local reservado ao *Flamengo* e o *Botafogo* ocupa o lugar reservado ao *Vasco* (1998, p. 163, grifos do autor).

Como vimos, a reforma/reconstrução do estádio para a Copa do Mundo de 2014 e a posterior entrega da administração do complexo ao Consórcio Maracanã S.A. trouxe, como efeito colateral, um acirramento da rivalidade entre dirigentes e torcedores do Fluminense Football Club e do Club de Regatas Vasco da Gama. O pomo da discórdia reside na assinatura do contrato entre o Fluminense e o Consórcio garantindo ao clube das Laranjeiras o uso exclusivo das dependências do agora denominado setor Sul para abrigar a sua torcida, em todas as partidas no estádio. Do mesmo modo, o Flamengo continuaria ocupando o atual setor Norte. Para o espectador neutro, pode parecer um fato banal, mas para grande parte dos simpatizantes e dirigentes do Vasco da Gama, tal atitude serviu como combustível para atizar a oposição entre as duas agremiações.

Em sua defesa, Peter Siemsen, à época presidente do Fluminense, alegou que a escolha fora baseada apenas em razões mercadológicas, tendo em vista a possibilidade de o clube poder explorar comercialmente aquela porção do estádio. A favor da atitude da diretoria

²⁷⁴ Compreendemos, como tal, todo o conjunto de torcedores forjado no ambiente do estádio desde a sua inauguração, em 1950. Como vimos, tanto o porte quanto a estrutura arquitetônica totalmente diversa em comparação com as instalações preexistentes, impuseram novos usos e hábitos relacionadas ao ato de torcer e de se apropriar daquele espaço monumental. O posicionamento fixo dos adeptos de Flamengo e Vasco da Gama e a mobilidade ocasional dos torcedores de Fluminense e Botafogo talvez tenham sido a primeira prática espontânea construída no Maracanã.

tricolor, o jornalista inglês Tim Vickery, correspondente da BBC na América do Sul, mesmo reconhecendo a importância do respeito às tradições no futebol, compreende que a clássica distribuição das torcidas obedecia ao ordenamento de um estádio que já não existe mais. O novo Maracanã seria, então, um local à espera da criação de novas tradições.

O Vasco da Gama apoia a sua defesa à permanência no lado direito na existência de um acordo tácito existente há mais de seis décadas. Segundo relato do jornalista e pesquisador Fábio Grijó²⁷⁵, tal privilégio teria sido conquistado em razão do triunfo da equipe no Campeonato Carioca de 1950²⁷⁶, a primeira competição interclubes realizada na colossal edificação. Contudo, essa não é a única versão acerca da invenção da tradição relacionada ao posicionamento fixo para as duas maiores torcidas cariocas. De acordo com entrevista da antiga torcedora-símbolo do Vasco da Gama, Aida de Almeida, mais conhecida como Tia Aida, concedida a Bernardo Buarque, em julho de 2005, a escolha teria ocorrido da seguinte forma:

Recordo que no primeiro clássico entre Vasco e Flamengo no Maracanã ocorreu uma disputa por espaço entre o nosso grupo e a charanga do Jayme de Carvalho - que foi a primeira torcida a surgir. A partida aconteceu em um domingo e, quando subimos a rampa, nos posicionamos do lado direito das tribunas e eles do lado esquerdo. Como os torcedores não usavam camisas nas arquibancadas, nós precisamos mandar os rubro-negros embora da nossa área. Diante daquela situação, eu, a Neide, a Margarida, a Norma e a dona Idalina fomos até um guarda e pedimos para ele chamar o Jayme. Ele era um gentleman e nos tratava com muito carinho. Conversamos e ficou estabelecido que ele iria chamar os torcedores dele para lá e nós faríamos o mesmo quanto aos nossos. A divisão que começou naquele dia permanece até hoje. Daqui a uns anos, eu já não estarei aqui, mas sei que isso vai durar para sempre²⁷⁷.

Rogério Haesbaert (1997) compreende os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização como indissociáveis. Foi o que aconteceu com a torcida tricolor, pois enquanto compartilhava com o Flamengo o setor à esquerda das tribunas, realizava esse movimento de maneira provisória por ocasião dos clássicos Fla-Flu. Entretanto, desde 2013, a reterritorialização da torcida tricolor no setor Sul, precedida por uma desterritorialização voluntária, obrigou, por força do contrato assinado, os adeptos cruzmaltinos a sofrerem um processo de desterritorialização compulsória sempre que enfrentarem o rival. Em resumo, enquanto o Fluminense respalda o seu direito ancorado na existência de um contrato formal, assinado, registrado, que deve ser cumprido e respeitado, o

²⁷⁵ Fonte: <http://www.netvasco.com.br/n/165556/vascainos-ganharam-direito-de-ocupar-arquibancadas-do-lado-direito-das-tribunas-do-maracana-em-1951-diz-pesquisador> Acesso em 14 de maio de 2016.

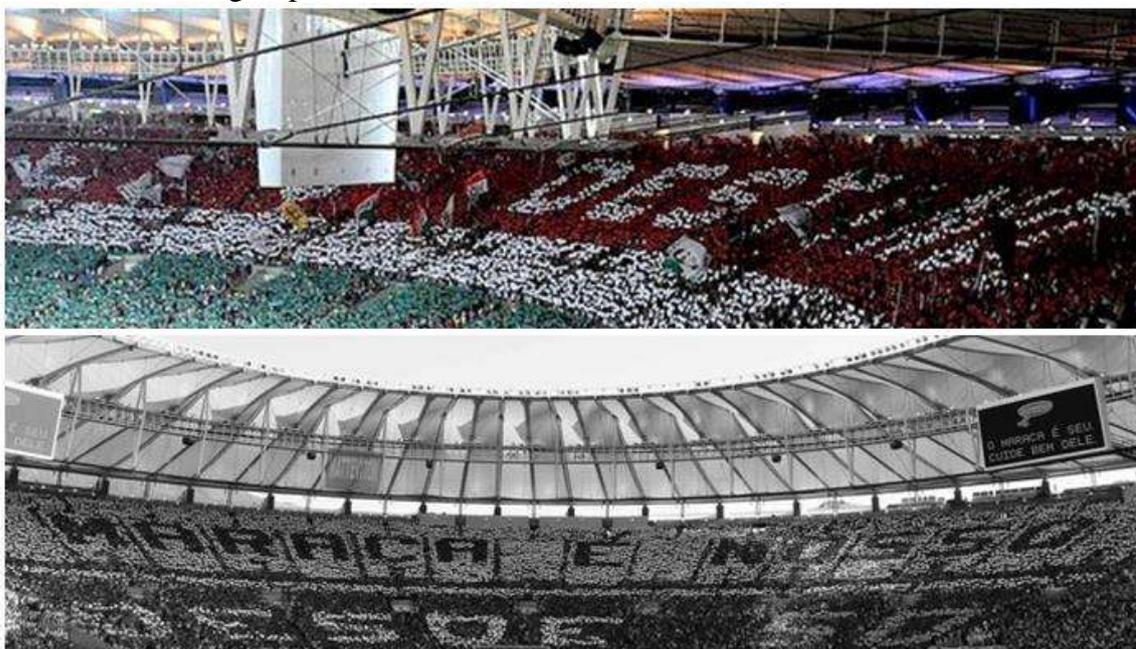
²⁷⁶ A decisão da competição foi disputada em janeiro de 1951.

²⁷⁷ Fonte: <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/2326> Acesso em 16 de abril de 2015.

Vasco da Gama apoia-se em uma relação topofílica, construída entre sua comunidade torcedora e aquela porção específica do espaço alçada à condição de lugar, fruto de uma tradição inventada há décadas.

A disputa pelo direito ao lado direito ultrapassou os limites da esfera institucional ao menos em duas ocasiões: 1ª) o mosaico formado pela torcida do Vasco, onde se lia O MARACA É NOSSO DESDE 50, apresentado na segunda partida da final do Campeonato Carioca de 2015 contra o Botafogo, serviu como resposta à exibição do painel da torcida do Fluminense com a inscrição É O DESTINO (Foto 40) em 2013, momentos antes do primeiro embate entre ambos com a nova configuração do estádio. Ambas as ações transpareciam uma intencionalidade explícita: a de marcar a posse do território; 2ª) a sucessão de apropriações por grupos de adeptos das duas equipes, de um muro localizado na Rua Professor Eurico Rabelo praticamente em frente ao acesso Sul B (ver seção *O Muro*). Na tensa semana do único encontro entre ambos no Maracanã, em 2015, poucas horas após ter sido pintada com as cores do Fluminense²⁷⁸, a parede de concreto amanheceu desfigurada, intervenção atribuída aos apoiadores do Vasco da Gama²⁷⁹.

Foto 40 – Mosaicos da torcida do Fluminense, em 2013, e do Vasco da Gama, em 2015: estratégias para marcar território



Fonte: André Durão (GloboEsporte.com).

²⁷⁸ Fonte: <http://www.netvasco.com.br/n/165476/antes-do-jogo-contra-o-vasco-torcedores-pintaram-muro-em-frente-ao-maracana-com-as-cores-do-fluminense> Acesso em 14 de maio de 2016.

²⁷⁹ Fonte: <http://www.netvasco.com.br/n/165488/muro-tricolor-ao-lado-do-maracana-amanheceu-manchado-neste-domingo> Acesso em 14 de maio de 2016.

Desde então, a oposição entre as duas torcidas e suas respectivas diretorias conheceu um significativo incremento, especialmente do Vasco da Gama em relação ao Fluminense. Tamanha animosidade ganhou contornos de “guerra” em 2015, logo após o retorno de Eurico Miranda à presidência do clube de São Januário. Não foram poucos os torcedores cruzmaltinos que substituíram (mesmo que momentaneamente) o Flamengo pelo Fluminense como o rival mais odiado. Da mesma forma que ocorre com o *clássico dos milhões* (nesse caso, de modo recíproco), há agora todo um repertório específico de símbolos depreciativos ao rival (mosaicos, faixas, camisas, adereços de mão trazidos por torcedores avulsos). O efetivo policial destacado, o comportamento dos torcedores no pré-jogo e a vibração com traços de fúria no momento do gol também parecem adquirir um novo *status*. A lembrança do oponente mesmo quando não há um confronto direto (caso do já citado mosaico da final do Campeonato Carioca de 2015) reforça essa impressão.

Além da questão relacionada à apropriação simbólica da parede de concreto, diferentes fatos envolveram a semana da partida disputada entre ambos no Maracanã, em 19 de julho de 2015. O departamento jurídico cruzmaltino acionou a justiça com um pedido de liminar solicitando o acesso ao contrato assinado entre o Fluminense e o Consórcio sob a alegação de que, em teoria, nenhum clube deveria ter privilégios ao estabelecer um acordo com o grupo que administra o complexo. Após a negativa por parte do Poder Judiciário²⁸⁰, houve um boicote da diretoria vascaína à partida, abrindo mão, inclusive, da utilização do Estádio de São Januário como posto de venda de ingressos e da cota de cortesias destinadas ao clube. Em razão do conflito gerado, e apoiada no fato de o mando de campo pertencer ao Fluminense, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) chegou a determinar que a partida fosse disputada com torcida única, mas voltou atrás em razão de uma recomendação do Ministério Público. Nas redes sociais, ganhou corpo um movimento de compra de ingressos do setor Sul pelos torcedores do Vasco da Gama, atitude imediatamente condenada pelo GEPE, que, de pronto, anunciou a proibição da presença de torcedores portando qualquer tipo de símbolo alusivo à torcida rival nos setores localizados atrás dos gols²⁸¹. Na mesma semana, a diretoria do Fluminense anunciou a contratação do jogador Ronaldinho Gaúcho, citado dias antes por Eurico Miranda como “90% fechado com o Vasco”. A página oficial do Fluminense na rede social *Facebook* estampou a imagem de uma camisa tricolor com o número dez, o nome do

²⁸⁰ Ação negada pelo juiz André Pinto, da 33ª Vara Cível do Rio de Janeiro. Fonte: <http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/bastidores-fc/post/pedido-de-liminar-do-vasco-para-ver-contrato-entre-flu-e-maracana-e-negado.html> Acesso em 20 de julho de 2016.

²⁸¹ Fonte: <http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2015/07/vascainos-se-mobilizam-para-comprar-ingressos-no-lado-direito-do-maracana.html> Acesso em 15 de julho de 2015

atleta e a frase “90% + 10 = 100% tricolor”²⁸². A apresentação do novo reforço fora programada para momentos antes do início da partida.

O ambiente construído para o único encontro envolvendo diretamente as duas equipes no estádio, em 2015, implicou a adoção de estratégias de contenção por parte dos agentes responsáveis pela segurança, não utilizadas nem mesmo em partidas de caráter decisivo ou clássicos opondo Vasco da Gama x Flamengo²⁸³. A caminho do estádio, ao chegar à estação Glória do metrô, um aviso sonoro repetia de modo intermitente a informação de que a torcida do Vasco da Gama deveria desembarcar na estação São Cristóvão enquanto a do Fluminense deveria procurar a estação Maracanã. Tanto na plataforma quanto no interior da composição era possível identificar apenas camisas do Fluminense. Durante a transferência entre as linhas 1 e 2, pude avistar apenas três torcedores do Vasco da Gama, todos pertencentes a um mesmo grupo e com uma torcedora com o uniforme do adversário junto a eles. Em São Cristóvão, gritos de “Desce, bacalhau!” eram proferidos em direção aos poucos vascaínos que caminhavam pela plataforma. Na chegada à estação Maracanã, brados de “Nense!” e cantos de provocação entoados a plenos pulmões ecoavam pelo ambiente, atitudes pouco comuns no deslocamento rumo ao “novo” Maracanã.

Ao caminhar em torno do complexo, antes de chegar ao acesso D/Bellini²⁸⁴, avistei uma jovem com a camisa do Vasco da Gama carregando uma grande letra “C” com as mesmas cores encontradas na bandeira do Fluminense. Um pouco adiante, próximo ao Museu do Índio (local de concentração estranho aos adeptos vascaínos), chamou a atenção um pequeno grupo de torcedores que distribuía para os seus componentes camisas com os seguintes dizeres: DESDE 1950 VOCÊS NUNCA TERÃO ESSA CRUZ, com o desenho da cruz de malta ao lado (Foto 41). Mais do que provocações, é possível encarar tais atitudes (individuais ou coletivas) como atos de resistência a uma imposição contratual que, de acordo com a compreensão daquele agrupamento, se sobrepõe a uma prática construída ao longo de décadas.

²⁸² Fonte: <http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2015/07/r10-lado-direito-e-varias-provocacoes-rivalidade-entre-flu-e-vasco-pega-fogo.html> Acesso em 17 de julho de 2015.

²⁸³ Partida disputada no dia 19 de julho de 2015 (jogo 20), válida pela 14ª rodada do campeonato Brasileiro. Tanto no Campeonato Carioca de 2015 quanto no segundo turno do Campeonato Brasileiro do mesmo ano, as partidas (com o mando de campo pertencente ao Vasco da Gama) foram disputadas no Estádio Nilton Santos.

²⁸⁴ Optei pelo setor Leste superior, pois além de poder ter uma visão neutra acerca do comportamento das duas torcidas, em razão da promoção *Torcida Extra*, patrocinada pelo jornal *Extra*, quem apresentasse cupons promocionais impressos no jornal ao longo da semana (segunda a sexta-feira) teria direito a dez reais de desconto (por cupom) para as entradas dos setores Leste superior (não utilizado em quase todas as partidas anteriores) e Oeste inferior.

Foto 41 – Provoações de torcedores do Vasco da Gama dirigidas ao Fluminense



Fonte: O autor (julho de 2015).

Dentro do estádio, era visível o amplo domínio numérico da torcida mandante²⁸⁵. Enquanto o setor Sul apresentava lotação esgotada, no lado oposto, havia apenas uma pequena aglomeração de torcedores no subsetor destinado à torcida visitante, especialmente no nível superior, ocupado pelos Movimentos Organizados de Torcedores (MOTs). Tais agrupamentos, como vimos, caracterizam-se por uma maior fidelidade e por manifestações de apoio efusivas ao time do coração. Os torcedores do Fluminense do setor Sul de tempos em tempos gritavam “O Maraca é Nosso!” e “Segunda Divisão!” em direção à claque adversária, que prontamente bradava “Terceira Divisão!” como réplica. A esse respeito, uma pequena faixa colocada na mureta que separa o Norte inferior do campo de jogo continha a seguinte provocação: 100% LIBERTADORES 98, seguida do termo SÉRIE C escrito com as cores do adversário²⁸⁶. Nos setores mistos, ocupados na sua quase totalidade por simpatizantes do Fluminense, não havia faixas, camisas ou qualquer outra representação simbólica alusiva à

²⁸⁵ À guisa de comparação, a análise do borderô comprova que, sem contarmos as gratuidades, o setor Sul, destinado à torcida do Fluminense, abrigou 15.361 torcedores; no lado oposto, compareceram somente 4.294 cruzmaltinos.

²⁸⁶ É possível perceber uma dupla intencionalidade na construção da frase em provocação ao rival: a primeira diz respeito ao fato de o rival jamais ter alcançado êxito em conquistar a Copa Libertadores da América, conquistada pelo Vasco da Gama em 1998; a segunda, uma resposta à já citada provocação exibida no mundo virtual relacionada à contratação de Ronaldinho Gaúcho pelo Fluminense.

posse ou à defesa de um território reivindicado pelos dois grupos, seja em razão de um acordo tácito, seja de um contrato redigido, assinado e registrado formalmente. A luta pelo direito ao lado direito aparentemente não lhes dizia respeito. Soava como uma guerra em defesa de um “país” que não lhes pertence.

Empolgada com o bom momento da equipe no campeonato (situação oposta à enfrentada pelo rival) e sem querer se envolver em polêmicas, a maior preocupação daquela parte da claque tricolor antes do início da partida era registrar o instante da apresentação de Ronaldinho Gaúcho. Quem se encontrava no setor Leste superior enfrentou dificuldades em acompanhar a chegada do novo ídolo em razão da forte incidência dos raios solares contra o rosto dos espectadores. Por sua vez, enquanto os presentes aos setores mistos seguravam seus aparelhos eletrônicos em uma das mãos e, com a outra, procuravam direcionar uma sombra sobre os olhos, o público do setor Sul (livre do incômodo provocado pela ação do sol) saudava a chegada do consagrado jogador e cantava em provocação à torcida e ao presidente da equipe adversária.

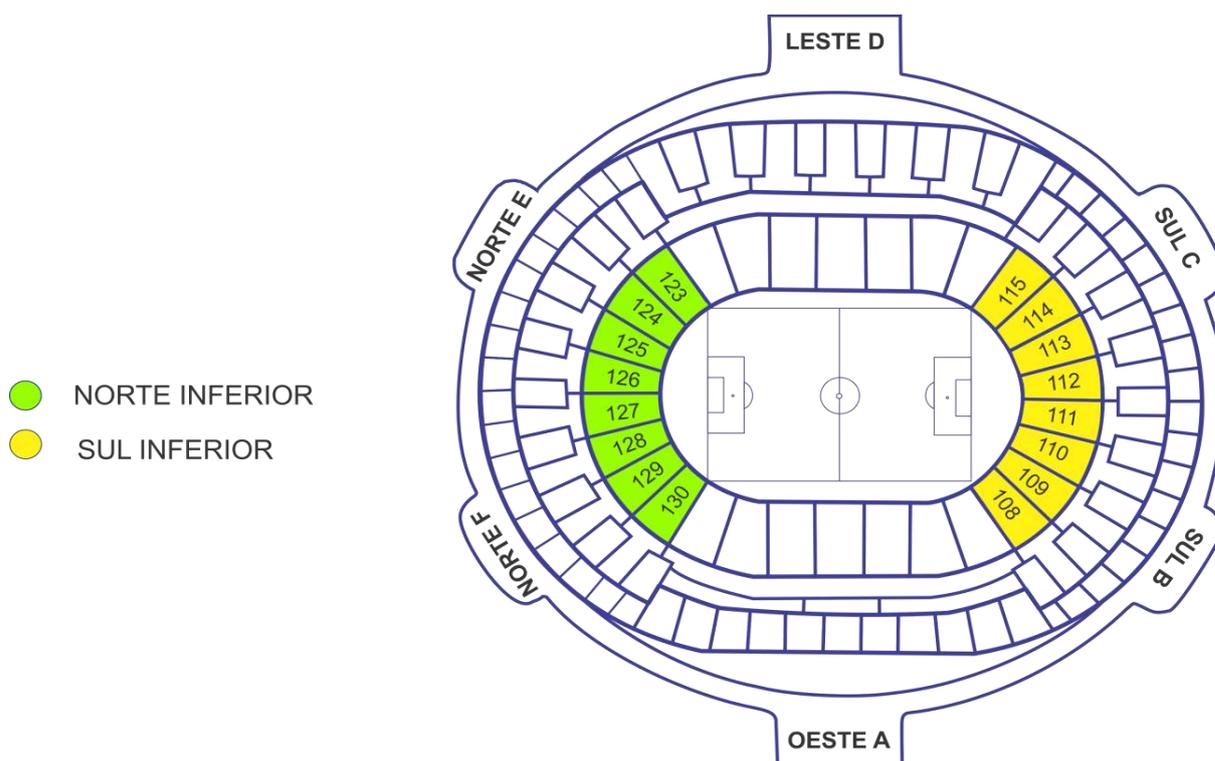
Terminada a contenda, mesmo frustrada com a vitória do Vasco da Gama por 2x1, os adeptos do Fluminense presentes ao setor Leste superior não se deixaram contagiar pelo ambiente hostil construído em torno da disputa. Os poucos torcedores adversários puderam exprimir suas emoções sem que houvesse qualquer tipo de atrito. Fato curioso foi perceber a vibração contida no instante do primeiro gol e mais “solta” após o segundo tento e o apito final, como se os adeptos cruzmaltinos se sentissem mais confiantes a respeito da garantia ao livre direito de expressão e à preservação da sua integridade física.

4.3 Setores inferiores Norte e Sul: áreas familiares

De início, podemos classificar os setores inferiores (Imagem 10) como áreas familiares, que concentram o perfil social (mas não o socioeconômico) desejado para os frequentadores das novas arenas. Em nenhuma outra porção do Maracanã é possível perceber, em números absolutos ou relativos, uma presença tão significativa de mulheres, crianças e idosos. Os adolescentes, por sua vez, parecem preferir a companhia dos MOTs posicionados nas porções superiores, compreendidos como um entre tantos rituais de passagem característicos desse período da vida. Esse ambiente vem sendo construído e consolidado em razão da combinação de diferentes fatores, sobre os quais teceremos algumas considerações: a

existência das leis das gratuidades e das meias-entradas; o confinamento dos MOTs nos níveis 2 e 5; a não obrigatoriedade em ocupar o lugar marcado no ingresso; a predisposição em obedecer à *lei* imposta ao público frequentador sem, entretanto, o mesmo rigor encontrado nas porções mistas.

Imagem 10 – Setores inferiores Norte e Sul



Autor: Duilio Sanchez Macedo.

Como vimos, a ampla legislação que normatiza a concessão de meias-entradas e gratuidades a diferentes categorias no Maracanã, apesar das inúmeras críticas, permite a determinados arranjos familiares e de grupos de amigos das classes menos favorecidas (especialmente à classe média-baixa) frequentar o estádio regular e/ou esporadicamente. Em situações pontuais, possibilita a reterritorialização de parte dos antigos frequentadores, desterritorializados pelo progressivo encarecimento do preço cobrado pelas entradas nos últimos anos. A significativa redução do valor *per capita* gasto com ingressos costuma ter no nível 1 dos setores Norte e Sul sua expressão visível. Ao que parece, os pais e avós elegem esse local como “porta de entrada” para que seus filhos tenham o primeiro contato com o estádio. É possível ter essa percepção especialmente em partidas disputadas nos finais de semana e feriados, com início durante os períodos matutino e vespertino, que oponham o time do coração a equipes cujo contingente de adeptos não seja percebido como “perigoso”. Os

clássicos locais e disputas programadas para o período noturno, em dias de semana (principalmente no horário televisivo das 22 horas), por sua vez, costumam inibir a afluência desse tipo de frequentador.

O confinamento dos MOTs em determinadas partes dos setores superiores Norte e Sul fez com que o nível 1 reforçasse seu perfil familiar. Percebe-se, contudo, um duplo movimento. Ao mesmo tempo em que buscam um refúgio “seguro”, livre da imagem de desordem associada de forma generalizada aos MOTs, existe um fascínio pela beleza dos espetáculos sonoro, visual e corpóreo que atrai esse tipo de torcedor para a suas cercanias sem, no entanto, estabelecer um contato direto, mantendo uma distância confortável em relação aos espaços de festa que resistem no estádio. Tal percepção foi possível especialmente nas disputas envolvendo as equipes de Fluminense, Vasco da Gama e Botafogo, em que a densidade de público do nível inferior costuma coincidir com a proximidade das barras *Bravo 52*, *Guerreiros do Almirante* e *Loucos pelo Botafogo*, respectivamente. No caso específico do Flamengo, tal observação é dificultada em razão da fragmentação dos MOTs e da alta taxa de ocupação do setor Norte em praticamente todas as partidas oficiais do clube. Essa distribuição espacial pode ser compreendida como uma predisposição desse contingente torcedor em participar da festa promovida pelos MOTs, em especial as celebrações mais “palatáveis” dos movimentos sem, entretanto, se submeter a certos hábitos comportamentais desses aglomerados compreendidos como incômodos, especialmente a “obrigação” de ter de assistir às partidas de pé.

Nesse ambiente, salvo a presença da *Charanga Rubro-Negra*, posicionada estrategicamente nos últimos lances da arquibancada, junto ao muro que separa os níveis 1 e 2²⁸⁷, não são encontrados instrumentos musicais, e as poucas bandeiras de mão vistas tremulando costumam ser as mesmas comercializadas por vendedores ambulantes nos arredores do estádio e são carregadas por crianças (Foto 42).

²⁸⁷ A posição escolhida pelo tradicional agrupamento no remodelado equipamento esportivo permite que eles se levantem durante a execução das músicas sem interferir no campo de visão dos espectadores posicionados atrás (primeiras fileiras da porção superior). O repertório escolhido, composto por músicas de exaltação ao clube, de amplo domínio popular, costuma agradar aos frequentadores do setor norte inferior.

Foto 42 – Plateia de perfil familiar assiste de maneira comportada à partida Flamengo x Figueirense



Fonte: O autor (julho de 2015).

Apesar da colocação das faixas dos MOTs na mureta junto ao gramado, a presença desses agrupamentos é notada apenas em momentos específicos e breves, como, por exemplo, a exibição de mosaicos, de bandeirões dos coletivos *Urubuzada* (Flamengo) e *Rasta* (Vasco da Gama) pouco antes de determinadas partidas e com o pó de arroz lançado no momento da entrada em campo da equipe do Fluminense.

Durante as partidas, o frequentador “médio” do nível 1 apresenta um comportamento próximo ao dos espectadores clássicos: quase todos permanecem sentados, vindo a se levantar apenas em alguns momentos específicos, tais como lances de perigo, a hora do gol e instantes de maior emoção. Mesmo assim, quando o fazem, é por períodos curtos que, ao contrário do padrão consolidado nos setores mistos, podem se estender por alguns minutos, transformando-se momentaneamente em um prolongamento dos espaços de festa da vizinhança da porção superior. Pode-se dizer que a participação mais ativa da torcida do nível 1 se dá apenas de forma consentida, principalmente acompanhando músicas de amplo domínio popular, com destaque para o hino do clube. Gestos e coreografias são vistos timidamente, mas não são prontamente repreendidos pelos fiscais de comportamento ou por outros espectadores como costuma ocorrer nos setores mistos. Em razão do perfil relacionado ao público presente, são comuns as manifestações coletivas ou individuais em que se

destacam vozes e brados de tom agudo. Quando confrontados com os setores mistos (com entradas mais caras e sem o direito às gratuidades), o nível 1, frequentado pelas classes médias, apresenta um perfil étnico e social expandido, ainda com o predomínio de indivíduos de cor branca é verdade, mas nada tão “agressivo” como se verifica onde a clivagem socioeconômica é mais explícita.

Um outro traço marcante dessa parte do estádio é a concentração de torcedores fantasiados e/ou carregando cartazes, em sua maioria, de conteúdo bem-humorado. Essas personagens de aparência pitoresca configuram, em alguns casos, verdadeiros testemunhos da Geral do Maracanã, como a torcedora-símbolo do Fluminense conhecida como Vovó Tricolor.

O cumprimento das normas de comportamento concebidas para a nova arena encontra-se numa posição intermediária entre o rigor exigido para as partes mistas e a tolerância admitida nas vizinhanças superiores. A ausência de lugares marcados possibilita uma maior mobilidade para os torcedores, além da formação de grupos não organizados numericamente expressivos, compostos por familiares, amigos e “amigos dos amigos”, algo comum no estádio *pré-reforma*. Há, ao mesmo tempo, uma predisposição em respeitar a recomendação de que todos assistam sentados à partida. A equipe de seguranças procura posicionar-se junto à mureta que separa a arquibancada do gramado, próximo aos túneis de acesso, impedindo aglomerações naquele ponto. Os locais reservados a pessoas com mobilidade reduzida, que, não raro, sofrem apropriações efêmeras, são transformados em mirantes e pontos de apoio para registros fotográficos.

Ao longo da fase de observações, chamou a atenção uma espécie de “obsessão” por parte dos fiscais de comportamento (certamente em cumprimento a insistentes recomendações de seus superiores) em impedir que torcedores permanecessem sem camisa e, principalmente, não permitir que apoiassem o(s) pé(s) sobre o encosto do assento localizado na fileira à frente. Na maior parte das abordagens, feitas de modo educado, o público presente acatou de imediato. Entretanto, em algumas situações, houve certa resistência. Numa delas, durante a partida Vasco da Gama 1x2 Atlético Mineiro²⁸⁸, um espectador de estatura elevada, com as duas pernas esticadas para frente, ao ser repreendido, retrucou dizendo que o estádio se encontrava vazio. Ao perceber a inflexibilidade do *steward*, apontou para o bloco onde se concentrava o MOT *Guerreiros do Almirante*, argumentando que “lá em cima todo mundo faz isso”. De pronto, o segurança concordou com a afirmação, mas alegou que onde o rapaz se

²⁸⁸ Jogo 30, realizado em 05 de setembro de 2015.

encontrava tal comportamento não seria admitido. Caso ele quisesse agir da maneira desejada, deveria dirigir-se para os níveis 2 e 5. Após o apelo do amigo que o acompanhava, mesmo contrariado, o espectador resolveu sentar-se da maneira compreendida como adequada para o local. Existe, por sua vez, uma maior tolerância da equipe de seguranças em relação à presença de torcedores em pé, junto às grades responsáveis por separar os setores inferiores das porções mistas. Outro ponto de conflitos recorrentes diz respeito à presença de *pós-geraldinos* na primeira fileira, posicionada próximo ao campo de jogo. Entre tantos embates observados, um deles, no qual participei de maneira involuntária, merece registro especial.

Durante a segunda etapa da disputa entre Fluminense e Ponte Preta²⁸⁹, com o estádio recebendo um público total inferior a dez mil torcedores, resolvi ocupar um assento próximo à torcedora fantasiada, popularmente conhecida como Vovó Tricolor, a fim de melhor observar como aquela carismática senhora se comportava. Perto dela, quatro jovens assistiam à partida em pé, na primeira fileira (um quinto elemento, avulso, se levantava apenas em momentos de maior perigo). Como estava próximo ao grupo (posição que limitava a área de enquadramento para eventuais registros fotográficos), passei para a fileira de trás, repetindo o gesto pouco depois. Ato contínuo, o segurança postado próximo a eles, com os olhos voltados para o público, fez um sinal com uma das mãos na minha direção perguntando se os rapazes estavam dificultando a minha visão do campo. Respondi com gestos que não, de forma alguma. Logo após, um dos rapazes fez a mesma pergunta (chamou a atenção a expressão corporal de lamento, não de agressividade ou contrariedade). Repeti o gestual e, a partir desse instante, minha análise se voltou para o duelo entre o fiscal de comportamento e os cinco torcedores. Passados alguns instantes, o segurança privado, visivelmente incomodado, solicitou a todos para que se sentassem. Enquanto falava, gol do Fluminense. Os jovens “explodiram” em alegria, e o fiscal de comportamento, imediatamente, desistiu de seu ímpeto disciplinador e normatizador, voltando a atenção para a parte interna da arquibancada a fim de evitar possíveis invasões ao campo de jogo (Foto 43).

²⁸⁹ Jogo 16, Fluminense 2x0 Ponte Preta, realizado em 24 de junho de 2015.

Foto 43 – Duelo em três atos: *steward* x *pós-geraldinos*

Fonte: O autor (junho de 2016).

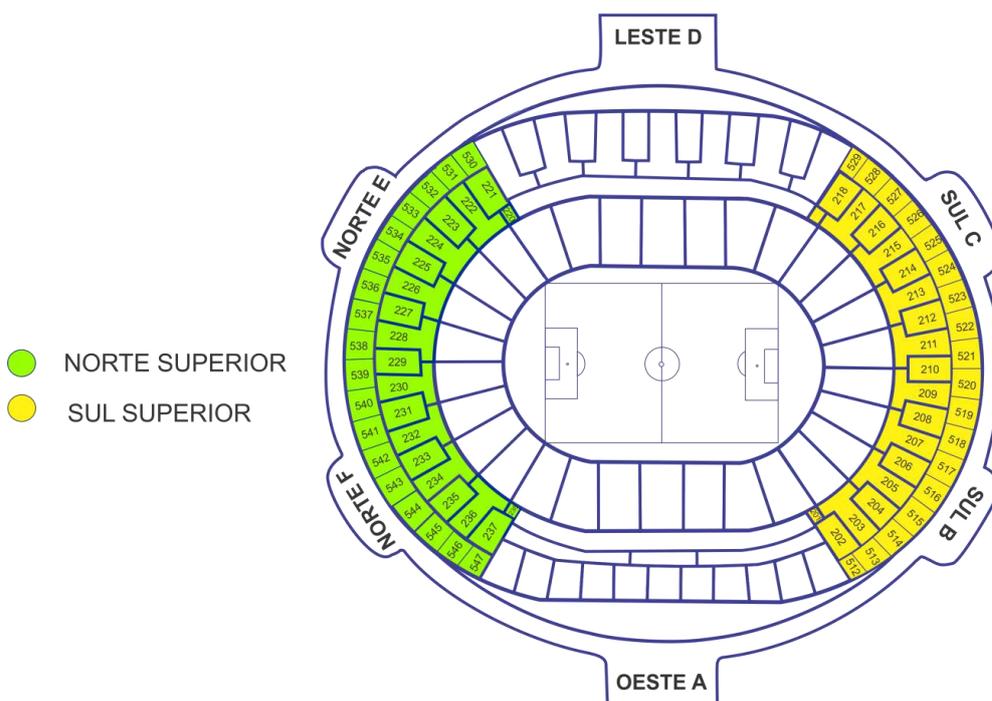
Em partidas de maior apelo de público, costuma haver um transbordamento do hábito de torcer em pé, característico dos setores superiores. Tal atitude ocorre não em razão da invasão dos torcedores dos níveis 2 e 5, mas sim devido à superlotação daquele subsetor por culpa de um planejamento ineficiente elaborado pelos organizadores do evento. Ao subestimarem o quantitativo de público presente e, em busca de auferir maiores lucros, procuram adiar ao máximo, ou mesmo impedir a abertura de novos espaços na parte oposta do estádio. Trata-se de uma situação recorrente. Como consequência, além do desconforto e do desrespeito ao “cliente”, verifica-se o surgimento de pequenos focos de atrito e de uma multiplicação de situações desagradáveis entre aqueles que exigem o cumprimento do direito de assistir à partida em seus assentos e demais espectadores que, muitas vezes, se veem compelidos a permanecer de pé. A equipe de segurança, nesses momentos, até mesmo em razão da dificuldade em se movimentar, pouco interfere.

É possível afirmar que as porções inferiores concentram um público diverso onde há uma coexistência entre diferentes tipos de torcedor e modos de torcer. De início, prevalece a reprodução dos padrões de comportamento impostos para os setores mistos, mas sem transformar a ida ao estádio em uma experiência atomizada. O desenrolar da partida e a vibração dos coletivos torcedores próximos conduzem a rompimentos temporários desse contrato tacitamente estabelecido. Durante esses rompantes eufóricos, mimetiza-se parcialmente o arsenal festivo produzido pelos componentes dos MOTs. Em um curto intervalo de tempo, é permitido a esses indivíduos assumir diferentes posturas relacionadas ao modo de se comportar durante a sua permanência em um estádio de futebol.

4.4 Setores superiores Norte e Sul: resistência e consentimento

Compreendemos o confinamento dos adeptos associados aos Movimentos Organizados de Torcedores (MOTs) nos níveis 2 e 5, localizados atrás das duas metas (Imagem 11), como parte de uma estratégia de limitar e controlar o acesso, a presença, a permanência e a sobrevivência de modos de torcer percebidos como inadequados ao estádio arenizado.

Imagem 11 – Setores superiores Norte e Sul.



Autor: Duilio Sanchez Macedo.

Também é possível perceber que, em razão de uma abertura ao diálogo entre lideranças torcedoras, dirigentes esportivos, responsáveis pela segurança e administradores do renovado equipamento, a cultura torcedora forjada no estádio, ao longo de décadas, persiste nesses subsetores, ainda que de forma consentida. Podemos classificá-los como espaços de resistência de expressões festivas e/ou de protesto, nos quais o genoespaço sobrevive e consegue se impor ao nomoespaço.

4.4.1 Os espaços de festa

Até o ano de 2005, o Maracanã apresentava três grandes anéis, dispostos da seguinte forma, de baixo para cima: a geral, as cadeiras azuis e as arquibancadas (com uma subdivisão feita por grades fixas, correspondente a cerca de 1/6 de sua área, reservada às cadeiras especiais, cabines de rádio, televisão e Tribunas de Imprensa e de Honra). Como mostrado na Foto 11 (p. 145), o público presente às cadeiras especiais e Tribuna de Honra (assim como nas antigas cadeiras azuis) assumia uma postura muito mais contemplativa do que participativa. Mesmo considerando que esse tipo de espectador estivesse presente em todos os setores, a festa ecoava por todo o estádio especialmente em seus anéis inferior e superior. Dessa forma, sua arquitetura possibilitava aos dois anéis mais “vocais” (arquibancada e geral) a recorrente criação de um ambiente festivo que, em grandes jogos, apesar do gigantismo característico daquele espaço, assumia uma atmosfera de “caldeirão”.

O antigo equipamento, projetado para as massas, apresentava formas de apropriação bastante peculiares, que refletiam os diferentes estratos socioeconômicos que compunham o seu público frequentador, com amplos setores acessíveis às camadas populares. A esse respeito, cabe a seguinte citação de Mascarenhas:

Criados, ao menos em parte, para as camadas menos favorecidas, estes estádios apresentavam estruturas de cimento e concreto rústicas e bastante simplificadas. Clássica se tornou a imagem do torcedor assíduo que apresenta o “fundo das calças puído pelo cimento das arquibancadas”. A ausência de conforto é uma tônica geral e as vastas superfícies sem distinção de setores propiciavam uma mobilidade espacial quase infinita às multidões, que assim puderem desenhar livremente suas dinâmicas comportamentais. Rusticidade e descaso que foram apropriados pelas massas como oportunidade de “fazer o estádio a seu modo”, produzir aquele espaço social com certa autonomia (2014a, p. 30, grifos do autor).

Com o fim da Geral, a redução da capacidade das arquibancadas em razão da colocação de assentos e o progressivo encarecimento do preço das entradas em um ritmo acima da inflação e do ganho real do valor do salário mínimo, houve uma significativa e contínua diminuição em números absolutos e relativos da presença de torcedores pertencentes às classes populares. Paralelamente, cresciam as restrições relacionadas à participação das torcidas organizadas, compreendidas como agentes responsáveis pela promoção da desordem. Tais fatos, aliados à nova configuração interna do nosso mais importante equipamento esportivo, foram fundamentais para a imposição inicial de um novo padrão de comportamento diametralmente oposto ao tradicional modo de torcer construído ao longo de décadas. A hipersetorização do estádio levou a um confinamento do ato de torcer na qualidade de expressão coletiva a subsetores localizados nas porções superiores Norte e Sul, resultante do embate entre lideranças torcedoras, administradores da arena, autoridades governamentais e responsáveis pelo policiamento. Para muitos antigos frequentadores, havia o temor de que o estádio, descaracterizado internamente, viesse a perder sua alma.

Ao longo do período de observações, foi possível identificar no interior das dependências do estádio que os espaços de festa resistem nas áreas de circulação e arquibancadas do nível 2 (setores Norte e Sul). Com menor frequência, é possível encontrá-los nas rampas de acesso aos portões de saída. Sem levar em consideração o momento do gol, somente em situações bastante peculiares esses espaços podem se expandir (momentaneamente) para outros locais.

Ao subir as rampas de acesso ao nível 2, o torcedor que adentra ao estádio com, aproximadamente, uma hora de antecedência tem a oportunidade de assistir e, caso deseje, vivenciar, a festa promovida pelos Movimentos Organizados de Torcedores (MOTs). Para aqueles que temiam a transformação do estádio de futebol em teatro, é auspicioso constatar que a festa, mesmo confinada em determinados locais, resiste. Tive a oportunidade de acompanhar “apresentações” promovidas por torcedores de três clubes diferentes (Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama) e observar algumas semelhanças e diferenças entre elas²⁹⁰.

As celebrações coletivas são marcadas pelo protagonismo dos componentes dos MOTs, que carregam consigo todo um arsenal de apetrechos compreendidos, em um primeiro momento, como inadequados à nova arena. O desenrolar da ação gira em torno de um núcleo formado pela bateria. Nele, os instrumentos musicais marcam o ritmo da apresentação. Ao redor, cânticos contendo juras de amor eterno ao clube do coração e provocações aos rivais

²⁹⁰ Jogos 05 (Flamengo 3x0 Fluminense), 07 (Vasco da Gama 0x0 Flamengo), 13 (Fluminense 2x0 Coritiba) e 17 (Fluminense 2x1 Santos).

locais são entoados com entusiasmo. Jovens com o tronco nu ou coberto com camisas dos coletivos aos quais pertencem, aparentemente em transe, pulam sem sair do lugar, caminham em ziguezague e formam “rodinhas” abraçados uns aos outros. O tremular intenso das bandeiras, que chegam a se tocar suavemente, escurece por alguns instantes os corredores, conferindo a eles ares do antigo estádio. Atraídos pelo som e pela visão dos pavilhões agitados de modo intermitente, espectadores e *satélites* aceleram o passo e assumem uma posição periférica, cientes do seu papel secundário no festejo, contribuindo somente com alguns decibéis durante os refrãos das canções mais conhecidas.

As bandeiras e instrumentos musicais funcionam como próteses, prolongamentos dos membros superiores para os componentes dos MOTs, cabendo aos telefones e filmadoras função semelhante para os torcedores avulsos e *satélites*. Muitos procuram eternizar o momento, filmando e tirando *selfies* ao lado do cônjuge ou com um dos braços erguidos e a boca aberta, simulando uma participação ativa inexistente, tendo a festa como pano de fundo para a exibição instantânea nas redes sociais. Da mesma forma, havia repetidos pedidos para fotos segurando os mastros de bambu das bandeiras. Tanto os seguranças privados quanto o policiamento do GEPE observavam a tudo sem qualquer interferência. Ao que parece, há um acordo tácito entre administradores da arena, líderes de torcida e forças de segurança. Nenhum incidente foi verificado durante os folguedos. Havia uma clara disposição de celebrar em grupo de maneira pacífica. Ainda que de forma consentida, o genoespaço prevalece sobre o nomoespaço.

Quanto às particularidades, a festa promovida pela torcida do Vasco da Gama contava com a presença de MOTs variados. Sob o comando da bateria da organizada *Força Independente*, pavilhões da própria torcida e das coirmãs *União Vascaína* e *Mancha Negra* se misturavam a outras bandeiras e bandeirinhas do movimento *Guerreiros do Almirante* (Foto 44). O repertório misturava canções de amor ao clube, exaltação às suas glórias passadas, além de provocações aos rivais, especialmente o Flamengo, adversário daquela tarde de outono²⁹¹. Empolgados, *satélites* e demais torcedores avulsos tomavam parte da festa sem, entretanto, interferir diretamente. Apesar da expressiva presença feminina na torcida *Força Independente* (inclusive com uma componente responsável por marcar o ritmo com o bumbo e outra que, em determinados momentos, tremulava uma grande bandeira), percebi que as

²⁹¹ Relato baseado nas impressões colhidas momentos antes do início da disputa Flamengo 0x1 Vasco da Gama (jogo 07), realizado em 12 de abril de 2015.

mulheres ocupavam uma posição ativa, mas que poderíamos nomear como “periferia imediata”, cabendo ainda aos homens (em número bem maior) o papel de protagonistas.

Foto 44 – Corredores do nível 2 apropriados pela festa protagonizada pelos MOTs



Fonte: O autor (2015).

Pouco antes da partida Fluminense 2x0 Coritiba²⁹², a barra *Bravo 52* promoveu sua celebração com o apoio da bateria, e tremulando somente bandeirinhas com cinco listras horizontais, três delas brancas, intercaladas por uma listra vermelha e outra verde. O momento de maior impacto, entretanto, ocorreu logo após a apresentação. Recolhidos os adereços e faltando pouco menos de vinte minutos para o apito inicial, um potente grito de exaltação à torcida *Young Flu* (banida dos estádios cariocas), marcou a entrada dos componentes, ao som de uma música de amor ao clube, cantada à capela, cuja melodia lembrava a canção *Every Breath you Take*, do grupo inglês *The Police*. Pacientemente, todos seguiram rumo ao túnel de acesso à arquibancada. De início, tencionava acompanhá-los à distância apenas para fotografar o momento da entrada antes de seguir para outro local. Sem perceber, fui atraído pelo magnetismo exercido por aquela cena. Desta feita, não se tratava de um canto histórico, mas sim com um volume mais baixo, com uma cadência lenta, porém constante, quase hipnotizante. A entrada sem pressa e ritmada, somada ao grande número de pessoas, e os

²⁹² Jogo 13, realizado em 4 de junho de 2015.

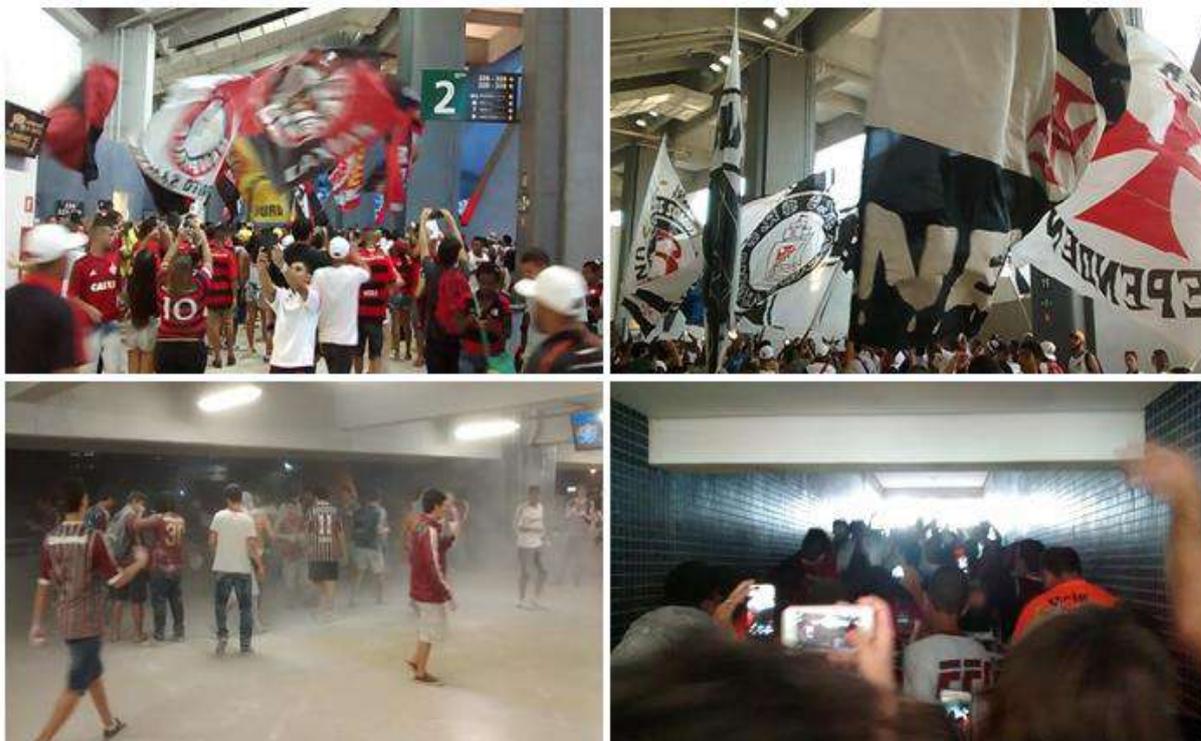
instrumentos de percussão erguidos sobre a cabeça dos músicos provocavam o efeito de escuridão, cortado apenas pelos inúmeros pontos de luz dos aparelhos eletrônicos que a tudo registravam (Foto 45). Finalmente, o contraste formado entre o negrume e a luz natural de uma tarde ensolarada fez com que, pela primeira (e única) vez no novo estádio, pudesse rememorar a emoção provocada pela entrada na arquibancada do Maracanã pré-reforma/reconstrução.

Menos de um mês depois²⁹³, uma obra do acaso permitiu que pudesse assistir a uma apropriação diferente daquele mesmo local enquanto espaço de festa. Distráido, enquanto olhava para o telefone celular e digitava algumas observações, subi por engano a rampa de acesso ao nível 2. Ao chegar, fui surpreendido por uma algazarra (quase infantil) na qual torcedores do Fluminense juntavam pó de arroz com as mãos e atiravam o produto em direção aos seus confrades. Enquanto se divertiam, entoavam cânticos depreciativos aos rivais. Os seguranças apenas observavam.

A experiência rubro-negra teve como protagonistas os componentes da torcida *Fla-Manguaça* e do movimento *Nação 12*. A união da torcida *chopp* com o movimento popular (que não figuram entre os mais concorridos MOTs vinculados ao Flamengo) parecia ser tão ou mais numerosa do que o aglomerado formado pelos quatro MOTs ligados ao Vasco da Gama. Em razão do caráter superlativo da torcida do Flamengo, a quantidade de avulsos presentes também era bastante expressiva. Durante o espetáculo, era possível identificar dois comportamentos distintos dos torcedores rubro-negros. Os afiliados aos coletivos cantavam, dançavam e vibravam intensamente. Ao mesmo tempo, os *satélites* e avulsos pareciam ocupar uma distância “segura” em relação à efusiva comemoração, um misto de medo e fascinação, preocupados em eternizar o momento com os *smartphones* que carregavam consigo.

²⁹³ Jogo 17 Fluminense 2x1 Santos, realizado em 2 de julho de 2015.

Foto 45 – Diferentes modos de celebração protagonizados pelos MOTs nos corredores do nível 2



Fonte: O autor (2015).

Tradicionalmente, as arquibancadas compõem o cenário de maior visibilidade para a folia por eles promovida. Nelas, percebe-se claramente a diferença entre a festa lefebvreaana dos setores superiores Norte e Sul (níveis 2 e 5) e a celebração atomizada ou em pequenos núcleos característica das demais partições. Isso não quer dizer que tal cenário seja imutável. Em determinadas ocasiões, geralmente em partidas de grande apelo, havia um breve transbordamento para os setores inferiores Norte e Sul que, como vimos, em determinados momentos-chave podia se espalhar por boa parte do estádio. Podemos citar como exemplos os mosaicos exibidos, atrás dos gols, por torcedores do Vasco da Gama, Botafogo e Fluminense. É comum também que haja uma apropriação momentânea das extremidades inferiores ocupadas por bandeirões, especialmente no momento da entrada das equipes em campo ou, no caso do Fluminense, com nuvens de pó de arroz. Em algumas partidas do Flamengo, é comum a presença, na última fileira do setor Sul inferior, da tradicional *Charanga Rubro-Negra*.

Durante alguns clássicos, ou mesmo quando o adversário de outro estado comparecia com um numeroso quantitativo, era possível notar que, em razão da atual configuração “vertical” (com setores superiores e inferiores) em lugar da antiga disposição anelar, salvo em situações excepcionais, os cantos de festa e as provocações entre torcidas rivais não

percorriam o estádio de modo contínuo. Em 2015, os setores centrais (com torcida mista, formada por avulsos e com comportamento predominantemente contemplativo), dispostos ao longo de toda a extensão das linhas laterais, pareciam represar a força do canto emanado de trás das duas balizas. A forte fiscalização por parte dos *stewards* impedindo que torcedores de comportamento mais participativo permanecessem de pé por longos períodos contribuía para acentuar este quadro.

Naquele ano, em raras ocasiões os setores centrais foram apropriados como espaços onde a festa relacionava-se diretamente com o espetáculo. A pequena presença de público e o fechamento recorrente de significativas porções do estádio em nome de um maior equilíbrio da relação receita-despesa parecem constituir fatores impeditivos à propagação da festa pelo estádio. Merece destaque a partida Flamengo 2x0 Cruzeiro²⁹⁴ quando, após o segundo tento rubro-negro, pude finalmente ouvir a “voz” dos setores Leste e Oeste. Mesmo posicionado na torcida adversária (Sul inferior) e com a presença de um significativo contingente rubro-negro à minha direita, numa outra parte do próprio setor Sul, era possível sentir que, especialmente durante o hino do clube e as canções de maior apelo popular, havia uma maior proximidade do grito da torcida vindo do lado esquerdo que, dessa vez, não se restringia apenas ao longínquo setor Norte. Assim como no antigo estádio, a energia corria horizontalmente, de modo contínuo. Talvez em razão da histórica relação amistosa existente entre as organizadas das duas equipes, no momento da *ola*, alguns cruzeirenses tenham resolvido participar da festa sem sofrerem olhares de reprovação por parte de seus congêneres. Tamanha ambiência foi possível em razão do desempenho satisfatório da equipe em campo, aliado ao bom momento na competição e à repetição da estratégia adotada pela diretoria na partida contra o São Paulo, a de cobrar ingressos “baratos” a partir de R\$ 40²⁹⁵ para torcedores avulsos, sem direito a quaisquer benefícios (em vez dos valores habituais que oscilavam entre R\$ 50 e R\$ 60). Essa atitude permitiu o acesso de outro perfil de torcedor (ainda distante do cidadão que aufere baixos salários) e o transbordamento da massa rubro-negra para parte do setor Sul, com a ocupação de uma vasta área constantemente ociosa. Nas duas ocasiões, o público total superou a marca dos 40.000 espectadores.

Poucos objetos representam tão bem o meio técnico-científico e informacional quanto os telefones celulares. Forma dotada de múltiplas funções, simboliza o contínuo e aparentemente infinito avanço das técnicas. Muitas vezes esses pequenos objetos funcionam

²⁹⁴ Jogo 32, realizado em 10 de setembro de 2015.

²⁹⁵ Valor da entrada inteira. Meia-entrada a R\$ 20, mesmo preço cobrado para o Sócio-Torcedor que optasse pelos setores Sul e Norte (R\$ 10 o ingresso de meia-entrada).

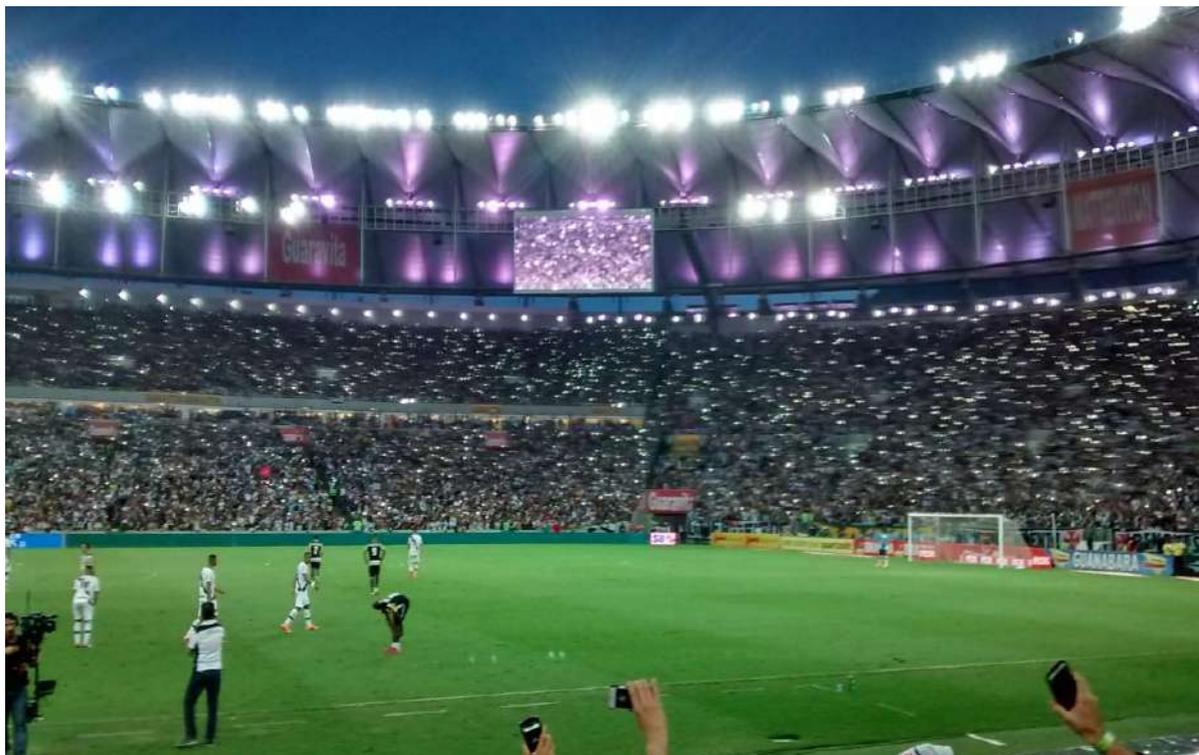
como próteses, extensões do corpo humano, utilizadas pelos espectadores interessados em eternizar a festa da torcida na qualidade de expressão coletiva, muitas vezes forjando ou amplificando uma inexistente participação ativa naquela celebração. Entretanto, toda forma tem uma função e quem dá a função às formas somos nós (SANTOS, 1996). A mesma forma que pode ser utilizada como meio de distração e alienação do espectador com as onipresentes *selfies*, filmagens, jogos eletrônicos, postagens e trocas de mensagens via redes sociais também pode ser responsável pela materialização da festa em sua expressão mais democrática. Com o confinamento das bandeiras e bandeirões nos setores Norte e Sul e a imposição de uma série de restrições comportamentais nas porções Leste e Oeste, a tecnologia pode ser utilizada para exprimir novos modos de vivenciar a partida e chamar à celebração atores improváveis.

Como exemplo, durante a segunda etapa da partida final do Campeonato Carioca de 2015²⁹⁶, torcedores do Vasco da Gama espalhados por todo o setor Sul (também compunham a ampla maioria das porções mistas) acionaram as lanternas de seus celulares ou utilizaram um dos muitos aplicativos (gratuitos) disponíveis, que emitem uma luz que pulsa de forma intermitente. Não tardou para que pequenos pontos brilhantes se espalhassem por três quartos do estádio, num espetáculo que, à medida que ganhava corpo, empolgava ainda mais os seus torcedores. No setor misto Maracanã Mais (onde me encontrava), compreendido como um ponto no qual o nomoespaço suplanta o genoespaço, os torcedores cruzmaltinos, por mimetismo, abandonavam a postura menos ativa que lhes é característica e, mesmo sem demandar qualquer esforço físico, é verdade, também eram alçados à condição de artistas do espetáculo (p. 46). Os botafoguenses presentes ao redor, por sua vez, filmavam o espetáculo luminoso protagonizado pela torcida adversária. Ainda que haja alguma resistência por parte de determinados grupos²⁹⁷, o uso dos avanços tecnológicos pelo torcedor em favor do espetáculo tende a se estabelecer como uma tradição inventada e abraçada por diversas torcidas nos estádios do século XXI, destacadamente em partidas disputadas no período noturno.

²⁹⁶ Jogo 10, Botafogo 1x2 Vasco da Gama, realizado em 3 de maio de 2015.

²⁹⁷ Em conversa com colegas presentes ao setor Sul superior durante a contenda Vasco da Gama 2x1 Ceará (jogo 50), realizada em 26 de novembro de 2016, escutei o relato de que parte dos frequentadores dos MOTs cruzmaltinos se manifestou de forma contrária ao show de luzes promovido próximo ao final da partida. Para eles, tal expressão seria típica do chamado “futebol moderno” ao qual se opõem. Onde me encontrava, na porção Norte superior, ocupada majoritariamente por torcedores e espectadores avulsos, não identifiquei qualquer manifestação contrária.

Foto 46 – Uma nova forma de comemoração



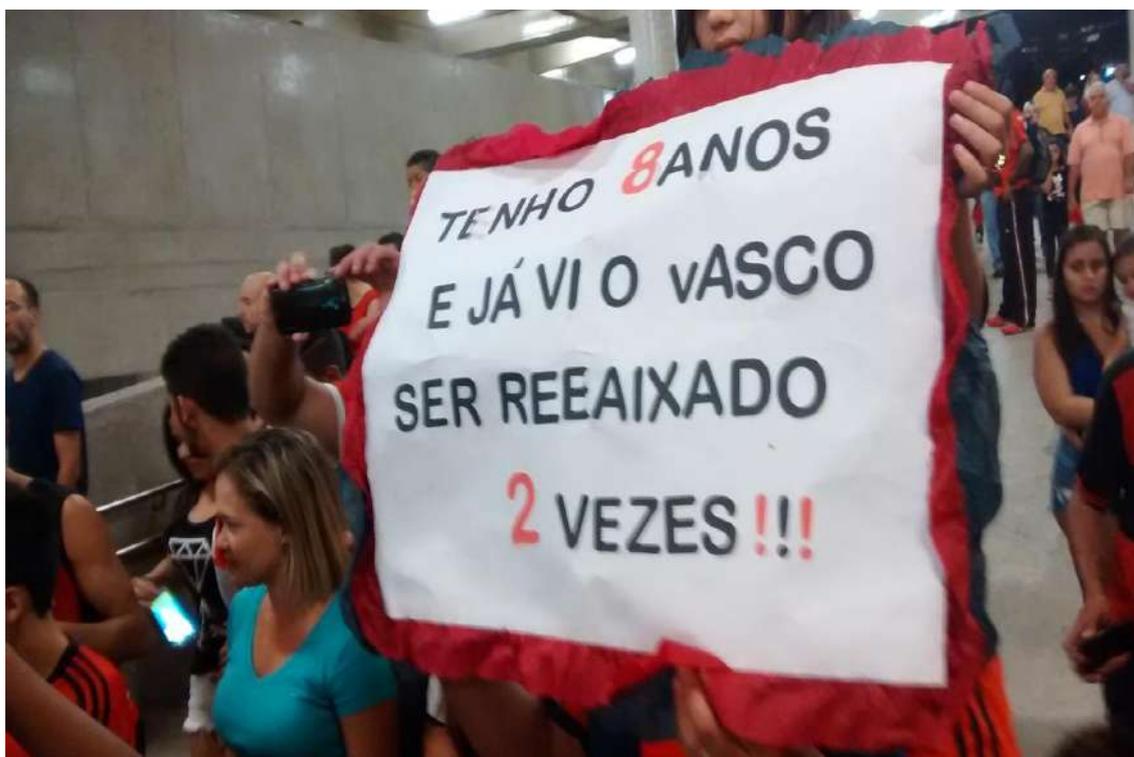
Legenda: Espetáculo luminoso promovido por torcedores do Vasco da Gama posicionados nos setores Sul (à direita) e Leste (à esquerda). Em primeiro plano, frequentadores do Maracanã Mais empunhando seus telefones celulares.

Fonte: O autor (maio de 2015).

Terminada a disputa com um desfecho favorável, as áreas de circulação tendem a sofrer novas apropriações como espaços de festa. Há uma potencialização dessas manifestações logo após os clássicos. Os monitores de televisão espalhados pelos corredores, cuja programação visual (quando da realização de jogos entre os “quatro grandes” cariocas) reproduz o letreiro do icônico placar eletrônico do antigo Maracanã, são transformados em local para fotos com a exibição do resultado final da contenda. Revivendo práticas outrora corriqueiras, torcedores abrem caminho em meio à multidão, cumprimentam uns aos outros e, triunfantes, descem as rampas em êxtase. Triunfos sobre adversários de outros estados implicavam um maior controle sobre os corpos. O caminho rumo à saída do estádio é percorrido com passos lentos e curtos. Cânticos de exaltação ao clube e de deboche aos adversários locais dão o tom das celebrações. No caso da torcida do Fluminense, há uma preocupação em reforçar estereótipos utilizados para designar de forma negativa os seus adeptos rivais (vascaíno – dono de padaria; flamenguista – marginal; botafoguense – chorão). Há também, espaço para provocações bem-humoradas. Findada a disputa Flamengo 3x2 Atlético Paranaense, era possível perceber um expressivo número de sorridentes torcedores fotografando uma cartolina erguida por uma menina, apoiada nos ombros do pai. No cartaz, a

frase: “TENHO 8 ANOS E JÁ VI O VASCO SER REBAIXADO 2 VEZES!!!” (Foto 47) em alusão à péssima campanha do rival que, naquela noite, fora relegado à última colocação na tabela de classificação do Campeonato Brasileiro de 2015.

Foto 47 – Cartaz exibido por uma jovem torcedora após a vitória do Flamengo sobre o Atlético Paranaense em provocação ao rival Vasco da Gama



Fonte: O autor (agosto de 2015).

4.4.2 Os espaços de contestação

Apesar da proposta inicial de transformar os estádios de futebol em ambientes neutros, livres de manifestações de cunho político, elas resistem nas arenas, onde o ato de emitir opiniões, apesar de sofrer uma série de restrições, sobrevive. Ato individuais, como a exibição de camisas contendo mensagens contra o chamado futebol moderno e, no caso de torcedores do Flamengo, em oposição à FERJ e à CBF, convivem com expressões solidárias, direcionadas a uma coletividade externa ao futebol. A torcida *Garra Tricolor*, durante a partida Fluminense 1x0 Joinville²⁹⁸, estendeu uma faixa com os dizeres TODO APOIO AOS

²⁹⁸ Jogo 11, realizado em 09 de maio de 2015.

PROFESSORES, solidarizando-se com os profissionais da educação feridos, dias antes, por uma ação truculenta patrocinada pela Polícia Militar do Estado do Paraná. Advogando em uma esfera restrita, porém em nome de todas as organizadas, o *Esquadrão Atleticoano*²⁹⁹ estendeu sobre os assentos do setor Norte superior uma bandeira (sem o mastro de bambu) contendo a mensagem TORCEDOR ORGANIZADO NÃO É VAGABUNDO³⁰⁰. Tais manifestações revivem a alma do estádio como espaço de contestação em oposição à neutralidade pretendida para as arenas, compreendidas, dessa forma, como “espaços de alienação” (Foto 48).

Foto 48 – O estádio resiste como espaço de protesto



Fonte: O autor (2015)³⁰¹.

Seguindo outra vertente, voltada exclusivamente para a avaliação do desempenho do time do coração dentro do campo de jogo, algo que, na verdade, interessa à maior parte do público torcedor, o ato de protestar é expresso de forma contundente, marcado pela vocalização associada a movimentos corporais específicos. O combustível que move tais atos é a sequência negativa de resultados da equipe no campeonato, potencializada pelo mau

²⁹⁹ MOT vinculado ao Clube Atlético Mineiro.

³⁰⁰ Jogo 29, Fluminense 1x2 Atlético Mineiro, realizado em 30 de agosto de 2016.

³⁰¹ A imagem na parte inferior, à esquerda, foi retirada da internet, autor desconhecido, 2015.

desempenho momentâneo em campo. Essa combinação é responsável pela transformação da porção superior dos setores localizados atrás dos gols em espaços de contestação.

Um traço marcante da relação do torcedor com o time do coração é o seu caráter passional. Quando se trata do time com a mais expressiva base torcedora do país, todas as emoções, positivas ou negativas, parecem amplificadas. Durante a partida Flamengo 4x1 Goiás³⁰², o corredor do nível 2 (em toda a sua extensão) e parte do setor Norte superior sofreram apropriações como espaços de contestação sem, todavia, abandonar o componente festivo. Como me mantive alheio ao noticiário esportivo ao longo da semana, estranhei o fato de, no horário marcado para o início do evento, ainda nas bilheterias, não escutar qualquer manifestação sonora vinda do interior do estádio. Com a partida em andamento, no acesso Norte E, percebi um bom número de torcedores vestidos com camisas de diferentes MOTs. Estes apenas conversavam, sem fazer a menor menção de entrar no Maracanã. Nos corredores de acesso ao nível 2, mesmo com a vitória parcial, muitos componentes permaneciam sentados ou simplesmente conversando.

Ao chegar à arquibancada, acompanhado de Bruno, meu irmão, e de meu sobrinho, Gabriel, de 6 anos, junto à cerca que separa o setor Norte (altura da pilastra 42, na parte voltada para o setor Leste), minha impressão era a de que entrara em um universo paralelo sem relação alguma com o mundo real. Não havia bandeiras nem instrumentos musicais. Todos permaneciam sentados e, do outro lado da cerca interna, pela primeira vez em jogos do Flamengo, presenciei um tumulto marcado por agressões verbais envolvendo a *Fla Manguaça* (um MOT percebido como pacífico) e torcedores avulsos. O policiamento do GEPE interveio, cercando a área de conflito. Depois, de forma enérgica, porém, sem violência física, apreendeu um dos torcedores e conduziu-o para fora das arquibancadas. Não tardou para que se formasse uma pequena aglomeração de avulsos junto à grade para fotografar o ocorrido e aplaudir a força de segurança. Assim que nos sentamos, era possível escutar um coro de incentivo ao clube entoado por cerca de dez adeptos avulsos. Líderes da *Urubuzada* sinalizaram para que eles se calassem (Foto 49). Imperava um ambiente marcado pela tensão. Finalmente compreendi que os MOTs rubro-negros resolveram se unir e utilizar o “não torcer”, de certa forma, “imitando” os setores mistos ou, então, agindo da maneira idealizada como o novo padrão desejado para a assistência, como forma de protesto. O resultado: um silêncio constrangedor.

³⁰² Jogo 40, realizado em 8 de novembro de 2015.

Foto 49 – Componentes da *Urubuzada* pedindo para que torcedores avulsos permanecessem em silêncio como forma de protesto



Fonte: O autor (novembro de 2015).

Resolvi retornar sozinho para a área de circulação. Nela, os torcedores demonstravam desdém com o desenrolar da ação no gramado. As bandeiras permaneciam enroladas nos mastros e repousavam sobre o piso de granito ou apoiadas na mureta. Em alguns momentos, uma ou outra era exibida com movimentos lentos enquanto os policiais do GEPE circulavam atentos. O gol de empate marcado pela equipe do Goiás, visto dos monitores espalhados pelo ambiente, serviu para aumentar a insatisfação da torcida com a equipe.

O término da primeira etapa marcou a passagem para a segunda parte do protesto. Ainda no corredor, as bandeiras foram desfraldadas exceto uma cujo mastro de bambu era carregado por alguns manifestantes posicionados lado a lado, com os braços esticados para cima. Surpresos, os avulsos que pretendiam fazer uso dos bares ou das instalações sanitárias buscavam se afastar de um possível conflito ou sacavam de suas máquinas fotográficas e celulares para registrar o inusitado acontecimento. Ao ritmo dos instrumentos musicais e entoando cânticos, ora de protesto, ora de exaltação ao clube, teve início uma espécie de procissão. Mesmo enquanto manifestação, o caráter festivo não foi deixado de lado. Alguns dançavam e pulavam em meio às inúmeras “rodinhas” formadas. Para o observador externo, era possível estabelecer uma comparação com o tradicional desfile das escolas de samba, pois,

além da bateria, cada MOT, com as suas vestimentas e símbolos próprios, parecia compor uma ala. O tom de espetacularização do protesto se fazia notar com o forte impacto visual e sonoro da passeata e com a preocupação de muitas pessoas em filmar ou fotografar a si mesmas naquele momento (Foto 50). Logo após, seguiram em direção ao setor das arquibancadas destinado à torcida *Raça Rubro-Negra* para assistirem juntos à segunda etapa e partirem para o terceiro ato da *performance*.

Foto 50 – Eu canto, eu protesto, eu filmo!



Fonte: O autor (novembro de 2015).

Retornei então em busca do meu irmão e de seu filho. Ao entrar, presenciei um novo entrevero envolvendo, desta feita, torcedores avulsos, que resolveram apoiar o protesto liderado pelos MOTs, e seus congêneres, que procuravam incentivar a equipe. Iniciada a segunda etapa, os protestos continuaram. Dessa vez, à moda antiga, com as bandeiras freneticamente agitadas e o coro da torcida, que entoava os nomes de quase todos os jogadores, ofendendo-os logo em seguida. Durante a execução desse cântico, o segundo tento rubro-negro foi comemorado somente por torcedores avulsos. Na sequência, mais um tento favorável ao Flamengo. Nova onda de vibração exclusiva dos avulsos, imediatamente abafada pela voz e pelos instrumentos dos MOTs.

Apesar de não ser a intenção original, o espetáculo sonoro e visual, resultante da junção dos instrumentos e das bandeiras e bandeirinhas dos coletivos *Urubuzada*, *Fla Manguaça*, *Raça Rubro-Negra*, *Império* e *Nação 12*, passou a competir com a própria partida pela atenção do público presente. Atraídos pela beleza da festa/protesto promovida pelos MOTs, torcedores avulsos transformaram a cerca interna do setor em *point* para registros audiovisuais (Foto 51). Como voz destoante, um senhor abandonou momentaneamente o assento que ocupava para proferir impropérios em direção às torcidas, acusando-as de estarem interessadas somente em receber ingressos gratuitos.

Foto 51 – Torcedores avulsos alheios à partida acompanham a festa-protesto promovida pelos MOTs rubro-negros



Fonte: O autor (novembro de 2015).

O hino do clube marcou o primeiro momento de união entre os torcedores avulsos e os representantes dos MOTs. Encantado com o que presenciara em sua primeira ida ao estádio e com o auxílio paterno, Gabriel procurava acompanhar a coreografia. Os cantos de incentivo superavam os de protesto e um ambiente menos hostil começava a se formar. Junto à divisória, o policiamento apenas observava. Certo é que, comparando o primeiro com o segundo tempo, a arquibancada “ganhou vida” com o movimento da torcida (seja para apoiar, seja para contestar). Logo após o quarto gol, mesmo com uma vibração tímida dos MOTs, os gritos de “time sem vergonha” (entre outros) não cessaram. Ficou clara a união entre os

agrupamentos quando o grito de “ÔÔÔÔÔ Mengo!” não foi sucedido pelo “eco” de “AAAAA Raça!”, entoado como complemento pela “anfitriã” *Raça Rubro-Negra*. Minutos antes do fim do jogo, notei um fluxo acima do normal de avulsos que deixavam o estádio. Satisfação pela certeza do triunfo rubro-negro ou temor diante da possibilidade de conflitos resultantes dos desdobramentos da sequência de protestos promovida pelos MOTs³⁰³?

A permanência desses rituais da festa e de protesto pode ser compreendida sob duas perspectivas distintas: 1^a) representaria uma vitória do genoespaço sobre o nomoespaço, símbolo da resistência do ato de torcer coletivamente em oposição à atomização e alienação do torcedor pretendida pelos gestores das novas arenas; 2^a) expressaria apenas uma concessão dos agentes hegemônicos, responsáveis por normatizar e, com o auxílio do policiamento do GEPE, impor limites à “espontaneidade” das expressões capitaneadas pelos MOTs, seja pelo controle sobre a entrada do material a ser utilizado, seja pelo confinamento e vigilância da área tolerada para as manifestações. Haveria, portanto, uma ordem previamente estabelecida em meio à aparente desordem.

4.5 Os setores mistos e a terceirização do ato de torcer

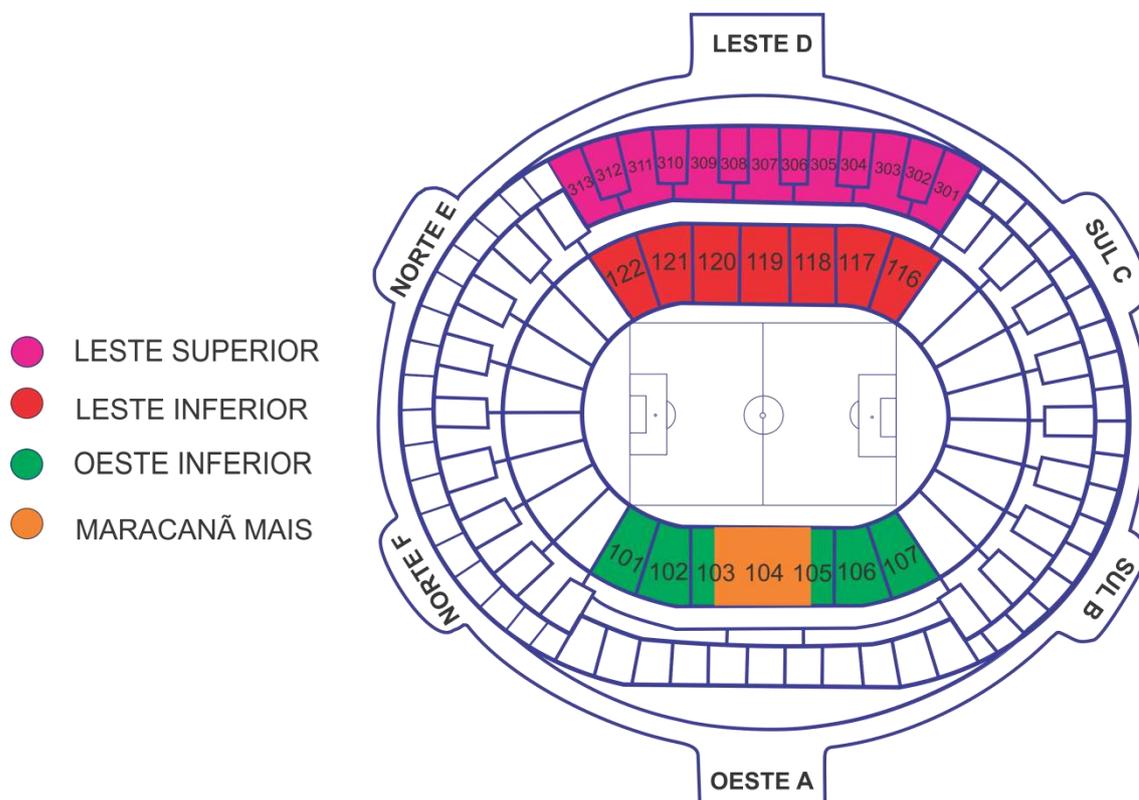
Durante as idas a campo, pude perceber que, ao optar por adquirir uma entrada para as partes de frequência mista, o espectador carrega consigo uma predisposição em aceitar o estádio como um espaço disciplinar e respeitar a alteridade clubística. A vontade de estar em meio ao coletivo torcedor da sua equipe acaba suplantada pelo desejo de assistir a uma partida de futebol em um ambiente marcado pela previsibilidade, preferindo a companhia de indivíduos com uma compreensão semelhante acerca do ato de acompanhar ao desenrolar da ação, mesmo que não compartilhem de paixão semelhante pelo time do coração. As áreas voltadas para as laterais do relvado representariam, em 2015, a vitória do nomoespaço sobre o genoespaço.

Posicionados junto às linhas laterais do campo de jogo, os setores mistos funcionavam como enormes zonas de amortecimento utilizadas para separar as áreas ocupadas exclusivamente por uma única torcida. Em 2015, constituíam sete subdivisões: camarotes

³⁰³ Após a partida, a Polícia Militar interveio lançando *spray* de pimenta sobre torcedores que protestavam na saída do ônibus rubro-negro, no portão 2 do estádio. Fonte: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2015/11/08/torcida-do-fla-faz-novo-protesto-e-xinga-festeiros-na-saida-do-maracana.htm> Acesso em 9 de novembro de 2015.

Leste³⁰⁴ e Oeste, cadeiras cativas, setores inferiores Leste e Oeste, Leste superior e Maracanã Mais. Nossa análise fará menção somente ao comportamento dos frequentadores nas quatro últimas partições (Imagem 12).

Imagem 12 – Setores mistos analisados durante a fase de observações



Autor: Duilio Sanchez Macedo.

De maneira geral, congregam um tipo de torcedor cobiçado pelos administradores das arenas. Trata-se de indivíduos de classe média, média-alta e alta, que adotam uma postura contemplativa na maior parte do tempo e privilegiam o conforto e a segurança do ambiente. Para tal, estão dispostos a desembolsar valores mais elevados e obedecer a todo um conjunto de restrições comportamentais a fim de que nada atrapalhe a sua experiência no estádio. A certeza do respeito ao lugar marcado possibilita um maior tempo de permanência nos inúmeros espaços de consumo existentes (pontos de venda de produtos oficiais e locais voltados à ingestão de bebidas e gêneros alimentícios) e constitui um incentivo à comoditização da paixão torcedora. Localizadas em ambientes climatizados, as Praças de Alimentação substituem as outrora arquibancadas como principais pontos de encontro para o público presente. Portas de vidro que abrem lateralmente com a aproximação do cliente

³⁰⁴ Apenas em teoria, pois permaneceram fechados durante o período da pesquisa.

permitem a passagem em direção à parte destinada aos assentos. Nesses pontos, gentis orientadores de público dão as boas-vindas e educadamente solicitam o ingresso para que possam indicar o local exato onde o espectador deverá permanecer. Para esse tipo de frequentador, o estádio não deve ter segredos, muito menos surpresas.

Para garantir o não rompimento desse contrato, a equipe de seguranças (*stewards* de acordo com o padrão arena) entra em ação sempre que solicitada. Ao invés da criminalização antecipada do torcedor, que ocorre desde o momento da compra de ingressos até a entrada, há, dentro do estádio, a presunção inicial de um desconhecimento das regras vigentes por parte do indivíduo que apresenta um comportamento destoante. A primeira abordagem é realizada de forma cortês, estratégia que, na maior parte das situações, surte o efeito desejado. Por vezes, os próprios espectadores desempenham esse papel. Em casos extremos, a equipe de segurança pode retirar do ambiente o cidadão que desrespeitar o código de comportamento daquele setor, situação que presenciei apenas em uma oportunidade, no mês de novembro de 2016.

É possível estabelecer uma correlação entre as linhas traçadas por Coelho (2015), Mascarenhas & Gaffney (2005) e Gomes (2002), afinal, duas regras de ouro devem ser obedecidas a fim de evitar surpresas desagradáveis: o respeito ao lugar marcado e a não obstrução do campo de visão dos demais espectadores. Em geral, quem opta por esses setores respeita, concorda e apoia a ideia do estádio de futebol como espaço disciplinar, onde o nomoespaço predomina sobre o genoespço. Outra norma fundamental é o respeito recíproco à alteridade clubística. Dessa forma, o oponente sentado ao lado ou nos arredores deve ser compreendido como rival e não como inimigo. O principal traço identitário que os une é a cultura do espectador (normalmente) passivo, contemplativo, que torce, sofre e vibra com a sua equipe sem, para tal, reproduzir comportamentos exacerbados ou mesmo permanecer de pé, cantar, dançar ou imitar as coreografias produzidas nos setores Norte ou Sul.

A partida Fluminense 0x0 Corinthians³⁰⁵ marcou a única ocasião na qual houve a cobrança de valores similares para as entradas destinadas aos setores mistos e àquele destinado exclusivamente à equipe visitante. Sendo assim, os adeptos corinthianos poderiam optar por assistirem ao espetáculo em grupo ou misturados aos adversários. Naquela ocasião, ocupando uma posição central, frontal à linha do meio de campo, pude observar a cada lance de perigo que os adeptos da agremiação paulista compunham uma minoria bastante expressiva (havia também um bom número de turistas nacionais e estrangeiros). Entretanto, se a paixão clubística os separava dos tricolores, o modo contido de torcer e os signos de

³⁰⁵ Jogo 12, realizado em 24 de maio de 2015.

consumo que carregavam consigo serviam como pistas relacionadas à existência de uma homogeneidade sociocultural e socioeconômica que os aproximava. De pronto, voltei a análise exclusivamente à torcida mosqueiteira, pois aquele contingente forasteiro em nada tinha a ver com a construção imagética que procura associar de forma depreciativa seus torcedores a membros pertencentes às “classes perigosas”, “maloqueiros”, nem mesmo a representantes do “time do povo” da capital paulista. Tal representação preconceituosa se fazia presente de forma estilizada no nível 2 do setor Norte, com os componentes do MOT *Pavilhão 9* trajando uniformes com listras horizontais em preto e branco imitando a vestimenta associada à população carcerária ou, mais especificamente, aos personagens das histórias em quadrinhos conhecidos como *Irmãos Metralha*.

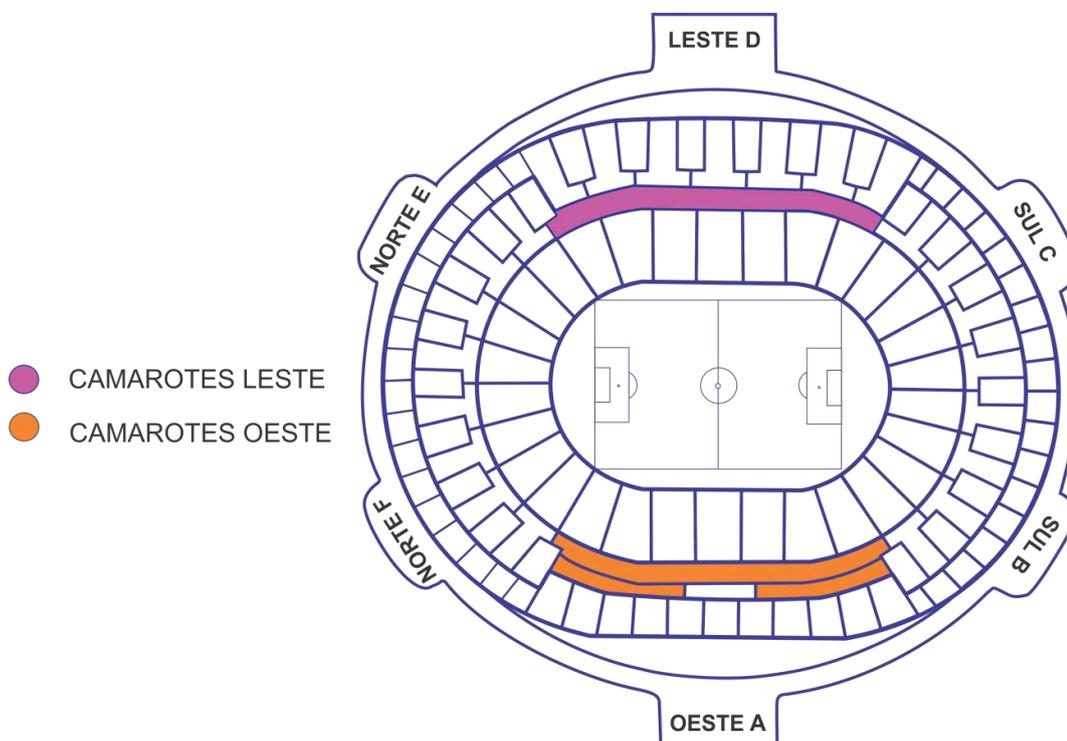
Ao observar o contraste entre grupos que compartilham da mesma paixão torcedora, passei a questionar qual seria a real motivação responsável pela opção de centenas de corinthianos em assistirem a uma partida, rodeados por torcedores adversários, mesmo com a cobrança de valores idênticos pelos ingressos. Seria a busca por uma melhor localização em relação ao campo de jogo? A chance de acompanhar o time sem ter de permanecer em pé ou enfrentar situações por eles compreendidas como desconfortáveis? O medo da imagem associada à sua própria torcida, preferindo, para tal, estar junto a indivíduos que compartilhem de padrões comportamentais semelhantes (predomínio da identidade de classe sobre a identidade clubística)? Tomando por base as nossas observações (realizadas com torcedores de diferentes clubes), tais questões parecem indissociáveis embora, aparentemente, o último fator se sobreponha aos demais.

As porções Leste e Oeste foram construídas de forma “espelhada”, apresentando sutis diferenças relacionadas à setorização. Enquanto o setor Leste superior (nível 3) é frequentado pelo público pagante, no lado oposto, temos a parte destinada às cadeiras cativas/perpétuas e à imprensa. O setor Oeste inferior, por sua vez, recebeu uma subdivisão junto à linha do meio de campo, a qual recebeu a denominação Maracanã Mais. Nela, embutido no valor do ingresso, há uma taxa de serviço³⁰⁶ agregada ao valor do ingresso e que possibilita ao frequentador o direito a um serviço de *buffet*. Com o fim da proibição da venda de cerveja nos estádios, em outubro de 2015, o consumo desse produto passou a ser cobrado à parte. Também na parte Oeste, entre os níveis superior e inferior, há dois pavimentos de camarotes parcialmente ocupados (níveis 2 e 3). Em razão da não comercialização da única fileira de

³⁰⁶ Ao longo de todo o período estudado, o valor cobrado de R\$ 45 não sofreu qualquer alteração.

camarotes Leste (nível 2), essas instalações destinadas ao público VVIP³⁰⁷ compõem áreas ociosas (Imagem 13).

Imagem 13 – Camarotes Leste e Oeste



Autor: Duilio Sanchez Macedo.

No plano interno, as áreas comuns apresentam o mesmo padrão. Sem a pretensão de exprimir qualquer juízo de valor, para quem frequentava o antigo Maracanã, esses locais causam uma inevitável estranheza, não remetendo à representação imagética do antigo estádio de futebol. Nas praças dos setores Leste e Oeste, é possível encontrar pequenas mesas e cadeiras distribuídas pelo salão (há também alguns sofás e *pufs*) cuja quantidade e configuração variam de acordo com a perspectiva do quantitativo de público esperado (Foto 52).

³⁰⁷ *Very very important person* (pessoa extremamente importante em uma tradução livre), designação utilizada para nomear setores frequentados exclusivamente por um público influente cultural e/ou economicamente.

Foto 52 – *Shopping center?* Setor Leste inferior pouco antes do início do clássico Fla-Flu



Fonte: O autor (setembro de 2015).

No Maracanã Mais, onde são cobrados os ingressos mais caros, em razão do serviço de *buffet* (disponível até os quinze minutos da segunda etapa) e do sistema de *open bar* (sem restrição de tempo) embutidos no valor da entrada, grandes mesas nas quais o público pode escolher entre diferentes opções de alimentos (macarrão *farfalle* com molho branco ou molho de tomate e canapés de diferentes tipos são alguns dos itens disponíveis). Nos balcões laterais, bebidas não alcoólicas são servidas em copos de plástico destampados. A exemplo das salas de cinema, também é possível desfrutar do espetáculo consumindo sacos de pipoca preparada em fornos de micro-ondas. Em todas as Praças de Alimentação, televisores de tela plana, estrategicamente espalhados, permitem que o espectador (caso seja do seu interesse) acompanhe a partida à distância. Tudo parece ser planejado para que o cliente permaneça o menor tempo possível no seu assento (Foto 53).

Foto 53 – Praça de Alimentação do setor Maracanã Mais



Fonte: O autor (novembro de 2015).

Enquanto geógrafo, é impossível olhar para tais ambientes sem remeter à obra *Não-lugares*, escrita por Marc Augé (1994). Nela, o antropólogo e etnólogo francês utiliza a expressão *não lugar* para definir os espaços que não podem ser compreendidos como identitários, relacionais ou históricos. Os não lugares não possuem uma localização fixa podendo ser tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (caso dos aeroportos) quanto os próprios meios de transporte, os grandes centros comerciais, ou mesmo os campos de refugiados espalhados pelo planeta. No caso da arena, há a introdução de novos personagens, práticas e objetos geográficos. A presença de recepcionistas sobriamente trajadas, responsáveis pela segunda conferência do ingresso e pela colocação de pulseiras de identificação em todos os frequentadores do Maracanã Mais, permitindo o posterior acesso ao setor por meio de escadas rolantes, reforça essa sensação (Foto 54).

Foto 54 – Serviço de identificação do público no saguão de entrada setor Maracanã Mais



Fonte: O autor (março de 2015).

De início, mesmo compreendendo os recintos produzidos na arena como pontos de passagem, nos quais os frequentadores não deixam marcas, resistia à ideia de classificá-los dessa maneira. Na mesma obra, Augé utiliza o termo "lugar antropológico" como forma de definir a construção do espaço em suas dimensões concreta e abstrata. Os lugares antropológicos serviriam simultaneamente como “princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa” (p. 50). Dessa forma, “o habitante do lugar antropológico não faz história, vive na história” (p. 53). Como os não lugares não integrariam nem os lugares antropológicos nem os lugares antigos (lugares de memória), sendo, portanto, uma oposição a eles, os estádios de futebol, do modo como o compreendemos, não poderiam receber tal classificação. Entretanto, Hollzmeister (2010), apesar de também incluir essas edificações como espaços antropológicos, vislumbra, a partir da sua experiência *in loco* durante a Copa do Mundo de 2006 nos equipamentos esportivos alemães, construídos ou remodelados para o megaevento da FIFA, a transformação das instalações futebolísticas em não lugares como uma tendência mundial. Segundo o autor:

(...) a experiência deste espaço mediada não mais a partir da experiência coletiva, relacional, da formação de grupos que se apropriam dos espaços de forma diferenciada, mas sim uma experiência individual e homogênea de um espaço fragmentado, onde o investimento de sentido não passa mais por relações sociais que se articulam por e no espaço, mas sim articuladas pela capacidade e experiência de consumo e pela individualização das referências (p. 224).

Partindo dessa afirmação, o espaço concebido para o novo Maracanã refletiria uma concepção que o aproxima de um não lugar. Entretanto, assim como nos próprios estádios alemães pós-Copa, compreendemos que o seu emprego deva ser aplicado somente aos setores mistos, onde a passagem do público parece não deixar marcas definitivas na paisagem, apenas registros fotográficos. A experiência europeia de Hollzmeister coincidiu com a realização de um megaevento dotado de características deveras particulares. A configuração interna dos estádios pode remeter ao não lugar, entretanto, terminada a “festa”, houve a apropriação pelo torcedor local, e novos códigos de comportamento foram negociados, construídos e estabelecidos. Haja vista que o “modelo alemão”, cuja retirada ou utilização de assentos retráteis de setores inteiros das arenas para que os torcedores locais pudessem permanecer de pé durante a realização de torneios nacionais, é aclamado como uma iniciativa bem sucedida em busca da repopularização dos estádios de futebol. No caso do Maracanã, o estádio “com alma” resiste (com adaptações e restrições, é verdade) nos setores Norte e Sul (com destaque para os níveis 2 e 5). Neles, ainda resta uma centelha do que um dia foi, para os antigos frequentadores, o “velho” estádio. A festa promovida pelos MOTs nas áreas de circulação do nível 2 minutos antes do início das disputas é uma prova da sobrevivência de alguns rituais há décadas praticados.

Uma importante diferença perceptível entre o estádio “sem alma” e o estádio (ainda) “com alma” diz respeito à atitude que opõe o torcedor à do espectador. Em 2015, era possível perceber, entre o público presente às porções de torcida única, um sentimento de indiferença em relação àqueles que optam pelos setores mistos. Podemos ilustrar essa afirmação com o relato de uma situação emblemática, testemunhada durante a partida Flamengo 2x0 Cruzeiro³⁰⁸. Em razão do público superior a 40.000 torcedores, houve o transbordamento da coletividade rubro-negra para parte do setor Sul. Com isso, a porção destinada aos cruzeirenses se viu “imprensada” entre dois pontos ocupados exclusivamente por avulsos: a porção Sul rubro-negra e o Leste inferior, este último, apesar do uso misto, com ampla maioria da torcida mandante. Durante o intervalo, sob o olhar atento do GEPE, na área

³⁰⁸ Jogo 32, realizado em 10 de setembro de 2015.

destinada aos bares, junto à cerca que separa as duas subdivisões do setor Sul, havia uma tensão “saudável” entre torcedores das duas equipes, com gestos e provocações em tom de brincadeira, inclusive com um adepto do Flamengo exibindo a camisa do River Plate³⁰⁹ enquanto torcedores adversários conversavam junto à cerca. Do outro lado, a poucos metros, junto à barreira móvel que separava o Sul cruzeirense do Leste inferior, era possível encontrar apenas um segurança ocupando a posição para a qual fora formalmente escalado (Foto 55). Resta a impressão do não reconhecimento dos frequentadores dos setores mistos como “legítimos” torcedores. Para os visitantes cruzeirenses, não valeria a pena estabelecer qualquer forma de contato com um público desprovido de uma “cultura de arquibancada”.

Foto 55 – Poucos metros a separar décadas de culturas torcedoras distintas



Legenda: Contraste encontrado nas divisões existentes entre o setor Sul inferior cruzeirense e rubro-negro (acima) e do Sul cruzeirense com o Leste inferior de uso misto (abaixo).

Fonte: O autor (setembro de 2015).

Se o estádio na qualidade de arena parece ser um espaço concebido também para o *não torcedor*, o Maracanã Mais representaria o seu espaço vivido ideal, no qual ele pode exercer livremente o não torcer, sem se sentir compelido em aderir a códigos comportamentais que impliquem um gasto de energia compreendido por ele como

³⁰⁹ Equipe portenha que, meses antes, eliminara o conjunto mineiro na fase quartas de final da Copa Libertadores da América.

desnecessário. Para o não torcedor, a experiência no estádio relacionada à partida de futebol adquire uma dimensão secundária e, não raro, dispensável.

Ao iniciar o segundo tempo da partida amistosa Flamengo x Orlando City, em comemoração aos 120 anos de fundação do clube carioca³¹⁰, três fatos praticamente simultâneos sucederam-se no setor Maracanã Mais: 1) uma frequentadora reclamava, enquanto se dirigia ao toalete, que “quinze minutos de intervalo é muito pouco tempo”. Ao que parece, sua opinião era compartilhada por outros espectadores, haja vista que, transcorridos dez minutos da segunda etapa, parte do público desfrutava dos últimos momentos do serviço de *buffet*; 2) uma senhora, ao ser avisada por um segurança acerca da impossibilidade de entrar na área destinada ao seu assento carregando consigo um pequeno prato de acepipes, sem esboçar qualquer questionamento, retornou ao salão para terminar de se alimentar; 3) mesmo com a partida em andamento, um menino, observado por outras pessoas, jogava futebol em um aparelho de *videogame* acoplado a um monitor de TV instalado na Praça de Alimentação (Foto 56). Para ele, a batalha virtual adquirira um interesse que se sobrepunha à disputa real. É inegável que deva se levar em consideração o fato de se tratar de uma partida amistosa, mas, mesmo assim, causou-me estranheza tamanho desinteresse.

Foto 56 – Quando o interesse pelo futebol virtual supera o real



Fonte: O autor (novembro de 2015).

³¹⁰ Jogo 41, Flamengo 1x0 Orlando City, realizado em 15 de novembro de 2015.

Um dos grandes atrativos dos setores mistos é a visão privilegiada do campo de jogo. O novo desenho das arquibancadas, a inexistência de cercas e a retirada do antigo fosso aproximaram o espectador do campo de jogo. Mesmo assim, quem opta por essa porção do estádio parece muito mais interessado em assistir à partida sem ser incomodado do que em tirar partido dessa vizinhança para incentivar os atletas ou reproduzir práticas tradicionais como pressionar o auxiliar posicionado junto à linha lateral do relvado. A contemplação se sobrepõe à ação. Impressionava a frieza daqueles locais em diferentes partidas às quais tive a oportunidade de assistir ao longo da fase de observações. Tal percepção era compartilhada pelos próprios frequentadores do equipamento esportivo.

No Estádio das Laranjeiras, enquanto aguardava na pequena fila destinada à venda antecipada de ingressos para a partida Fluminense x Palmeiras³¹¹, escutei um senhor de aparência septuagenária perguntar a uma jovem vestida com a tradicional camisa do time, qual o nome do setor localizado próximo ao campo. De imediato, citou o Leste inferior, seguido da ressalva de que “o Sul é mais animado”, pois compreendia aquele local como “muito apagadinho”. O veterano torcedor agradeceu, mas declarou sua preferência pela porção mais cara (mesmo declinando do aparente direito à gratuidade), afinal pretendia assistir ao lado do filho, “longe da bagunça”. Conformada, a jovem virou-se na minha direção e contou que fora apenas uma vez ao Leste inferior “para nunca mais voltar”. De acordo com o seu relato, ninguém torcia, apenas assistia. Em determinado momento, ao se levantar para apoiar, percebeu que todos permaneciam sentados ao seu redor. Desanimada, retornou à posição inicial. Sua fala, combinada com as observações, fornece pistas acerca da existência de uma espécie de divisão de tarefas no estádio, na qual a missão de incentivar caberia aos setores Norte e Sul. Os frequentadores das porções mistas, por sua vez, contribuiriam com boa parte do valor arrecadado.

O espectador dos setores mistos não condena a festa dos MOTs, muito pelo contrário, além de admirá-la, alguns aceitam participar por poucos instantes. Entretanto, optam por desembolsar um valor mais alto em busca de um ambiente pacífico, com uma melhor visão do campo de jogo, sem que nada desvie compulsoriamente a sua atenção enquanto acompanha a partida. Em outras palavras, nas porções onde a identidade de classe se sobrepõe à identidade clubística, sua ação é a contemplação. É possível perceber a existência de uma terceirização do ato de torcer.

³¹¹ Jogo 38, realizado em 21 de outubro de 2015.

Durante o mítico clássico Fla-Flu válido pelo Campeonato Brasileiro de 2015³¹², pouco após o gol do Fluminense, com o Flamengo vencendo por 2x1, no momento em que a equipe rubro-negra se preparava para a cobrança de um escanteio, um homem sentado no setor Leste inferior levantou-se em direção ao setor Norte e, com ar indignado e gestos vigorosos, ordenava: “*Vambora, torcida!!!*” Ao que parece, o “maestro”, que, em nenhum momento conclamou seus vizinhos a tomarem tal iniciativa, acreditava que competiria ao público posicionado atrás dos gols a obrigação de torcer por ele(s). A situação relatada não constitui um fato isolado ou exclusivo de uma determinada torcida, mas sim um comportamento recorrente. Quando, ao contrário, o espectador procurava exercer a função de torcedor, tanto os fiscais de comportamento quanto os próprios frequentadores inibiam a reprodução de condutas compreendidas como inadequadas para aquele ambiente. Vejamos duas situações emblemáticas.

Próximo ao final da primeira etapa do clássico Flamengo 1x2 Vasco da Gama, válido pelo segundo turno do Campeonato Brasileiro de 2015³¹³, o gol de empate marcado pelos rubro-negros incendiou a massa torcedora do setor Norte. A resposta do pequeno, porém aguerrido contingente vascaíno, posicionado no setor Sul, não tardou. Pelo estádio, ecoavam cânticos originados das duas extremidades e se propagava um espetáculo corpóreo no qual a torcida do Vasco da Gama girava, com uma das mãos, camisas (ou qualquer outra espécie de *trapo*) sobre as cabeças, enquanto os rubro-negros, no lado oposto, se levantavam, ou, no caso da porção superior, permaneciam de pé, batendo palmas em movimentos ritmados com os dois braços esticados. Num raro momento, a eletricidade emanada de uma ponta à outra do estádio ameaçou se estender em direção ao setor Leste superior. Alguns (poucos) espectadores se deixaram levar pela emoção e repetiram o movimento das arquibancadas. Entre eles, uma jovem com idade estimada em vinte anos, acompanhada por um rapaz. Ambos ocupavam assentos afastados da maior parte do público, tendo na fileira acima apenas dois turistas estrangeiros, que tudo filmavam e fotografavam. Pelo gestual adotado, tratava-se de uma torcedora do Flamengo. Não tardou para que, em meio à experiência catártica, surgisse um responsável pela equipe de segurança para solicitar à jovem de comportamento ousado que se sentasse. Sem entender, ela e seu acompanhante apenas questionaram tamanho descalabro. O funcionário respondeu que ela somente poderia se levantar no momento do gol. Nesse instante, um torcedor avulso que, assim como eu, acompanhava o entrevero à distância,

³¹² Jogo 31, realizado em 6 de setembro de 2015.

³¹³ Jogo 36, realizado em 27 de setembro de 2015.

seguiu ao encontro do bedel e questionou a atitude que classificara como arbitrária. Em sua defesa, o funcionário argumentou que a moça atrapalhava a visão de quem estava atrás, logo os dois visitantes estrangeiros, que, no momento da intervenção, acompanharam a cena se entreolhando, sem parecer compreender o desenrolar da situação. Indignado com a materialização à sua frente da imagem do estádio como espaço disciplinar, o avulso retornou ao seu lugar.

No setor Leste inferior, ao longo da contenda entre Fluminense 2x1 Palmeiras³¹⁴, no momento que antecedia à cobrança de um tiro livre direto, próximo à grande área, em favor da equipe mandante, um casal de turistas pôs-se de pé com a intenção de acompanhar o desfecho do lance. Entretanto, um homem sentado duas fileiras atrás, vestido com uma camisa tricolor oficial e usando fones de ouvido, gritava de forma insistente, pedindo para que eles se sentassem (ainda que em nada atrapalhassem a sua visão da meta defendida pelo arqueiro adversário). Ao ser ignorado, inclinou-se para fora do seu assento não com o intuito de acompanhar a batida da infração, mas sim para, ao tocar as costas do rapaz com a mão esquerda, exigir que o casal se sentasse (Foto 57). Constrangidos, os visitantes acataram a solicitação do espectador.

Foto 57 – Senta!



Fonte: O autor (outubro de 2015).

³¹⁴ Jogo 38, Fluminense 2x1 Palmeiras, realizado em 21 de outubro de 2015.

Ainda a respeito das diferenças comportamentais entre grupos posicionados em pontos distintos no estádio, o grito emitido imediatamente após a concretização de cada tento exprime uma construção cultural tão fortemente enraizada que, para qualquer pessoa com um mínimo de conhecimento acerca dos códigos comportamentais relacionados às partidas de futebol, soa como instintiva. Por alguns segundos, é possível testemunhar um dos raros momentos de aproximação da conduta adotada por torcedores e espectadores em um estádio de futebol. Entretanto, o brado dos setores mistos ecoa de forma menos intensa, mais aguda e breve do que a onda sonora gerada nas partições localizadas atrás dos gols (principalmente os superiores). Como atenuante, deve-se considerar, além do perfil do público, o fato de, nas porções mais caras, nem todos os presentes torcerem necessariamente para uma mesma equipe. Há também turistas e não torcedores que, em sua maioria, optam respectivamente pela neutralidade e indiferença. O respeito, temor ou constrangimento causados pela presença do torcedor adversário sentado nas adjacências também podem auxiliar a compreender a vibração contida e breve daqueles indivíduos. Mesmo assim, em momento algum testemunhei qualquer entrevero entre frequentadores. Passada a euforia inicial, não são poucos os espectadores dos setores mistos que sacam de suas máquinas e celulares, iniciando um “ritual” pós-gol dividido em três atos: o primeiro, voltando o equipamento eletroeletrônico em direção ao próprio corpo com as tradicionais *selfies*; o segundo, inclinando-se rumo às extremidades superiores Norte ou Sul (locais nos quais a euforia dura bem mais do que alguns segundos) para captar a festa da torcida com os seus sons, símbolos e coreografias próprias; por último, procuram unir a sua imagem à festa promovida pelos MOTs, relegada à condição de cenário ideal para que até mesmo o espectador-ator possa “assumir” a condição de torcedor-artista.

O princípio implícito que move a existência dos setores mistos gira em torno da ideia de, em nome da manutenção da ordem e da segurança, selecionar o público frequentador tomando por base o valor cobrado pelo ingresso. Existiria, dessa forma, uma relação direta entre o bom comportamento do indivíduo e a renda média auferida por ele. Todavia, a existência de setores com torcida mista não é uma novidade no Maracanã, pois, no antigo templo, eles podiam ser encontrados (sem serem identificados dessa forma) tanto nas cadeiras (cativas, azuis e especiais) quanto na Geral. A rigor, a porção do anel superior ocupada (também) pelas torcidas organizadas, onde era cobrado um valor intermediário para as entradas, era o único setor no qual existia uma divisão formal entre as torcidas rivais, mantida até o final do século passado, por cordões humanos compostos por policiais militares e, entre 2000 e 2009, pelas cadeiras brancas (outro local de torcida mista), que ocupavam a porção central das arquibancadas. Como havia lugares marcados somente nas cadeiras

cativas/perpétuas e especiais, nas partidas de maior rivalidade, havia uma distribuição “natural” dos torcedores para as proximidades do local ocupado pela sua torcida no anel superior. Mesmo assim, era possível ver famílias, grupos de amigos ou torcedores avulsos lado a lado vestidos com camisas de clubes rivais. Com o fim da Geral e o prolongamento das cadeiras azuis, esse setor misto passou a cobrar os valores mais baixos do estádio sem que houvesse confrontos recorrentes entre grupos de adeptos rivais. É verdade que ocorriam problemas de natureza criminal na antiga Geral envolvendo os torcedores e meliantes infiltrados conhecidos como “arrastões”, além de conflitos pontuais nas cadeiras azuis, mas a rivalidade clubística não costumava representar a principal motivação para tais acontecimentos.

A escolha de uma localização central via pagamento de valores mais elevados em nome de um maior conforto, segurança e respeito às normas, em companhia de indivíduos que compartilham da mesma identidade de classe, não livra completamente o espectador do remodelado estádio de uma série de situações incômodas. Em virtude do *design* da moderna e polêmica cobertura do estádio não acompanhar a linha da primeira fileira de cadeiras, uma porção considerável dos assentos *premium* encontra-se diretamente exposta à ação das precipitações³¹⁵. Nessas ocasiões, competia aos *stewards* a função de distribuir capas de chuva somente para os espectadores do setor Maracanã Mais. Como compensação, em jogos de menor apelo, nos setores inferiores Leste e Oeste, havia uma tolerância maior quanto à ocupação de lugares vazios por parte da plateia, desde que estes não fossem reivindicados pelos seus proprietários. Quando havia uma maior procura de público, restava apenas ao adepto que não trouxe consigo nem comprou qualquer forma de proteção com os ambulantes posicionados no entorno do complexo aguardar que a chuva cessasse.

Outro contratempo enfrentado por quem procura as primeiras fileiras do Leste inferior³¹⁶ possui relação com a altura das placas de publicidade colocadas à beira do gramado, em razão da imposição das emissoras de televisão (com a anuência dos promotores do espetáculo). Num desrespeito flagrante à recomendação da FIFA de que “a linha de visão dos espectadores não pode ser obstruída pelos painéis publicitários montados ao redor do campo” (2011, p. 86), temos a formação de “pontos cegos” com potencial suficiente para a deflagração de conflitos uma vez que, ao se levantar para visualizar o desenrolar do lance, tal

³¹⁵ Nas porções localizadas atrás dos gols, essa influência é minimizada pelo maior afastamento em relação ao campo de jogo.

³¹⁶ Em algumas ocasiões, principalmente em transmissões de competições internacionais, pode haver a colocação das placas junto às duas laterais, podendo causar os mesmos transtornos aos frequentadores do Oeste superior e Maracanã Mais.

atitude provocará uma reação em cadeia de quem se encontra atrás e procura assistir sentado à partida. Na Foto 58, é possível notar que, além de enfrentar a chuva, é vedada ao cliente a oportunidade de acompanhar a disputa de bola entre os atletas adversários, tendo, ainda, parte do campo de visão que lhe resta coberto pelos cinegrafistas e seus equipamentos.

Foto 58 – Onde estão a bola e o respeito ao Padrão-FIFA?



Fonte: O autor (setembro de 2015).

No outro extremo climático, a combinação da alta taxa de insolação da cidade do Rio de Janeiro com a realização de jogos programados para o período vespertino impõe novas dificuldades ao frequentador da porção Leste (incluindo desta feita os pavimentos superiores). Para atender (mais uma vez) aos interesses da verticalidade Rede Globo de Televisão³¹⁷, nos últimos anos, as transmissões dominicais de futebol têm início às 16 horas e, durante parte do horário de verão, às 17 horas. Com isso, em razão do deslocamento do Sol rumo ao poente, quem se encontra sentado na posição oposta sofre com um duplo incômodo: o forte calor e a intensa luminosidade sobre os olhos, especialmente durante a primeira parte (Foto 59). O mesmo desconforto também é enfrentado nos primeiros meses do ano quando as contendas

³¹⁷ Emissora de televisão aberta que detém os direitos de transmissão das principais competições esportivas do país.

são programadas para as 18h30, fruto da imposição dos canais SporTV e Premiere³¹⁸, também pertencentes à *holding* que controla a Rede Globo. Curiosamente, em busca de uma redução dos custos operacionais, o Consórcio não ofertou a venda de ingressos para o setor Oeste inferior em 12 das 23 partidas disputadas nessas condições³¹⁹. A partição Leste inferior, por sua vez, somente deixou de ser utilizada em um único confronto. Em razão das câmeras de televisão estarem direcionadas para o levante, a exibição de um setor nobre sem presença de público contribuiria para tornar a transmissão pouco atraente para os telespectadores.

Foto 59 – Incômodos causados pela luz solar aos frequentadores dos setores Leste superior e inferior



Fonte: O autor (julho e agosto de 2015).

O perfil do público frequentador reproduz a ideia do estádio de futebol como microrrepresentação da sociedade e do espaço urbano (BROMBERGER, 1995). No primeiro caso, sendo locais frequentados por indivíduos pertencentes às classes mais abastadas, a presença de pardos e, especialmente, negros é, tanto em números absolutos quanto em relativos, pouco expressiva, chegando, em determinadas ocasiões, a ser residual. Tal

³¹⁸ Dono dos direitos de transmissão para a televisão fechada e para o sistema *pay per view*.

³¹⁹ Considerei para esta análise todas as disputas com início marcado para as 15h30, 16h e 17h, além dos jogos das 18h30 realizados durante a adoção do horário de verão brasileiro.

“embranquecimento” da assistência também pode ser percebido, mesmo que em menor grau, nas porções Norte e Sul. Tamanho contraste se acentua ainda mais ao recordarmos que, à beira do gramado, havia a antiga Geral. Mesmo com todo o desconforto, sua existência permitia aos cidadãos das classes média-baixa e baixa a possibilidade de acompanhar as partidas disputadas no Maracanã. A instalação dessas novas áreas *premium* expulsou os torcedores menos afortunados que, em dias de jogos, reproduzem a antiga Geral nas portas dos bares espalhados pela região metropolitana. Entretanto, em função do Maracanã não se constituir como uma arena plena, é possível classificar a condição à qual o frequentador do Leste inferior é confrontado como a de um *neogeraldino*. Ao contrário do *pós-geraldino*, o *neogeraldino* não constitui um tipo de torcedor, mas uma reprodução involuntária, a um custo substancialmente mais elevado, de situações ambientais desconfortáveis outrora impostas aos cidadãos financeiramente menos favorecidos.

É possível notar, especialmente no setor Leste inferior, uma forte presença de grupos de turistas nacionais e estrangeiros (não raro, conduzidos por guias que carregam consigo bastões luminosos ou pequenas bandeiras para evitar que os visitantes se dispersem). Tal fato pode ser explicado pela existência de uma área em frente ao acesso A (junto à Estátua do Bellini) utilizada como ponto de desembarque para os ônibus de turismo. Atrás dos gols, os visitantes estrangeiros costumam ser majoritariamente jovens e comparecem em grupos menos numerosos, não raro, em companhia de cidadãos nacionais, sem a aparente mediação de agências de viagem.

Na contramão do discurso que busca associar a imagem das arenas a espaços direcionados às famílias, os setores mistos eram frequentados basicamente por espectadores adultos que vão ao estádio sozinhos, acompanhados do cônjuge ou em pequenos grupos de amigos. A não extensão do direito às gratuidades garantidas por lei às porções Leste e Oeste (substituídas por meias-entradas) limita a presença de menores de 12 anos e idosos a partir de 65 anos e, em consequência, de agrupamentos familiares mais numerosos. Compreendidas como um empecilho à redução do valor dos ingressos, as gratuidades e meias-entradas contribuem para a manutenção de um ambiente de tensão controlada nos setores Norte e Sul.

4.6 As áreas ociosas e a elitização incompleta/relativa

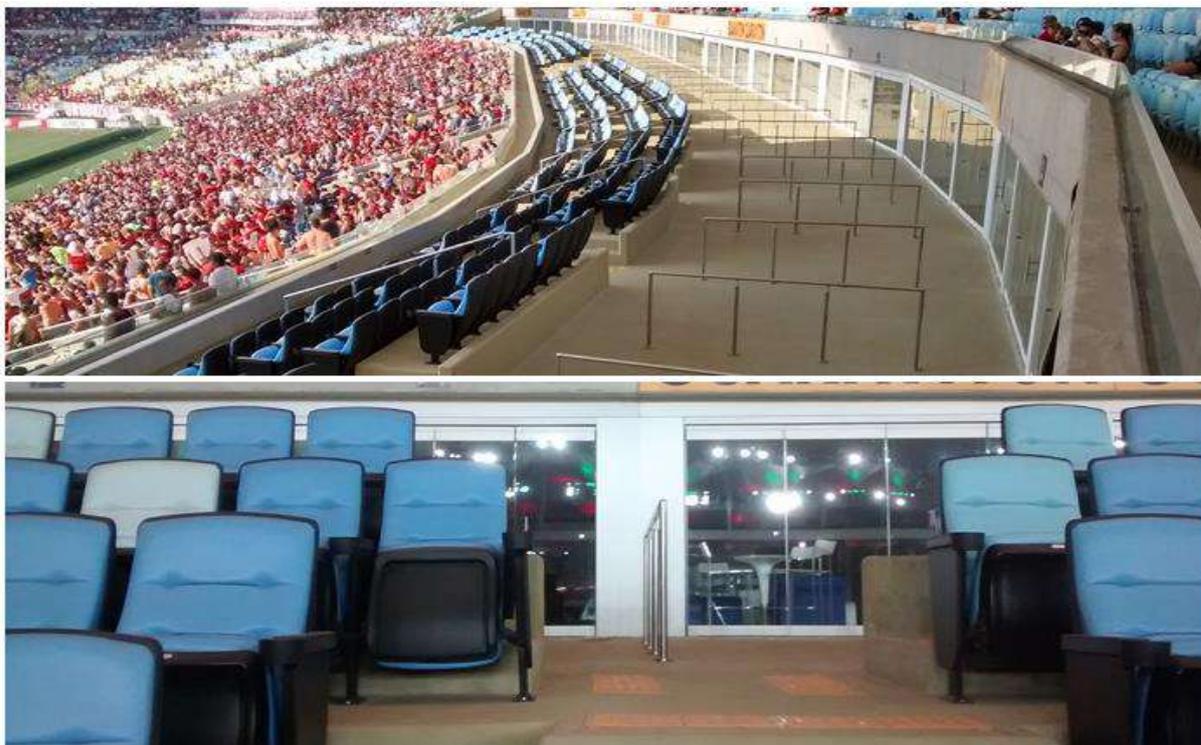
As alterações contratuais impostas pelo governo estadual ao consórcio vencedor do edital de privatização do complexo impactaram diretamente a arrecadação planejada pelos

novos administradores. Esse fato, aliado a uma falta de entendimento acerca do perfil do público frequentador das partidas de futebol realizadas no estádio, contribuiu para o surgimento de áreas ociosas no interior do renovado equipamento multifuncional.

Compreendemos as áreas adormecidas, vistos no capítulo 2, como fixos preexistentes que, em razão da mais recente reforma, permaneceram com a forma-função original (caso da Escola Friedenreich) ou assumiram funções distintas daquelas concebidas para o “novo” complexo do Maracanã, porém sem retomar o seu uso original. Tais áreas parecem à espera de uma conjuntura favorável para que, finalmente, possam cumprir o destino a eles reservado pelos atores hegemônicos. As áreas ociosas, por sua vez, são os setores do estádio que, em razão da falta de um mercado consumidor de classe média, média-alta e alta disposto a desembolsar valores consideráveis com regularidade, permanecem sem utilização na maior parte dos eventos futebolísticos e, também, durante períodos mais longos em razão da sua não comercialização, fazendo com que o estádio funcionasse ao longo do ano de 2015 com uma taxa de ocupação média inferior a um terço de sua capacidade.

Consideramos áreas ociosas todas as porções do Maracanã não comercializadas ou subutilizadas em dias de jogos, permanente e temporariamente, compondo formas distantes da sua função original. Seu principal símbolo são os camarotes distribuídos pelo segundo pavimento do setor Leste, que permaneceram fechados ao longo da maior parte dos anos de 2015 e 2016 (Foto 60). No total, são 766 lugares destinados a corporações ou torcedores da classe A postos à venda de forma fracionada (cadeiras avulsas), apenas em eventos pontuais. Esse ambiente reflete uma concepção de estádio que atende aos requisitos impostos pela FIFA para a realização de uma partida final de Copa do Mundo sem, entretanto, demonstrar qualquer preocupação com usos alternativos voltados para o período pós-megaeventos. Podemos acrescentar a essas áreas ociosas permanentes os adjetivos estéreis, em razão da impossibilidade de gerar novas territorialidades ou mesmo reproduzir territorialidades existentes. Contudo, sob a ótica da ambiência encontrada no estádio, a existência de áreas ociosas é responsável pela criação de zonas “sem alma”, que refletem na produção de sensações de vazio, de silêncio, que implicam uma perda da atmosfera associada às partidas de futebol.

Foto 60 – Camarotes do setor Leste: formas sem função



Fonte: O autor (agosto e setembro de 2015).

Em partidas de menor apelo, como forma de mitigar os elevados custos operacionais, os organizadores do evento bloqueiam a venda de ingressos a determinadas porções do estádio. Nos setores “populares”, essa área corresponde ao lado oposto ao espaço tradicionalmente destinado à torcida local, situada entre o setor reservado à torcida visitante e uma divisão com torcida mista. Dessa forma, a equipe mandante costuma “abrir mão” de um contato mais próximo com os seus adeptos, haja vista que não é permitida a livre circulação intersetorial. O que se percebe nas partes onde são cobrados os valores mais elevados é a não comercialização de entradas obedecendo a seguinte ordem: Leste superior, Oeste inferior e Leste inferior, este último, voltado para as câmeras de televisão. Todos os espaços citados, mistos ou exclusivos, somente são comercializados quando há a perspectiva de uma demanda de espectadores compatível.

Muitas são as variáveis responsáveis por um maior ou menor comparecimento de público às disputas de futebol, que vão além do valor cobrado pelas entradas. Horário, dia da semana, televisionamento direto para o local, colocação da equipe ou fase de disputa de uma determinada competição, grau de rivalidade e importância da partida seriam os principais exemplos. No caso do Maracanã, compreendemos que exista um descompasso entre o espaço

concebido e o espaço vivido do estádio. A esse processo denominaremos como elitização incompleta.

Com o intuito de fundamentar a nossa afirmação em dados concretos, recorreremos a uma análise dos preços cobrados pelas entradas mais baratas e do público total, contida nos borderôs de 202 das 214 partidas nacionais e internacionais interclubes realizadas desde a reinauguração do estádio, em 2013, até o final de 2016. Para as onze disputas válidas pela Copa Libertadores da América (2013 e 2014), recorreremos ao portal *globoesporte.com* e ao *blog Fim de Jogo*³²⁰. Os dados do amistoso Flamengo 1x0 Orlando City foram anotados por mim, nas dependências do estádio, no momento da divulgação dessas informações pelos telões e sistema de som. Como o foco da nossa pesquisa concentra-se no Maracanã das práticas cotidianas, não consideramos os encontros envolvendo seleções nacionais (jogos amistosos, Copa das Confederações, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos) nem os eventos alheios ao futebol. Recorreremos à análise de algumas tabelas como estratégia para a melhor compreensão da linha de raciocínio adotada.

Tabela 4 – Evolução dos preços dos ingressos mais baratos em comparação com o salário mínimo (1999 – 2016)

Ano	Ingresso mais barato³²¹ (R\$)	Setor	Valor do salário mínimo (R\$)	Proporção ingresso mais barato/salário mínimo
1999	3	Geral	136	2,21%
2006	15	Cadeira Azul	350	4,29%
2010	29,17	Cadeira Azul	510	5,72%
2013	49,62	Cadeira Norte e Sul	678	7,32%
2014	45,95	Cadeira Norte e Sul	724	6,35%
2015	47,57	Cadeira Norte e Sul	788	6,04%
2016	58,89	Cadeira Norte e Sul	880	6,69%

Fonte: O autor, 2017.

³²⁰ Não conseguimos acesso aos dados relacionados ao borderô dessas partidas nos sítios da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), da CBF, da FERJ e do Consórcio Maracanã S.A.

³²¹ Dados de 2000, 2006 e 2009 retirados da tabela elaborada por Erick Omena. Fonte: <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquivancada/artigo/1591> Acesso em 27 de julho de 2014.

A Tabela 4, inspirada no trabalho realizado por Erick Omena, procura ilustrar o processo de elitização do Maracanã como algo anterior à sua arenização, conforme também atestaram outros autores, como, por exemplo, Mascarenhas & Oliveira (2006). Em 1999, ainda como estádio popular, mesmo após a colocação de assentos de plástico sobre o cimento das arquibancadas, subdivididas em cinco partições, porém com a manutenção da Geral, o valor do ingresso mais barato equivalia a pouco mais de dois por cento do salário mínimo brasileiro. Sete anos mais tarde, já com o processo de elitização em curso, cujo marco fundador foi a eliminação do tradicional setor popular, substituído por uma extensão das cadeiras azuis, o preço absoluto da entrada mais acessível quintuplicara, passando a dobrar em números relativos quando mantida a mesma base analítica (o valor do salário mínimo). Até o início do *retrofit*, em 2010, tal proporção continuou a ascender ainda que num ritmo menos acelerado.

A arenização do Maracanã, concretizada em 2013, impulsionou uma nova disparada nos valores cobrados pelas entradas. Naquele ano, o preço médio do ingresso mais barato ultrapassou a barreira dos 7% da menor remuneração nacional estabelecida por lei. Todavia, nos dois anos seguintes, em razão das médias de público e taxas de ocupação abaixo do esperado (Tabela 5), houve uma estabilização do valor médio cobrado pelos *tickets*, acompanhada por uma progressiva queda da porcentagem do valor das entradas em comparação com o salário mínimo. Somente em 2016 é que, em razão da realização de apenas nove partidas, sendo quase todas de caráter decisivo, houve um incremento do valor médio do ingresso (ainda assim, menos oneroso, em termos relativos do que em 2013) e da taxa de ocupação.

Tabela 5 – Evolução das médias de público e das taxas de ocupação no Maracanã (2013 – 2015)

Ano/Jogos³²²	Média de Público³²³	Taxa de Ocupação Média³²⁴ (%)
2013/52	28.747	36,78%
2014/74	23.510	30,08%
2015/70	24.961	31,93%
2016/9	46.387	59,34%
Média 2013/2016	26.338 ³²⁵	33,70%

Fonte: O autor, 2017.

Por sua vez, a Tabela 5 demonstra que, desde a sua reinauguração, somente em 2016 a média de público anual ultrapassou a casa dos 30.000 torcedores por partida. A taxa de ocupação média do estádio no período 2013/2016 permanece próxima a um terço da sua capacidade atual, que, por sua vez, corresponde a menos da metade daquela para a qual fora originalmente concebido há quase sete décadas. Sendo assim, a cada evento, verifica-se uma taxa de ociosidade média próxima a 70% dos assentos disponíveis, fato que indica um descompasso entre oferta e procura em consequência de erros de avaliação quanto à precificação do espetáculo. Em linhas gerais, a arenização do Maracanã precedida pela sua elitização, ao mesmo tempo em que desterritorializou o torcedor de menor poder aquisitivo, não obteve os resultados esperados com a substituição do público-alvo pretendida uma vez que parece não haver um quantitativo suficiente de componentes das classes média-alta e alta disposto a desembolsar valores significativos, de forma contínua, para usufruir das dependências do remodelado equipamento. A existência de áreas ociosas esporádicas e permanentes seria, portanto, a expressão visível desse processo.

O relatório elaborado, em 2014, pelo economista Fernando Ferreira para a PLURI Consultoria³²⁶ estabelece uma análise comparativa entre o preço médio dos ingressos mais

³²² As duas partidas disputadas entre Vasco da Gama e Botafogo, válidas pela decisão do Campeonato estadual de 2016, não foram consideradas nessa análise específica, pois o pequeno total de jogos disputados cuja média de público alcançou a casa dos 51.911 torcedores poderia conduzir a interpretações errôneas acerca da realidade do estádio.

³²³ Média de público total considerando inclusive as entradas destinadas às gratuidades, ingressos de cortesia e frequentadores das cadeiras cativas.

³²⁴ Considerando a capacidade líquida do estádio em 78.165 lugares (descontados os 222 assentos destinados à imprensa, das 78.387 cadeiras disponíveis), seguindo a tabela fornecida pelo escritório de arquitetura responsável pelo mais recente projeto de reforma do Maracanã. Se considerarmos a capacidade oficial de 78.838 torcedores, tal taxa de ocupação média tenderá a cair ainda mais.

³²⁵ Média de público de todas as 205 partidas disputadas entre clubes no período.

³²⁶ Fonte: <http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/pluri%20especial%20-%20precos%20ingressos%20mundo%2014.pdf> Acesso em 25 de junho de 2016.

baratos e a renda per capita de treze nações. Sua conclusão é de que o Brasil, além de apresentar a segunda menor média de público, cobra, proporcionalmente, o valor mais alto pelas entradas. Com uma renda por habitante igual a US\$ 11.208,00, em 2013, e um preço médio de R\$ 51,74 (US\$ 22,72), seria possível a cada cidadão adquirir 495 entradas. À guisa de comparação, cada torcedor argentino, mesmo com uma renda similar, teria condições de comprar 947 ingressos, enquanto o alemão poderia ter acesso a 1.716 *tickets*. Ao longo da temporada 2013/2014, a média de público nos estádios germânicos alcançava um total próximo ao triplo da brasileira³²⁷ (Tabela 6).

Tabela 6 – Comparativo de preços dos ingressos cobrados no Brasil e na Alemanha

País	Preço médio dos ingressos mais baratos		Renda per capita do país – US\$ ano	Nº de ingressos que se pode comprar com a renda per capita	Média de público no último campeonato nacional (ano)
	Em R\$	Em US\$			
Brasil	51,74	22,72	11.208	495	14.951 (2013)
Argentina	27,96	12,22	11.573	947	18.216 (2013)
Alemanha	60,10	26,28	45.085	1.716	43.173 (2013/2014)

Fonte: Fernando Ferreira (PLURI Consultoria). Tabela adaptada.

O autor compreende os preços altos como um, mas não o único, fator responsável pelo esvaziamento dos nossos estádios. No seu entendimento, a política de preços adotada no Brasil exclui parte considerável dos potenciais frequentadores, o que dificultaria a fidelização do torcedor e a possibilidade de auferir ganhos com a venda de produtos dentro do estádio. A má qualidade dos espetáculos, por sua vez, afastaria o torcedor de alto poder aquisitivo, que compareceria em bom número somente nas disputas de maior interesse. Para eles, a ida a uma partida de futebol seria apenas uma entre tantas opções de lazer à disposição desse segmento social. Contesta também a máxima de que o incremento do valor das entradas resultaria do encarecimento dos custos do esporte e de que preços altos estimulariam a adesão a programas de sócio-torcedor. No primeiro caso, haveria uma inversão de valores, pois “é o preço da operação que deve se adequar à demanda e não o contrário” (FERREIRA, 2014, p. 3); no segundo, esse raciocínio seria eficiente somente quando o time estivesse em um momento

³²⁷ Dados referentes ao Campeonato Brasileiro de 2013.

favorável. Sua conclusão é de que não existe um ponto de equilíbrio que possibilite adequar o valor cobrado pelas entradas com a importância do espetáculo oferecido, algo que permitiria um aumento da taxa de ocupação média dos estádios, tornando também o cenário do espetáculo mais interessante para o público telespectador e patrocinadores. Estabelecendo uma comparação entre as Tabelas 5 e 6, é possível notar que o Maracanã, mesmo com uma taxa de ocupação aquém da desejada, cobra valores mais baixos pelas entradas e, também em razão do seu porte, apresenta uma média de público bastante superior à brasileira.

Trazendo a análise para a escala local, existe, na própria legislação que normatiza o acesso dos torcedores aos estádios cariocas, uma série de lacunas que possibilitam a formação de determinados arranjos que permitem (re)popularizar o estádio, na qualidade de espaço vivido quando em comparação com o espaço concebido para os torcedores mais abastados. Trata-se das leis que regulam o acesso com a utilização de gratuidades e meias-entradas.

Como exemplo, um relato pessoal. Por ocasião da partida Vasco da Gama 0x0 Joinville, compareci ao Maracanã acompanhado da minha família. Em razão de portar uma carteira de estudante da UERJ, de minha esposa exercer o cargo de professora da rede municipal do Rio de Janeiro e de minhas duas filhas serem menores de doze anos³²⁸, desembolsamos, para o setor Sul inferior, o total de R\$ 50, correspondente a duas meias-entradas e duas gratuidades, com o valor *per capita* de R\$ 12,50 (1,59% do salário mínimo vigente), ou seja, igual ao preço integral cobrado por um único ingresso. Por sua vez, o gasto com bebidas e alimentação no interior do estádio (R\$ 35³²⁹), somado ao transporte (R\$ 22,20³³⁰), superou a despesa com entradas. Ao término de nosso programa em comemoração ao Dia dos Pais, o custo total alcançou a marca de R\$ 107,20, dispendioso para quem recebe a menor remuneração do país, porém não muito distante do que se gasta em outros eventos típicos de classe média como a ida ao cinema ou a um restaurante, por exemplo.

É verdade que não se deve tomar a parte pelo todo, mas o relato, mesmo de cunho pessoal, representa apenas um entre tantos arranjos possíveis para que se possa questionar a ideia do Maracanã como estádio frequentado pelos mais afortunados (mesmo que fosse essa a sua intenção primordial). O que pretendemos mostrar é que a ação da mão visível do poder público pode facilitar o acesso de determinados grupos e tende a consolidar o estádio, concebido para abrigar um público “seleto”, em um espaço para as classes médias (incluindo

³²⁸ Naquela data, Fernanda e Helena contavam, respectivamente, com seis e três anos de idade.

³²⁹ Valor desembolsado na aquisição de dois copos d'água de 200ml, dois sacos pequenos de batatas fritas onduladas (ambos os produtos ao valor unitário de quatro reais), um saco pequeno de pipoca (cinco reais) e dois cachorros quentes da tradicional marca Geneal (sete reais a unidade).

³³⁰ Seis passagens de metrô a R\$3,70 cada uma. Helena, por ser menor de cinco anos, teve o acesso franqueado.

a classe média-baixa), reforçando o processo que classificamos como elitização relativa. Mesmo assim, as baixas taxas de ocupação média não justificam a cobrança de valores tão elevados. Ao que parece, o novo Maracanã, após a transformação à qual foi submetido, parece enfrentar uma crise de identidade. Deixou de ser frequentado por boa parte de seu antigo público sem ter sido apropriado, na esfera do cotidiano, pela plateia desejada por parte dos atores hegemônicos.

Ainda tecendo considerações acerca da elitização relativa, na mesma competição, o Club de Regatas Vasco da Gama sediou as três primeiras partidas válidas pelo Campeonato Brasileiro de 2015 no nonagenário Estádio de São Januário. Talvez em razão de sua localização em uma porção “esquecida” do tecido urbano carioca, suas instalações tenham escapado ou não conseguido se inserir no processo de arenização em curso, consolidando-se como uma antiarena. Nessas oportunidades, ao preço de R\$ 60, o frequentador adquiria o direito de se sentar em uma arquibancada (descoberta) de cimento, cuja aspereza peculiar carrega consigo reflexos da luta empreendida para a edificação do histórico equipamento esportivo, mas que é percebida por grande parte da assistência atual como símbolo de desconforto³³¹. Ao transferir o local de algumas partidas para o Maracanã, o valor mínimo cobrado por torcedor oscilou entre R\$ 40 e R\$ 50 para ocupar um assento individual em um ambiente concebido de acordo com as normas estabelecidas pelo Padrão-FIFA³³².

A Foto 61 retrata o estádio durante a disputa envolvendo Flamengo e Corinthians, as duas maiores torcidas do país. Ainda que realizada numa tarde ensolarada de um domingo invernal, o público total não alcançou a casa dos 30.000 presentes. Ao preço mínimo de 60 reais, é possível notar, atrás de uma das metas, uma vasta área destinada ao transbordamento da torcida rubro-negra, ocupada por exatos 208 aficionados, que desembolsaram um valor de 70 reais, o mesmo cobrado para a torcida visitante. Nas porções mistas³³³, os setores Leste superior (alto à esquerda) e as duas subdivisões Oeste inferior (à direita) permaneceram fechados. Como contraponto, o confronto envolvendo as equipes com perfil torcedor

³³¹ Malhano (2012) destaca a recusa do então presidente da República, Washington Luís de permitir aos dirigentes do clube a importação de cimento belga (benefício anteriormente concedido ao Jockey Club Brasileiro) mesmo ciente de que o país não dispunha de quantidade suficiente desse produto para um empreendimento de tamanha monta. A solução encontrada pela construtora foi a de misturar em cada pá de cimento, duas pás e meia de areia e três e meia de pedra britada. A quantidade de água utilizada foi reduzida ao mínimo necessário. Durante a execução da obra foram utilizados 6.600 barris de cimento e 252 toneladas de ferro.

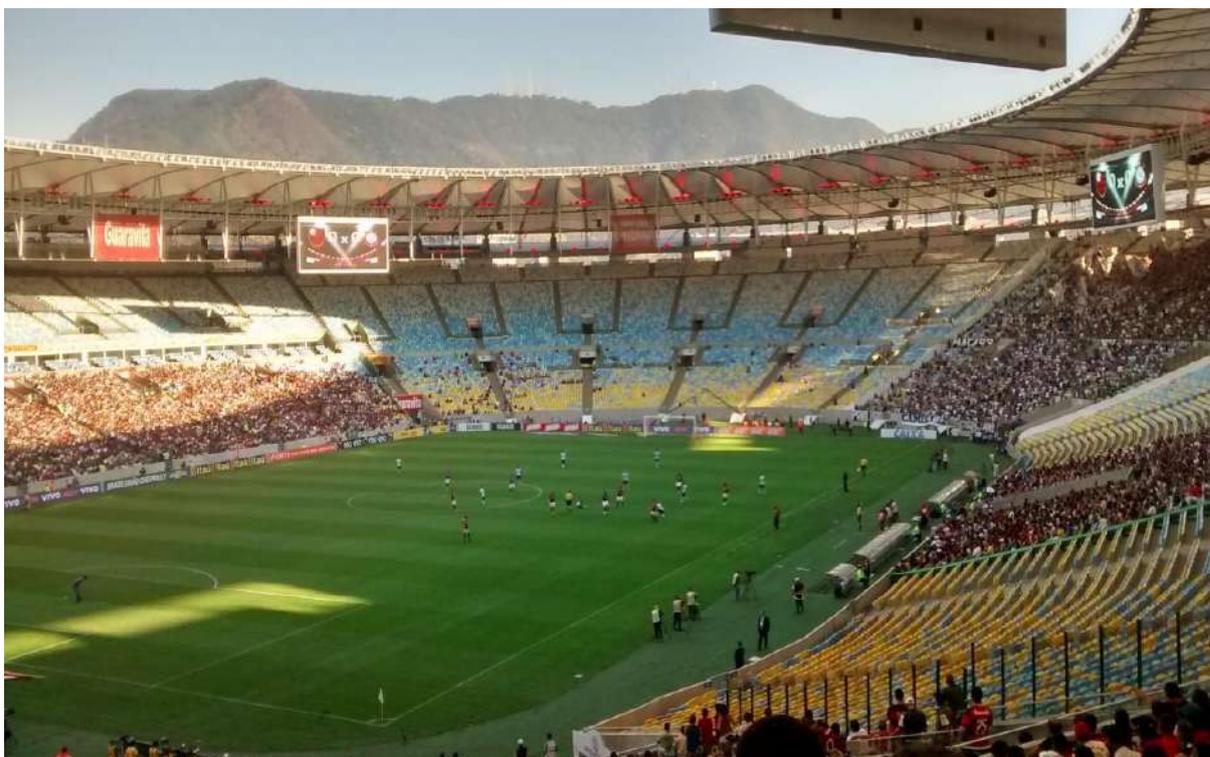
³³² Nas demais ocasiões anteriores e posteriores à transferência dos jogos para o Maracanã os valores cobrados em São Januário variaram entre R\$ 40 e R\$ 80.

³³³ Ingressos vendidos por R\$ 80 para o leste inferior e R\$ 165 (R\$ 120 + R\$ 45) para o Maracanã Mais.

associado às classes menos favorecidas, apresentou, em valores relativos (4,66%³³⁴), a segunda maior proporção de adeptos presentes ao setor *Maracanã Mais* (ao custo de R\$ 165).

Os dados reforçam a opinião de Ferreira de que atrair o maior público possível ao estádio deveria ser a prioridade para os clubes. As áreas ociosas comprovam a inexistência de uma estratégia de *pricing*, quer dizer, um estudo tecnicamente embasado acerca do preço ideal a ser cobrado principalmente pelas porções menos caras.

Foto 61 – As duas maiores torcidas do Brasil e as áreas ociosas do Maracanã



Fonte: O autor (julho de 2015).

Ainda a esse respeito, porém, analisando sob outro prisma, caso não houvesse a lei das gratuidades (válida apenas para os setores Norte e Sul e que destina 10% da capacidade total do estádio para menores de doze anos, idosos acima de 65 anos, pessoas com deficiência, etc.), fortemente questionada pelos dirigentes, por parte do público, da crônica esportiva e, principalmente, pelos administradores do Consórcio Maracanã, dificilmente teríamos o ambiente pacificado que, pouco a pouco, vem se consolidando nas antigas arquibancadas. Tais imposições legais possibilitam um incremento da presença de agrupamentos familiares nos estádios, algo que, além de atrair frequentadores com baixíssimo potencial de periculosidade àquele ambiente, serve para inibir possíveis atos de violências física e verbal e

³³⁴ Somente superada pelos 5,30% da partida Flamengo 4x1 Goiás. Cabe a ressalva de que, nesse dia, o valor cobrado para o Maracanã Mais foi de “apenas” R\$ 145.

danos ao patrimônio administrado pelo próprio Consórcio. Os beneficiários das gratuidades e seus acompanhantes funcionariam como “zonas de amortecimento” nos espaços com maior propensão à ocorrência de conflitos. Devem-se considerar ainda, como efeitos benéficos, a renovação da plateia e o incremento da renda indireta, associados ao consumo de um amplo *mix* de produtos ofertados no interior de suas instalações.

Estratégias de ocupação dessas áreas ociosas também podem ser adotadas via parceria dos promotores do espetáculo com a iniciativa privada. Para a partida Fluminense 1x2 Vasco da Gama³³⁵, houve a realização da promoção *Torcida Extra*, patrocinada pelo jornal Extra (voltado para a classe C e editado pela Infoglobo, braço editorial das Organizações Globo). Cada cupom recortado da capa das edições de 13 a 17 de julho de 2015 permitiria abater a quantia de dez reais na compra de um ingresso para o setor misto Leste superior, fechado durante todo o campeonato, que seria vendido nas bilheterias a R\$ 80 (Foto 62³³⁶). Dessa forma, seria possível assistir à partida pagando R\$ 30 (valor equivalente a uma meia-entrada para os setores Norte e Sul, de perfil mais popular) caso o torcedor apresentasse os cinco cupons (um para cada dia da promoção). No total, foram vendidas 4.661 entradas³³⁷, que proporcionaram uma arrecadação bruta de R\$ 301.680,00, correspondente a um sexto da renda total. Ações de *marketing* organizadas por empresas parceiras serviriam, portanto, como recurso para aumentar a arrecadação e promover a ocupação de áreas ociosas.

Foto 62 – Cupons promocionais do jornal Extra



Fonte: O autor (julho de 2015).

³³⁵ Jogo 20, realizado em 19 de julho de 2016.

³³⁶ Como não consegui acesso à edição de 14 de julho de 2015, paguei o valor de R\$ 40 pelo ingresso, equivalente à meia-entrada.

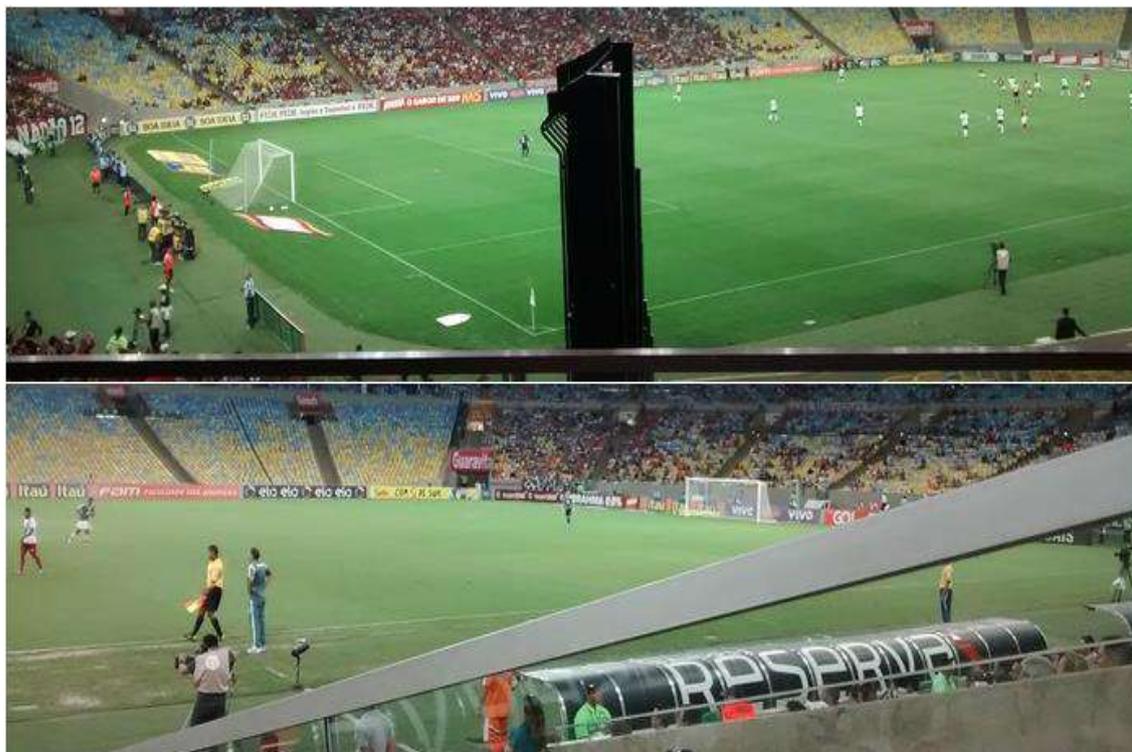
³³⁷ 2.881 – preço cheio; 1.780 – meias-entradas.

Parece não existir, por parte dos administradores da concessão pública, a compreensão de que o espaço percebido do estádio, dotado de múltiplas possibilidades de uso, resulta da soma de “dois Maracanãs”: o “primeiro Maracanã” é o do espaço vivido pelo torcedor, voltado ao cotidiano e relacionado à quase totalidade das partidas disputadas no estádio. Nele, deveria se estabelecer como prioridade o ganho em escala, que implicaria, a médio e longo prazo, formação, renovação e fidelização de uma plateia do futebol, mesmo que, para isso, os valores cobrados pelos ingressos sejam fixados em um patamar inferior ao almejado. Altas médias de público contribuiriam para “girar” a economia interna do estádio a partir da renda auferida com o aluguel de espaços comerciais e publicitários, além da venda de produtos ao público frequentador dos bares, lojas e demais espaços comerciais. Também o “produto” futebol como espetáculo midiático tenderia a se tornar mais atraente, seja para o público externo, seja para os anunciantes. O “segundo Maracanã” é o dos eventos e megaeventos, ou seja, do espaço concebido. Apresentações musicais, partidas de futebol de caráter decisivo e eventos pontuais relacionados especialmente aos segmentos do esporte e do entretenimento se enquadrariam nessa categoria. O Maracanã do cotidiano serviria para bancar ou mitigar eventuais perdas financeiras decorrentes dos elevados custos de manutenção do remodelado equipamento. O lucro da operação caberia, por sua vez, ao Maracanã dos (mega) eventos.

4.7 A ação do GEPE e a torcida visitante

O “novo” Maracanã, em razão de ter sido projetado para um tipo de público característico dos megaeventos esportivos e eventos alheios ao futebol, necessitou de algumas adaptações para se adequar ao uso cotidiano. Uma das principais intervenções foi a colocação de grades inter e intrassetoriais como forma de separar o público e de se adequar à legislação local que prevê um décimo da carga total de ingressos destinada à torcida visitante. Tais alterações, além de acarretarem a criação de um considerável número de “pontos cegos” (Foto 63), ou seja, assentos com o campo de visão do torcedor parcialmente coberto por qualquer tipo de obstáculo físico, criaram uma série de dificuldades operacionais para a administração do consórcio e para o policiamento.

Foto 63 – Pontos cegos encontrados nos setores Norte superior e Maracanã Mais



Fonte: O autor, 2015.

No novo estádio, a torcida visitante permanece confinada nos níveis inferior e/ou superior da porção Norte, ou, quando o mando de campo pertence ao Flamengo, na parte Sul. Por não ter sido concebido com partições destinadas a abrigar torcedores adversários, o Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (GEPE) adota uma série de estratégias que regulam o acesso, a permanência e a distribuição pelo estádio desses coletivos forasteiros. Em 2015, tivemos a oportunidade de acompanhar *in loco* o comportamento das torcidas dos seguintes clubes: Santos, Atlético Mineiro, Cruzeiro e Grêmio, além de observações indiretas dos seguidores de Paysandu (na divisa com o setor Leste inferior), São Paulo (junto ao setor Sul superior rubro-negro) e Palmeiras (nos arredores do estádio). No ano seguinte, assistimos às partidas ao lado de torcedores do Corinthians (ver seção Flamengo 2x2 Corinthians: uma sucessão de equívocos) e Vitória. A disputa Flamengo 0x0 Botafogo³³⁸ marcou uma situação pitoresca para o torcedor carioca: adotando o princípio da reciprocidade, a diretoria rubro-negra destinou a carga mínima prevista à torcida adversária, confinada em dois subsectores da parte Sul.

Assim como ocorre com a torcida dos quatro principais clubes cariocas, as equipes visitantes apresentam dois grandes grupos formados por torcedores avulsos e coletivizados.

³³⁸ Jogo 47, realizado em 05 de novembro de 2016.

Entre eles, poderíamos acrescentar uma distinção entre residentes e não residentes na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Há, também, uma relação direta entre o adversário e o perfil do torcedor que comparece ao estádio para apoiá-lo.

Equipes locais de menor expressão ou tradicionais geograficamente distantes, com torcidas fortemente localizadas nas suas cidades-sede, costumam ser confinadas em uma única partição do subsetor destinado à sua presença. Percebe-se o claro predomínio de torcedores avulsos. Os poucos coletivizados geralmente pertenciam a núcleos locais das torcidas tradicionais e compareciam com poucas faixas e bandeiras. Destaque para a torcida do Paysandu cuja presença ultrapassou a marca dos mil componentes em partida disputada contra o Fluminense, válida pela Copa do Brasil³³⁹. A empolgação do setor Norte (nível 1) contrastava com a apatia do setor Leste (misto) a ponto de, durante o intervalo, presenciar uma jovem torcedora do Paysandu gesticulando enquanto tentava convencer um segurança a trocar de setor. Este, por sua vez, pacientemente explicava que isso não seria possível. Ela procurava argumentar: “Mas eu sou paraense!”. De nada adiantaram os seus apelos. A expressiva presença de público, a distância superior a três mil quilômetros entre Belém e Rio de Janeiro e a presença de bandeiras do estado do Pará misturadas à do clube reforçam a impressão de que o jogo de futebol representaria um duplo reencontro identitário: com o clube e com a longínqua terra natal³⁴⁰.

Grandes equipes do eixo São Paulo – Minas Gerais exigiam uma logística mais sofisticada por parte do policiamento e do Consórcio com a distribuição da plateia seguindo o mesmo padrão estabelecido para as equipes mandantes. Na porção inferior, torcedores avulsos de perfil familiar (cheguei a presenciar um policial do GEPE indicando a uma família de torcedores do Santos para que se dirigisse ao nível 1); nos níveis 2 e 5, por sua vez, era possível perceber a presença de avulsos sozinhos ou acompanhados de amigos. Ao que parece, o fato de estarem representando as cores do time do coração em um território hostil, somado à saudade da terra natal e ao encontro com os seus pares, contribuía para reforçar a paixão torcedora. Caberia a esse indivíduo “expatriado” o “dever cívico” de defender as cores do clube, assumindo, dessa maneira, comportamentos ativos, diferentes do usual quando estão “em casa”. Era possível também identificar algumas bandeiras e torcedores vestidos com

³³⁹ Jogo 26, realizado em 20 de agosto de 2015.

³⁴⁰ Luiza dos Anjos, ao tratar da formação da *Trilegalo*, composta por atleticanos residentes em Porto Alegre, destaca o papel do futebol como agente mediador de sociabilidades a partir da sobreposição entre os sentimentos clubístico e regional. Fonte: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/sobre-viver-e-torcer-longe-de-casa/> Acesso em 21 de novembro de 2016.

camisas ligadas aos MOTs tradicionais e outras de torcidas locais, caso da *Cariogalo*, vinculada ao Atlético Mineiro.

Esse ambiente festivo tinha o seu poder amplificado pela chegada, geralmente com a partida em andamento, dos componentes das caravanas. Há uma expressiva participação de torcedores vinculados aos MOTs que, em razão da proximidade geográfica tanto das cidades-sede quanto da existência de núcleos em locais relativamente próximos ao Rio de Janeiro, permitem um deslocamento pendular com a saída, permanência e retorno num período inferior a 24 horas. Estes, com suas bandeiras, instrumentos musicais e cânticos, trazem uma nova vida a um setor no qual a maior parte dos torcedores presentes encontra-se predisposta a participar ativamente da festa; enfrentam cansativas viagens em ônibus fretados e em estado precário de conservação; são escoltados pelo policiamento do GEPE desde a entrada no estado do Rio de Janeiro até a chegada ao Maracanã e, ao fim da partida, no sentido inverso; e após uma minuciosa revista, pouco a pouco têm o acesso permitido ao estádio. Para esses indivíduos, o pré e o pós-jogo parecem assumir uma importância que suplanta a própria partida de futebol. A torcida representa uma parte maior do que o todo, nesse caso, o time do coração e o próprio futebol.

Além da escolta, da revista e da entrada com a partida em andamento, o GEPE adotava outras táticas preventivas destinadas a evitar confrontos entre torcedores rivais. Em partidas de maior apelo, onde havia contato direto com o subsetor vizinho destinado exclusivamente à torcida mandante, havia, do lado da torcida local, uma lona branca cobrindo de cima a baixo cerca de cinco fileiras de assentos e, na parte destinada aos visitantes, uma barreira formada por um pequeno contingente de policiais, atitude que afastava os dois núcleos. Curiosamente, tal estratégia praticamente inexistia na porção limítrofe com os setores mistos. Como relatado em outro item, parece haver a percepção de que esses indivíduos careçam de uma paixão torcedora associada ao fanatismo clubístico, que os desqualificaria como torcedores “legítimos”. A abordagem a comportamentos exagerados se fazia de forma enérgica, porém sem o uso da violência. Em 2015, o único confronto que testemunhei envolvendo policiais e torcedores teve a área externa localizada junto ao Museu do Índio como palco.

Uma hora antes da partida Fluminense 2x1 Palmeiras, válida pela Copa do Brasil, um grupo formado por cinco palmeirenses (nenhum deles aparentemente ligado a qualquer torcida organizada) gritava o nome do clube e ofendia os torcedores adversários que passavam a uma distância de cerca de 20 metros. Um dos componentes prosseguiu com os insultos e procurou se aproximar dos transeuntes tricolores de forma agressiva. De imediato, policiais do GEPE e guardas municipais se aproximaram do grupo. De forma educada, porém firme,

um agente exigiu que o torcedor exaltado se acalmasse. Devido à não obediência, houve o cerco ao quinteto. A intervenção da Guarda Municipal marcou a diferença de postura e de preparo entre os dois grupamentos responsáveis pela segurança do espetáculo, pois não tardou para que um guarda golpeasse com o cassetete a cabeça de um componente do grupo (que não era o mesmo que iniciara a confusão), ocasionando um sangramento imediato. Tal ato provocou indignação entre os palmeirenses. O agredido, após se recuperar do golpe, partiu enfurecido em direção aos guardas municipais, procurando identificar o nome do seu agressor. Os demais agentes fizeram uma barreira para proteger o colega. Os policiais do GEPE procuraram dispersar o tumulto com o auxílio de policiais montados a cavalo, além de também protegerem o agressor. Mesmo diante desse ato extremo, o historiador pernambucano Rodrigo Carrapatoso, que me acompanhava na ida ao estádio, expressou uma impressão favorável acerca da forma como a situação fora conduzida pelo GEPE. Segundo seu relato, ao cercar imediatamente a área de conflito, o policiamento especializado impediu que a situação fugisse de controle (muitos torcedores próximos não perceberam a gravidade do ocorrido). Em Pernambuco, prosseguiu, o policiamento (formado pelo Batalhão de Choque, sem o devido preparo para atuar especificamente em estádios de futebol) faria uso imediato de práticas violentas como o uso de cassetetes, a utilização de animais da Cavalaria e o lançamento de *spray* de pimenta sobre os torcedores e passantes.

Voltando à área interna, outra estratégia adotada em certas ocasiões consistia em avisar nos telões do estádio que a torcida visitante somente poderia deixar o estádio até os 40 minutos da segunda etapa ou após a saída da torcida local. Nessas ocasiões, especialmente em partidas marcadas para o horário noturno, percebe-se um maior esvaziamento do nível inferior quando em comparação ao superior. O temor de conflitos na parte externa, a oferta insuficiente de transportes públicos e o fato de muitos trabalharem ou estudarem na manhã seguinte constituem fatores de repulsão dos torcedores avulsos. Para os organizados, por sua vez, em razão do maior fanatismo e de seguirem de volta para casa durante a madrugada acompanhando a caravana da torcida, o tempo de permanência no estádio parece irrelevante.

Por ocasião da partida Flamengo 2x2 Santos tive a oportunidade de permanecer por mais de uma hora com a torcida visitante e pude observar o comportamento desses indivíduos enquanto aguardavam a saída de aproximadamente 60.000 torcedores rubro-negros e a liberação do policiamento. Nessa altura, mesmo com a disputa tendo encerrado por volta das 18 horas de um domingo, a porção inferior encontrava-se praticamente vazia em razão do anteriormente citado predomínio de torcedores avulsos radicados na cidade e arredores, que optaram por deixar o Maracanã minutos antes do encerramento da partida. No nível 2, os

componentes dos MOTs, que exercem funções predeterminadas dentro dos agrupamentos aos quais pertencem, preparavam calmamente o retorno. Primeiro, guardaram as faixas, depois, recolheram as bandeiras e, por último, os instrumentos musicais. A circulação dos torcedores era permitida dentro do espaço da arquibancada e da área interna (policiais postados junto a uma grade móvel que corre sobre um trilho, impediam a saída dos adeptos). Os bares permaneceram abertos. Muitos aguardavam sentados nos corredores. Ao retornar à arquibancada, percebi a presença dos seguranças privados, não para conter maus comportamentos, mas sim para verificar possíveis danos causados ao patrimônio do estádio. Nesse instante, pude ouvir o interessante relato de um componente da *Torcida Jovem*. Conversando com amigos, lamentava a falta de apoio às torcidas organizadas que, no seu entendimento, enfrentavam um lento e contínuo processo de sufocamento. Após elogiar a atuação do GEPE, compreendia que a única saída para conter possíveis atos de selvageria a elas associados residiria no apoio da diretoria da equipe adversária à preservação da integridade física da torcida visitante. Prevaleceria, portanto, o princípio da reciprocidade.

Após uma hora de espera, pouco a pouco a torcida santista pôde deixar o estádio. Um líder da *Torcida Jovem* pediu para que os componentes da caravana permanecessem no local, pois o grupo deveria seguir junto em direção aos ônibus. A grade, entretanto, permanecia apenas entreaberta. Os policiais do GEPE ordenavam aos torcedores uniformizados que tirassem as camisas com qualquer símbolo alusivo à agremiação. Na parte externa, sob o olhar atento de um forte contingente de policiais e guardas municipais, torcedores avulsos seguiam o seu caminho sem serem molestados.

Seguindo uma linha de raciocínio similar à proposta pelo torcedor santista, porém por um caminho diverso, o geógrafo e advogado Adriano Ribeiro, em conversa informal durante o intervalo da partida Flamengo 1x0 Orlando City³⁴¹, tecia críticas à linha de ação adotada pelo grupamento. No seu entendimento, a polícia fluminense “trata muito bem a torcida adversária”, o que não ocorre quando times cariocas atuam fora do estado. Como exemplo, citou o fato de que ele e seu irmão (que pertencem à *Fla Clones*, um pequeno MOT com pouco mais de dez componentes) tiveram de deixar o estádio de Joinville (SC) dentro do porta-malas de um carro. De acordo com a sua linha de raciocínio, um tratamento ruim dado à torcida visitante obrigaria os adversários a oferecer um bom tratamento à torcida rubro-negra para que os seus adeptos voltassem a gozar do mesmo “privilégio” quando jogassem no Rio de Janeiro. Criticava também a extensão do setor destinado à torcida visitante. Procurei

³⁴¹ Jogo 41, realizado em 15 de novembro de 2015. O autor do relato consentiu a divulgação do conteúdo na tese.

retrucar citando o Estatuto do Torcedor. Ele respondeu dizendo que apenas o Rio de Janeiro cumpria essa determinação e que, em outros estados, essa área costuma ser muito menor e menos protegida em relação aos torcedores locais.

Terminada a fase de observações relacionadas ao ano de 2015, considerávamos a ação do GEPE, direcionada à prevenção de conflitos, como um dos principais pontos positivos da nova arena. Entretanto, no ano seguinte, talvez em razão da mudança de comando do Major Florenzano para o Major Silvio Luiz (ocorrida ainda ao longo de 2015), houve uma clara involução quanto à eficiência das ações praticadas por seus agentes. Atitudes desastradas como o impedimento à entrada dos ônibus da caravana de torcedores do Palmeiras em direção ao Estádio Luso-Brasileiro (rebatizado como Arena Botafogo) e a agressão a torcedores organizados do Atlético Mineiro, próximo ao Estádio Giulite Coutinho, em Mesquita, alteraram sobremaneira a percepção dos torcedores visitantes a respeito do grupamento. Procuraremos mostrar como a adoção de medidas equivocadas (e exageradas) contribuiu para a ocorrência de atos indesejáveis relacionados ao pré-jogo, ao jogo e ao pós-jogo. No caso específico do Maracanã, estabeleceremos uma comparação entre as duas partidas envolvendo Flamengo e Corinthians. Para uma melhor compreensão, recorreremos a uma análise dos borderôs e das nossas idas a campo.

4.7.1 Flamengo 2x2 Corinthians: uma sucessão de equívocos

Há tempos uma partida sem caráter decisivo não mobilizava tamanha atenção por parte dos meios de comunicação e, conseqüentemente, do público que acompanha, ainda que a certa distância, o futebol. Tal expectativa teve como reflexo a intensa procura por entradas. Tratava-se da reabertura do Maracanã após a disputa dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos e o primeiro encontro da torcida rubro-negra com o estádio em 2016. O segundo lugar da equipe no Campeonato Brasileiro, com perspectivas reais de chegar ao título da competição, constituiu outro importante fator de atração. Os altos valores cobrados pela diretoria não arrefeceram o interesse do torcedor, obrigado a enfrentar filas físicas e virtuais para voltar a ter a oportunidade de apoiar a equipe.

Em pouco mais de 24 horas, praticamente todas as pouco mais de 54.000 entradas disponíveis haviam sido comercializadas para sócios-torcedores (primeiramente) e público em geral. Rapidamente esgotaram os setores mais “baratos” (Norte a R\$ 80, mas com a

possibilidade de, dependendo do plano de sócio-torcedor, adquirir a meia-entrada por R\$ 20³⁴²) e o mais caro (Maracanã Mais a R\$ 225 sendo R\$ 180 pelo ingresso e R\$ 45 pelo serviço de *buffet*). Restaram para a venda em postos físicos, na quinta-feira, dia 20, somente 3.500 *tickets*, mesmo assim em razão de uma decisão da diretoria do clube “em respeito aos torcedores” que passaram a noite esperando a abertura das bilheteiras especialmente no Maracanã.

Após uma tentativa frustrada de comprar ingresso no ponto de venda localizado na loja HS Sports, no bairro da Tijuca, que incluiu a espera numa imensa fila das 9h40 às 13h20, quando todas as entradas foram definitivamente comercializadas, resolvi assistir à partida com os adeptos da equipe paulista. Entretanto, em razão de uma decisão em conjunto do GEPE com os promotores da partida, após o fim da venda pela internet, somente postos físicos localizados na cidade de São Paulo disponibilizaram ingressos para a torcida visitante. Restava apenas comparecer ao estádio no dia da partida em busca de um *ticket*.

A composição do metrô linha 1 que seguiu da Glória em direção à estação Estácio apresentava uma forte presença de rubro-negros. Muitos conversavam, o barulho estava alguns decibéis acima do habitual, mas nada anormal. Somente na plataforma de embarque para a linha 2 é que o público começou a se manifestar emitindo gritos de *Mengo!*, músicas de exaltação ao clube e depreciativas aos rivais locais, especialmente o Vasco da Gama. Durante o deslocamento, a festa prosseguiu com o teto e as laterais dos vagões servindo como apoio para uma bateria improvisada.

Na saída da estação Maracanã, os cambistas em vez de oferecerem ingressos procuravam comprá-los. Seguindo pela rampa da UERJ, era possível ouvir sucessivas explosões de fogos de artifício. Pude avistar um conflito na passarela de acesso aos trens administrados pela Supervia. Um homem foi derrubado, agredido e, segundo relatos de quem estava por perto, teve seus ingressos roubados por pessoas que se dirigiam ao estádio (especulavam que seria um cambista). Olhando para baixo, um grupo de policiais cercava alguns indivíduos sem camisa (suponho que também fossem cambistas). Havia uma forte tensão no ar. O confronto envolvendo torcedores e policiais parecia iminente (Foto 64).

³⁴² Benefício cumulativo com o desconto de 50% concedido ao proprietário do título e seu(s) acompanhante(s).

Foto 64 – Parte externa do Maracanã uma hora antes do início da partida



Fonte: O autor (outubro de 2016).

Caminhando pelos arredores do complexo esportivo, constatei o estado de abandono do Estádio de Atletismo Célio de Barros, transformado em um imenso depósito de lixo e, em menor grau, do Parque Aquático Julio Delamare (sem os assentos das arquibancadas). Em razão da administração do evento estar a cargo do Flamengo, houve uma troca da empresa responsável pela contratação de orientadores de público. Estes, vestidos com coletes amarelos, procuravam dirimir eventuais dúvidas sem, entretanto, a mesma eficiência de seus antecessores. Quando perguntei a um deles onde deveria comprar ingressos para a torcida visitante (sabia de antemão acerca da impossibilidade), o funcionário respondeu que não teria como me informar, mas acreditava que não havia entradas à venda. Solicitou então que eu seguisse rumo ao acesso B. Havia extensas filas formadas nas bilheteiras destinadas à troca dos *vouchers* por ingressos e nos acessos destinados à entrada dos adeptos rubro-negros.

Ao passar pela Rua Professor Eurico Rabello, avistei um bloqueio provisório formado por policiais montados a cavalo, impedindo a passagem dos torcedores, enquanto os ônibus com as caravanas de corinthianos desembarcavam os componentes dos MOTs vinculados ao clube. Indignado, um torcedor do Flamengo criticava a atitude da PM: “– *Chega lá, eles abrem espaço pra bater na gente! Aqui, eles querem fazer escolta!*”. Mesmo com todo esse

“zelo”, presenciei o instante no qual um policial do GEPE golpeou com o cassetete um corinthiano retardatário. Logo após, os ânimos serenaram e a via de circulação foi reaberta.

Terminada esta etapa, resolvi permanecer ao lado da grade do acesso B (destinado à entrada da torcida do Corinthians), próximo ao Estádio Célio de Barros, com o intuito de adquirir uma entrada. Iniciei minhas prospecções perguntando a um vendedor ambulante se havia alguém disposto a comercializá-las. Ele me indicou uma senhora. Perguntei o valor da entrada, e ela disse que estava para chegar um cambista que cobrava R\$ 250 (valor oficial a R\$ 100). Informei que não teria condições de comprar, pois não dispunha de tamanha quantia. Ela disse que não assistiria à partida, pois vendera seu próprio bilhete por R\$ 230. Passados alguns minutos, presenciei o homem anteriormente citado negociando entradas por R\$ 200 com outro torcedor. Nesse ínterim, inúmeras foram as trocas de ofensas envolvendo torcedores avulsos rubro-negros e corinthianos (avulsos e coletivizados) que haviam transposto a primeira barreira de controle ao acesso B. Adotando um tom distante da galhofa habitual, os flamenguistas aludiam à falta de praias da capital paulista e a uma pretensa ausência de belezas naturais daquela cidade. Os alvinegros, por sua vez, desafiavam os cariocas para o enfrentamento físico, alegando que os anfitriões somente emitiam provocações em razão da separação feita por grades e da presença do policiamento do GEPE, que, de tempos em tempos, procurava dispersar o público. Não foram poucos os momentos nos quais os policiais ameaçaram tirar os cassetetes como estratégia de intimidação ou mesmo de uma ação mais contundente.

Ao meu lado e assistindo a tudo em silêncio, um rapaz de aparência humilde e com idade estimada em pouco mais de 18 anos se aproximou de mim para saber se eu possuía algum ingresso. Disse que me encontrava em situação semelhante. Ele reclamava dos altos valores cobrados pelos cambistas e da inexistência de postos de venda no Rio de Janeiro. Em 2015, pagara R\$ 40 (valor da meia-entrada) por um *ticket* comprado na bilheteria do estádio e não havia tamanha tensão no ambiente. Desolado, pediu para que eu lhe indicasse a direção da Avenida Maracanã, onde, segundo ele, torcedores do Corinthians se reuniram para assistir à partida em um bar.

Cerca de 20 minutos antes do início do jogo, outro jovem se aproximou questionando se eu gostaria de adquirir uma entrada por R\$ 150, o mesmo valor que pagara (segundo o seu relato). Respondi de modo negativo. Logo após, se aproximou e, com um tom de voz (ainda) mais baixo, disse que “abriria o jogo” comigo. Tratava-se de um torcedor do Flamengo (fez questão de exibir, com o devido cuidado, parte de uma camisa alusiva à equipe vestida sob o agasalho), que temia ser detido na revista, pois portava consigo outros símbolos do clube

dentro da mochila. Identifiquei-me como pesquisador e reforcei que não poderia pagar a quantia por ele estabelecida. Desejei boa sorte e comentei que permaneceria no local por mais alguns minutos. Por volta das 16h45, retornou dizendo que resolvera aceitar a minha proposta e que procuraria adquirir uma entrada para outro setor. Realizada a transação numa rua transversal, entrei no Maracanã faltando pouco mais de dez minutos para o apito inicial.

Dentro do estádio, percebi que o nível 1 (onde tradicionalmente se concentram torcedores avulsos e famílias) encontrava-se fechado. A estratégia dos organizadores de limitar a venda via internet para corinthianos a um curto período, compreendido entre a noite de quarta-feira e a manhã de quinta-feira e, depois disso, somente em postos físicos na cidade de São Paulo, influenciou sobremaneira o perfil do público. Ao chegar ao nível 2, constatei que havia um quantitativo pouco expressivo de torcedores (para os padrões do clube). Prevalciam os componentes dos MOTs, com destaque para *Camisa 12, Pavilhão 9, Estopim, Fiel Macabra* e *Coringão Chopp*, que cantavam e dançavam animadamente ao som de instrumentos de percussão, exibiam bandeiras e, no caso da *Fiel Macabra*, uma faixa segura por um torcedor em cada ponta.

Como estratégia de contenção, foram utilizadas cordas que ampliavam a separação do público visitante com a grade intrassetorial, o cordão de policiais e, a partir do segundo tempo, os soldados do Batalhão de Choque. Desta feita, o policiamento esteve presente também na porção vizinha (apenas a superior) destinada aos rubro-negros. Os poucos torcedores avulsos buscavam a extremidade voltada para os camarotes Oeste e cadeiras cativas/perpétuas, além do nível 5 sem presença expressiva de agentes repressores (Foto 65).

Durante todo o período de permanência no estádio, não tomei conhecimento do confronto ocorrido minutos antes envolvendo policiais e torcedores do Corinthians, que culminou com a agressão sofrida por um dos agentes do GEPE, amplamente divulgada por diferentes setores da mídia.

Foto 65 – Ação policial concentrada apenas em um dos lados da divisa entre torcedores corinthianos e avulsos rubro-negros do setor Sul



Fonte: O autor (outubro de 2016).

Iniciada a partida, os corinthianos cantavam incessantemente músicas de incentivo ao time. O gol nos primeiros minutos amplificou ainda mais os festejos. Pouco depois, o empate da equipe mandante. Nos dois tentos, a reação dos visitantes foi a mesma: exhibir o dedo do meio em direção aos setores Sul e Norte rubro-negros (não presenciei a reprodução do mesmo gestual em direção à porção destinada aos camarotes e cativas). O “duelo” comum em todas as vezes que há o transbordamento da torcida do Flamengo para o setor Sul praticamente não ocorreu, ficando restrito a trocas de ofensas bastante distantes, pois o policiamento criara uma vasta área livre da presença de torcedores no espaço compreendido entre as pilastras 11 e 14, contando com a grade de separação, um cordão de policiais (apenas no lado do Corinthians) e uma lona branca de cada lado da grade.

Com a partida empatada em 1x1, notei um princípio de confusão envolvendo policiais e torcedores do Corinthians. Pude ver faixas e, logo após, bandeiras sendo recolhidas. Ainda sem saber do confronto anterior, fiquei intrigado com a agressividade exacerbada do policiamento e o fato de muitos corinthianos não se intimidarem diante da presença do GEPE. Numa ação coordenada, os suspeitos “cercavam” os policiais procurando confundi-los. Em

meio à confusão, avistei um menino branco (idade estimada em torno dos dez, onze anos) sendo “escondido” por torcedores mais velhos. Um dos MOTs mais exaltados era a *Coringão Chopp* (creio que o menino fizesse parte dela), algo que me deixou ainda mais intrigado, pois um dos princípios que regem as torcidas *chopp* é beber e torcer em paz. Cheguei a ver (mais de uma vez) um policial erguer seu armamento (parecia um fuzil ou metralhadora) na diagonal como se fizesse menção em utilizá-lo.

Com certa frequência era possível observar policiais seguindo em direção aos MOTs mosqueteiros carregando consigo um ou outro torcedor. O segundo gol do Corinthians, bem no final do primeiro tempo, foi menos comemorado do que o anterior em razão de uma nova situação tensa que opunha torcedores e policiais nas arquibancadas. Por sua vez, a tensão reinante no setor (entremeada por momentos de violência) contrastava fortemente com o lado oposto, onde (junto aos camarotes e cativas) não havia policiais, e alguns torcedores avulsos ultrapassaram a lona branca para assistir, em pé e em paz, à partida junto à grade.

Durante o intervalo, perguntei a um policial se seria mantido o esquema do ano passado no qual a torcida visitante deveria sair até os 40 minutos do segundo tempo. Ele afirmou que talvez fosse antecipada a saída para os 35 minutos. Quis saber se haveria algum aviso nos telões. Sua resposta foi positiva.

Na segunda etapa, os ânimos serenaram um pouco. Os policiais do Batalhão de Choque se juntaram aos do GEPE e formaram um cordão de isolamento ao lado da grade divisória com o Sul rubro-negro. Um componente da *Coringão Chopp* foi cercado por policiais que o isolaram dos demais integrantes, sendo, ao que tudo indica, conduzido para outro local. Pouco depois, novo empate do Flamengo.

Assim que foi emitido o aviso de que a torcida visitante deveria permanecer no estádio aguardando liberação do GEPE, segui acompanhado por um pequeno grupo em direção à saída. No portão do nível 2, policiais solicitavam para que ninguém saísse sem camisa. No corredor, alguns torcedores do Corinthians. Descendo a rampa, outros policiais subiam ladeados por cães da raça pastor alemão (Foto 66). Ao chegar ao último portão, os seguranças e demais agentes da lei proibiram a nossa saída. Alguns argumentaram dizendo que a passagem fora autorizada pelo próprio policiamento. Após um contato via rádio, fomos os últimos a deixar o Maracanã.

Foto 66 – Chegada de policiais acompanhados de cachorros da raça pastor alemão pouco antes do término da partida



.Fonte: O autor (outubro de 2016).

Somente após chegar a casa, tomei conhecimento do ocorrido no setor Sul superior 30 minutos antes do início da partida, ao acessar o perfil da emissora Esporte Interativo na rede social *Facebook*. A cena dos torcedores corinthianos ocupando os assentos do nível 2, sem camisa, à espera da liberação do policiamento causava perplexidade. No total, mais de 60 detidos, dos quais 30 continuaram presos até o início de 2017 e um menor de idade foi apreendido. Acreditamos que a mudança de estratégia adotada pelo policiamento e pelos organizadores da partida, relacionada à venda de ingressos, ao acesso e à permanência da torcida adversária no estádio, tenha contribuído sobremaneira para o agravamento da extensão dos distúrbios. A Tabela 7 contém dados acerca da presença de público durante as três partidas disputadas pelo Corinthians, no Maracanã, em 2015 e 2016.